

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
MARIA CECÍLIA MARCHI PELLEGRINI

CRIANÇAS E ADOLESCENTES EXCLUÍDOS INCLUEM O
TEATRO NA EDUCAÇÃO

Uma experiência no Centro de Estudos e Promoção da Mulher
Marginalizada – CEPROMM, Jardim Itatinga – Campinas / SP

Americana – São Paulo
2004

MARIA CECÍLIA MARCHI PELLEGRINI

**CRIANÇAS E ADOLESCENTES EXCLUÍDOS INCLUEM O TEATRO
NA EDUCAÇÃO**

**Uma experiência no Centro de Estudos e Promoção da Mulher
Marginalizada – CEPROMM, Jardim Itatinga – Campinas / SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação Sócio-Comunitária, sob orientação do Prof. Dr. Augusto Novaski.

Americana – São Paulo
2004

Maria Cecília Marchi Pellegrini

**CRIANÇAS E ADOLESCENTES EXCLUÍDOS INCLUEM O
TEATRO NA EDUCAÇÃO**

**Uma experiência no Centro de Estudos e Promoção da Mulher
Marginalizada – CEPROMM, Jardim Itatinga – Campinas / SP**

Aprovado em _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA :

Prof. Dr. Augusto João Crema Novaski - orientador

Prof. Dr. Francisco Cock Fontanella

Prof. Dr. Luís Antonio Groppo

Aos meus pais José (in memoriam) e Ida, pela educação estruturada no respeito ao próximo.

Ao meu marido Flávio e minhas filhas: Flávia, Rafaella e Gabriella, pela ajuda, carinho e compreensão.

À toda comunidade do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada - CEPROMM, que me mostrou o valor do trabalho em grupo, em prol dos excluídos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Augusto Novaski, pelos caminhos apontados, pelo estímulo e apoio durante esta pesquisa. Fonte inesgotável de saberes e dedicação profissional humanista.

Ao professor Dr. Luís Antonio Groppo e à profa. Dra. Olinda Maria Noronha, pelo companheirismo e paciência ao meu lento ritmo para assimilar assuntos tão complexos como o neoliberalismo e a práxis. Verdadeiros educadores na relação ensino-aprendizagem.

Aos professores Dr. Régis de Moraes, Dr. João Ribeiro Junior, Dr. Pe. Manoel Isaú e Dr. Severino Barbosa, que me introduziram no saber acadêmico da educação sócio-comunitária, fundamentados na ação/reflexão/atuação.

Ao diretor de pesquisa e pós-graduação Prof. Dr. Luiz Fábio Mesquiati e ao coordenador do curso de educação sócio-comunitária Prof. Dr. Paulo de Tarso Gomes, pelo apoio e incentivo às minhas participações nos eventos acadêmicos, onde pude expor a presente pesquisa.

Aos funcionários do Unisal: Fernando Custódio e Clemir R. de Lucca, pela prontidão que sempre me demonstraram.

Às amigas: Nádia Eidt, mestre em psicologia escolar e à Maria Ceci Rego Martins, mestre em educação, pelas várias horas de conversas, discussões, reflexões e opiniões, sempre prontas à me ouvir e ajudar.

À Rede Anhanguera de Comunicação – Campinas/SP, em especial ao sr. Boscolo – setor de reportagens antigas, pelo auxílio e disponibilidade.

À Maria Lourdes Vicari e Ana Maria Bastos, Irmãs da Congregação do Bom Pastor e membros da diretoria do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada - CEPROMM, pioneiras e atuantes dos trabalhos da Pastoral da Mulher Marginalizada em Campinas/SP, que abriram as portas da entidade para a minha pesquisa e confiaram-me todos os documentos e livros pertinentes ao assunto.

À fonoaudióloga Vera Camilli Pastrello, amiga e companheira, por ter acreditado e “abraçado” a idéia de formarmos a Trupe Pedagógica.

Aos funcionários, alunos e pais de alunos do CEPROMM, principalmente à psicopedagoga Maria Tereza Rodrigues, à assistente social Cássia Santana e à pedagoga Fabiana Aparecida Ferreira, os quais muito me ajudaram e apoiaram.

À Maria Benta, agente da Pastoral da Mulher Marginalizada de Campinas, que me levou e me apresentou ao Serviço da Mulher Marginalizada em São Paulo e também à Sílvia, secretária do SMM, por me auxiliar nas pesquisas dentro da biblioteca do SMM.

Às mulheres marginalizadas do bairro Jardim Itatinga de Campinas-SP, as quais ensinaram-me a olhar a essência do ser humano.

Às crianças e adolescentes da “Trupe Pedagógica”, protagonistas desta pesquisa, pelo carinho e confiança nesses quatro anos de convivência.

RESUMO

A pesquisa acompanha e discute o teatro-educação aplicado a crianças e adolescentes, reunidos numa turma multisseriada, num centro comunitário, localizado dentro de uma zona de prostituição, num bairro de Campinas, Estado de São Paulo. A partir de observação etnográfica são abordados de forma qualitativa fenômenos pedagógicos emergentes no processo de trabalho do grupo com o teatro-educação, aliados aos procedimentos didáticos propostos na educação sócio-comunitária, ancorados nas teorias de educação do educador Paulo Freire.

Este estudo desenvolve uma análise crítica sobre a desigualdade social no Brasil, a história da população marginalizada do bairro pesquisado e caracteriza o processo de formação de um grupo de teatro estudantil, que apresenta textos educativos nas escolas particulares e públicas. O objetivo é que essas crianças e adolescentes possam ter um referencial de vida diferente e possam vivenciar valores concernentes à cidadania.

Com esse teatro procura-se fazer com que eles se conheçam, conheçam o seu entorno imediato, gerando um conhecimento que retorne para os indivíduos pesquisados, ou seja, que eles possam reconstruir o conhecimento a seu respeito, utilizando-o a seu favor. Além de propiciar também: desinibição corporal, aprimoramento lingüístico, desenvolvimento da criatividade, percepção, memorização, desenvoltura, pré-requisitos necessários ao desempenho das funções de qualquer profissão.

Através da elaboração e posterior atuação em cada peça teatral, a aquisição de novos conhecimentos se dá entre os atores, conhecimento este que é repassado a outros alunos em cada nova apresentação. Este trabalho permite ainda que as crianças e adolescentes envolvidos obtenham uma fonte de renda, através do patrocínio de uma empresa de grande porte da cidade e da doação espontânea dos espectadores, alunos das escolas públicas e privadas. É uma renda financeira diferenciada daquela conseguida pelas prostitutas, além do reconhecimento da sociedade pelo trabalho que desenvolvem nestes espaços.

A intervenção pedagógica visa propiciar uma tomada de consciência em relação à desigualdade social de que estas crianças e adolescentes são vítimas, gerada por um sistema econômico que prioriza a expropriação do ser humano, o poder em detrimento do ser.

ABSTRACT

The current research follows and discusses educational-theater applied to children and teenagers, who were put together in a seriated class, in a community center, placed on a prostitution zone, in a neighborhood in Campinas, São Paulo State.

Starting of an ethnographical view are reached in a qualitative way of emergent pedagogical phenomenon in the work process of the group with educational-theater, allied with the didactical procedures proposed on the social communitarian education, anchored on education theories of the educator Paulo Freire.

This research develops a critical analysis about the kept out of society population's history on the researched neighborhood and characterizes the formation process of a theater student group that presents educational plays on public and private schools. The objective of this group is to give these children and teenagers a different referential of life and to make them able to live concerned values to citizenship.

With this theater we try to make them know themselves, know their close surrounding, generating knowledge that returns to the researched individuals, meaning that they may be able to regain the knowledge about themselves, using that at their esteem. Besides that it gives them: corporal disinhibition, a language improvement, creativity development, perception, memorization, nimbleness, pre requirements needed for the function performance on any profession.

Through elaboration and a later actuation in each theatrical play, the acquisition of new knowledge happens between actors, this knowledge is reviewed to be passed to other students in each new presentation. This work also allows that the children and teenagers involved in it obtain an income source, by the support of a high level company of this city and by the spontaneous donation of each spectator, students of public and private schools. It's a distinguished financial resource of that obtained by the prostitutes, besides the society recognizes the work developed on these places.

The pedagogical intervention seeks to generate a conscience recovering for the social roughness that these children and teenagers are victims, created by an economical system that priorities the expropriation of the human being, the system that support power in detriment of the people.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAP.I – O CAPITALISMO NEOLIBERAL, SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS E A PROSTITUIÇÃO	15
1. - O capitalismo	15
1.1 - O capitalismo neoliberal	21
1.2 - O capitalismo neoliberal no Brasil	27
2. - Prostituição e Exclusão	32
2.1 - Os jovens pobres e os filhos das mulheres prostituídas no Jardim Itatinga	41
CAP.II – O JARDIM ITATINGA E A PROSTITUIÇÃO.....	45
1. - Origem, desenvolvimento e decadência do bairro Jardim Itatinga	46
2. - Um panorama geral sobre as crianças e adolescentes atendidos pelo CEPROMM.....	62
CAP.III – O TEATRO-EDUCAÇÃO COM OS FILHOS “DELAS”.....	64
1. - Origem e desenvolvimento dos trabalhos da PMM – CEPROMM	65
2. - O teatro-educação no CEPROMM: relato de uma experiência (1999-2004)	67
2.1 - O processo de construção do espetáculo	76
CAP.IV – A EDUCAÇÃO POPULAR COMUNITÁRIA E O TEATRO-EDUCAÇÃO NO CEPROMM	92
1. - Os pensamentos de Paulo Freire e as ações da Trupe Pedagógica.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
BIBLIOGRAFIA	111
ANEXOS	116

INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa um projeto que tem por objetivo propiciar que crianças e adolescentes que convivem numa zona de confinamento de prostituição e tráfico de drogas no bairro Jardim Itatinga-Campinas/SP, e que frequentam o Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada – CEPROMM (Centro Comunitário localizado na área central do bairro), possam ter um referencial de vida diferente e possam vivenciar valores concernentes à cidadania.

Através da arte-educação, propiciou-se um processo de conscientização sobre a exclusão psico-sócio-lingüística de que essas crianças e adolescentes são vítimas, instrumentalizando-os politicamente para a consecução da cidadania. Priorizam-se atividades concernentes a peças teatrais e artes-plásticas de teor educacional, aproveitando o saber popular e as várias experiências vividas pelos indivíduos, gerando um conhecimento que retorne para eles, ou seja, que possam se reapropriar do conhecimento a seu respeito, utilizando-o a seu favor.

Esse grande objetivo é vislumbrado especificamente através do teatro-educação, levado a efeito com as crianças e os jovens filhos de prostitutas. Com esse teatro procura-se fazer com que eles se conheçam, conheçam o seu entorno imediato, acompanhado de desinibição corporal, de aprimoramento lingüístico para melhor compreensão desse entorno. O teatro envolve passos pequenos mas firmes, em direção ao grande objetivo acima citado.

Para a efetivação deste trabalho, procurei desenvolver uma análise crítica diacrônica e sincrônica da história da população marginalizada do bairro Jardim Itatinga, composta principalmente pelas prostitutas e seus filhos e filhas.

Integrei-me à comunidade estudada, durante cinco anos, observando com detalhes o seu dia-a-dia, para o que tive que mudar a minha própria perspectiva de valores para poder entender um grupo que vive em condições tão precárias e promíscuas, condições que influenciam negativamente a educação destas crianças e adolescentes. Isso foi feito através de informações diretas, sem intermediários, fruto de uma observação profunda, lenta e criteriosa.

Ao iniciar as pesquisas para a elaboração desta dissertação, envolvendo a problemática da prostituição, precisei ultrapassar os muros do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada - CEPROMM e entender o cerne da problemática destes adolescentes. Não bastava apenas citá-los como indivíduos que viviam dentro de uma zona de confinamento, mas eu precisava indagar o real, mostrar a desigualdade como um fato que não é natural.

Através de um levantamento histórico-social do bairro, constatei que o próprio confinamento foi considerado por muitos cidadãos campineiros como parte de um “saneamento” da cidade. A história mostrou que as autoridades civis e policiais estão sempre divididas entre o consentimento, a indiferença ou a repressão violenta das formas de vida da população deste bairro. Realizei também um levantamento histórico do CEPROMM, que proporciona um trabalho sócio-educativo aos envolvidos.

Utilizei-me de técnicas como as entrevistas não padronizadas, as buscas em jornais locais, o estudo de alguns trabalhos científicos e principalmente o teatro-educação. Paralelamente ao trabalho de levantamento bibliográfico, realizei entrevistas sobre o meu objeto de pesquisa, conversando com sete moradores antigos do bairro (uma ex-cafetina, uma ex-prostituta, quatro prostitutas e um travesti), além da assistente social, das duas professoras, da merendeira, psicopedagoga, a presidente e a tesoureira do CEPROMM, que forneceram dados importantes sobre o histórico do bairro e da vida pessoal e comunitária; relataram também a trajetória dos trabalhos do CEPROMM e da Pastoral da Mulher

Marginalizada, que foram implantados pelas Irmãs Ana Maria Rocha Bastos e Maria Lourdes Vicari, as quais continuam coordenando e dirigindo os trabalhos até hoje.

Dentre as pessoas entrevistadas estão essas duas Irmãs que me entregaram todo material escrito e visual que elas foram guardando em caixas e pastas durante os 27 anos de atuação da Pastoral, em Campinas. Iniciei então o levantamento, catalogação e higienização do material, e com o aval das dirigentes da entidade, decidi montar e inaugurar uma pequena biblioteca na unidade I do CEPROMM, possibilitando assim que as pessoas interessadas pudessem conhecer e pesquisar sobre o bairro e a problemática da mulher prostituída.

Diante das informações colhidas nestas entrevistas, das cartas, relatórios, fotos, vídeos e outros documentos entregues pelas Irmãs, fui à Rede Anhanguera de Comunicação, responsável pela edição do Jornal Correio Popular de Campinas pesquisar em jornais antigos reportagens referentes ao bairro Jardim Itatinga. O próximo passo foi pesquisar na biblioteca do Serviço à Mulher Marginalizada, na cidade de São Paulo, que é uma instituição não governamental, responsável por pesquisas, estudos e análises do problema da exploração sexual comercial de crianças, adolescentes e mulheres adultas.

Nesta biblioteca encontrei vários livros e algumas monografias sobre o tema da prostituição e, numa delas, a citação de uma dissertação de mestrado de Regina Maria Mazzariol, “Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas”, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, área de Antropologia, da Universidade Estadual de Campinas, em 1976, a qual apresenta elementos que contextualizam o bairro Jardim Itatinga nos 10 primeiros anos da sua existência. Verifica-se, na literatura científica, a inexistência de trabalhos que procurassem registrar intervenções de teatro-educação em zonas de confinamento de prostituição.

A escolha do trabalho arte-educativo no CEPROMM, direcionado aos filhos das mulheres prostituídas, como locus da pesquisa, foi intencional, uma vez que eu já desenvolvia esta atividade há 4 anos e os resultados apresentados nos níveis sócio-educativos já eram altamente positivos, reconhecidos pela cidade, através de reportagem feita pelo jornal Correio Popular e por dois diplomas de honra ao mérito pelo âmbito de inclusão social.

Neste trabalho, proponho discutir a intervenção pedagógica, tendo como meu interlocutor ao longo deste trabalho Paulo Freire, dado que ele defende a idéia de que a educação deve passar pelo reconhecimento da identidade cultural do aluno, sendo o diálogo a base de seu método. Para ele o professor deveria se comportar como um provocador de situações para o aprendizado em comunhão e que o aprendizado se dá pelas relações, interações, trocas, debates e pelo exercício de conhecer. Também pela sua trajetória de reflexão sobre o neoliberalismo, reagindo às desigualdades sociais e defendendo os movimentos populares na busca de meios para a transformação do status quo. Trata, também, com profundidade e clareza, de questões epistemológicas concernentes à origem, alcance, limites e legitimidade do conhecimento humano.

Com o meu ingresso no curso de Mestrado em Educação Sócio-Comunitária identifiquei a intervenção que eu vinha realizando com a linha de pesquisa “Linguagens, Intersubjetividade e Práxis”, já que se trata de uma investigação da intervenção social educativa a partir das articulações das linguagens artísticas como construção do conhecimento e da apreensão do mundo. Trata-se de uma teoria que intervém na realidade transformando-a, configurando-se como uma práxis que se deseja autêntica.

De acordo com Vásquez (1977), a práxis pode ser entendida como uma atividade humana essencialmente transformadora. Tem como base a teoria, historicizando a realidade a partir da análise das relações sociais de produção, e sendo capaz de gerar um fim em si mesma: um pensar consciente. Pode ser considerada uma prática revolucionária, na medida

em que transforma a sociedade mediante a ação do homem. Diferencia-se da poiésis, pois esta produz um objeto alheio, exterior à atividade do sujeito, visando seu sustento.

Hoje mais do que nunca, os homens precisam esclarecer teoricamente sua prática social e regular conscientemente suas ações como sujeitos da história. E para que essas ações se revistam de um caráter criador, é necessário, também hoje mais do que nunca, uma elevada consciência das possibilidades objetivas e subjetivas do homem como ser prático, ou seja, uma autêntica consciência da práxis (VÁSQUEZ, 1977, p. 47).

Entendo que o teatro-educação por nós desenvolvido e descrito no presente trabalho dá indícios de que pode ser gerada uma ação transformadora entre os envolvidos no projeto, já que é possível identificar um momento de transição da “poiésis” para a “práxis”. Isto porque, no início, o teatro-educação tinha por objetivo apenas garantir uma fonte de renda que fosse diferenciada da prostituição. Atualmente, a intervenção pedagógica visa propiciar uma tomada de consciência em relação à desigualdade social que estas crianças e adolescentes são vítimas, gerada por um sistema econômico que prioriza a expropriação do ser humano, o poder em detrimento do ser.

No primeiro capítulo apresentar-se-á uma análise sobre a desigualdade social como mazela do capitalismo neoliberal, dando ênfase ao problema da prostituição e à situação dos filhos das mulheres prostituídas.

No capítulo segundo estrutura-se a história do bairro Jardim Itatinga. Uma história documentada através de uma incessante pesquisa nos jornais antigos da cidade de Campinas, através das entrevistas com funcionários do CEPROMM e alguns moradores antigos do bairro e, também, através de uma dissertação de mestrado datada de 1976. Há uma visão geral da origem e manutenção da zona de confinamento, bem como as mudanças ocorridas com as pessoas que moram ou trabalham nesse local.

A intervenção arte-educativa com os filhos das mulheres prostituídas, atendidas pelo Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada – CEPROMM, é relatada no terceiro

capítulo, com a utilização das técnicas da arte-terapia num primeiro momento e, depois, com as técnicas teóricas-práticas do teatro-educação.

No quarto capítulo, alguns aspectos da educação sócio-comunitária e das teorias de Paulo Freire são analisados, tendo como referência a própria vivência e relação educacional narrada no terceiro capítulo.

A pesquisa desenvolvida procura aliar a teoria à prática, narrando, discutindo e criticando alguns aspectos dessa atuação, originando assim um estudo sistematizado que servirá como subsídio para outros pesquisadores que estejam interessados em entender e atuar neste tipo de realidade.

CAPÍTULO I

O CAPITALISMO NEOLIBERAL, SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS E A PROSTITUIÇÃO.

“Quero continuar chateando, incomodando e fustigando os que, contemporâneos meus ou não, defendam a permanência das desigualdades”

Paulo Freire

Descrever a intervenção pedagógica com as crianças e adolescentes que freqüentam o Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada - CEPROMM, no bairro Jardim Itatinga em Campinas requer uma análise sobre as precárias condições de vida dessas crianças e adolescentes, vítimas de uma exacerbada desigualdade social. Conhecer o contexto de vida desses seres humanos traz elementos que pretendo refletir ao longo desse capítulo: a análise do aprofundamento da desigualdade social no Brasil como consequência do sistema neoliberal vigente, imposto pelo poder dominante, e como essa desigualdade se manifesta nesse bairro discriminado socialmente, principalmente na vida das suas crianças e adolescentes.

Só uma visão ampla sobre o capitalismo neoliberal permite um entendimento claro do que se passa no particular, verificando sempre a relação dialética entre o geral e o particular. Pretendo aqui fazer uma rápida abordagem histórica do capitalismo, sua caracterização na fase neoliberal, as consequências sociais e a problemática da prostituição, um dos maiores conflitos que afeta as crianças e adolescentes, foco dessa pesquisa: os filhos “delas”.

1. O capitalismo

Torna-se necessário escrever sobre as etapas do desenvolvimento capitalista na história para podermos refletir a relação capital - trabalho e, conseqüentemente, o acúmulo

econômico desordenado, originando assim as desigualdades sociais na contemporaneidade. O capitalismo passou por várias fases, desde a Baixa Idade Média até a atualidade, e para falar nele é preciso falar também da transformação das relações produtivas e da vida em comunidade. Em 1848, Karl Marx e Friedrich Engels (2000), observando o histórico das lutas de classes, principalmente o levante da burguesia sobre as ruínas do feudalismo, defendiam a idéia de que a cada novo movimento, a cada nova revolução, apenas se estabeleciam novas classes, novas maneiras de opressão. As formas de lutar se modificavam, mas os oprimidos e os opressores continuavam existindo e toda forma de sociedade sempre se baseara no antagonismo entre as classes opressoras e oprimidas.

Leo Huberman (1986) diz que, assim como os idealistas ou utópicos, também Marx desejava melhorar as condições da classe oprimida, da classe trabalhadora. Também ele desejava uma sociedade planificada, em que os meios de produção fossem de propriedade de todo povo, mas, ao contrário dos idealistas, ao invés de planejar um futuro utópico, ele estudou o passado, observando como a sociedade evoluiu, se desenvolveu, caiu e chegou ao presente. Ele acreditava que esse conhecimento histórico, mais os dados sobre as forças existentes no presente, orientaram a ação política para uma sociedade futura.

O opressor, dizem Marx & Engels (2000), sempre desenvolverá novas maneiras de aumentar o seu capital, satisfazendo todas as necessidades do mercado em expansão. Dentre as várias formas encontradas pelos capitalistas, as quais citaremos ao longo desse capítulo, a tecnologia é a sua constante aliada, revolucionando cada vez mais os meios de produção: “À medida que se revoluciona os instrumentos de produção e, desse modo as relações de produção, conseqüentemente também se transformam as relações da sociedade” (MARX & ENGELS, 2000, p.13). Nesse seqüencial de transformações, nas relações humanas, vão se perdendo os valores básicos da vida em comunidade.

As sociedades primitivas praticamente eram comunidades caracterizadas fundamentalmente pela relação face a face, ou relações próximas, e o cotidiano se dava em lenta velocidade. Era a sociedade pré-tecnológica. O que predominava era a produção agrícola e nesta relação direta com a natureza o homem necessitava ter paciência, pois ele esperava a época do plantio, da colheita. Tudo dependia das condições climáticas. A natureza humana era mais conservadora, pois os bens materiais eram utilizados de forma mais equilibrada, só se adquirindo algo novo quando o antigo não tinha mais condição de uso.

O que era produzido ao consumo imediato, entre os séculos XII e XV – fase pré-capitalista, foi sendo substituído pela produção destinada ao comércio, surgindo os mercadores. As trocas, que eram feitas em espécie, foram substituídas pela troca monetária – fase denominada capitalismo comercial, que ocorreu entre os séculos XVI e XVIII. O capital concentrou-se nas mãos dos comerciantes, que compravam e revendiam mercadorias de quase todas as partes do mundo. Nesta época havia a predominância do trabalho artesanal, quando os artesãos eram donos de suas próprias ferramentas e da matéria-prima utilizadas na confecção do produto. A arte de produzir a mercadoria tinha um caráter individual, estimulante, respeitando o ritmo e o limite físico do homem – o indivíduo trabalhador.

A economia mercantilizada foi caracterizando cada vez mais o capitalismo e sempre teve implicações na vida política, social e cultural do mundo moderno. Veremos então que, na evolução histórica humana, a relação homem, trabalho e dinheiro se deteriora cada vez mais, resultando em uma “corrida” incessante ao ter.

Ora, o liberalismo individualista, cujas raízes se encontram na denominada Revolução Comercial que tem mais clara expressão no século XV e cujos desdobramentos se dão na modernidade, chegando à sua plena definição na Revolução Burguesa do século XVIII e no século seguinte emparelhando-se com o pragmatismo industrial, conduz a uma escandalosa distorção antropológica que tenho expressado na fórmula: Homem = Produção = Dinheiro (MORAIS, 1995, p. 78).

Entre a segunda metade do século XVIII e o século XX, nas grandes cidades, os homens livres passaram a trabalhar para outra pessoa – o capitalista, principalmente o industrial, em troca de um salário. Esse industrial era dono das instalações, das máquinas e da matéria-prima, cabendo ao trabalhador apenas exercer a função designada pelo patrão (DUARTE Jr., 1997, p. 46-47). Surgia assim uma outra fase do capitalismo, denominada de capitalismo industrial. Se na fase anterior o trabalhador era dono dos meios de produção, agora tudo ficava com o industrial, que comercializava os produtos, aumentando assim os seus lucros, acumulando capital, ganhando cada vez mais força dentro do sistema capitalista. “O lugar da manufatura foi tomado pela indústria gigantesca moderna, o lugar da classe média industrial, pelos milionários da indústria, líderes de todo o exército industrial, os burgueses modernos” (MARX & ENGELS, 2000, p. 11).

Com o sistema artesanal substituído pela produção em série, através das máquinas, o custo da mercadoria foi sendo reduzido. Esse processo de industrialização deu origem a uma grande massa de trabalhadores assalariados: “Marx dizia que o trabalhador na sociedade capitalista era tão escravo quanto no período escravocrata e feudal, sendo que o capitalismo mascarava, ocultava esta escravidão – Um capitalismo todo baseado na exploração do trabalhador” (HUBERMAN, 1986, p. 214).

Nesse processo industrial é importante, quando se fala na relação homem - trabalho, analisarmos a automação. A automação aparece como auxiliar no trabalho humano, se caracterizando pelas formas que foram empregadas para a substituição da força física por novas formas de energia. No início eram máquinas baseadas em sistemas mecânicos mais simples, com baixa velocidade, em que havia uma maior intervenção humana, ou seja, o homem trabalhava junto com a máquina. Temos como exemplo clássico dessa parceria os teares. Mas, com o passar do tempo, com o uso excessivo de maquinarias, o trabalho perdeu seu caráter individual, passando a ser desestimulante. “Ele (o trabalhador) se torna um

apêndice da máquina e dele só é exigida a habilidade mais simples, mais monótona e mais facilmente adquirida... a indústria moderna converteu a pequena oficina do mestre patriarcal na grande fábrica do industrial capitalista” (MARX & ENGELS, 2000, p. 19-20). Infelizmente, o progresso da indústria não desencadeou um crescimento do trabalhador moderno, ao contrário, tornou-o cada vez mais desamparado.

De acordo com David C. Korten (1996, cap.19), se a primeira revolução industrial explorou o domínio humano da energia para dar às máquinas o enorme poder de músculos, a segunda dá às máquinas o enorme poder de cérebro. Surgem as máquinas eletrônicas (o primeiro computador), com sistemas fechados, funcionando a uma velocidade inimaginável, substituindo assim a lentidão do raciocínio humano pela velocidade do raciocínio eletrônico. Os computadores e sensores eletrônicos dão às máquinas olhos, ouvidos e cérebro. Antes, como as máquinas tinham princípios de funcionamento mecânico, precisava-se dos operadores. Quanto mais máquinas, mais operadores eram necessários, quanto mais máquinas sofisticadas, mais operadores capacitados e, conseqüentemente, estes obtinham salários mais altos. A eficiência se dá, então, em produzir melhores resultados com menores esforços e a automação elimina cada vez mais os trabalhadores, quando a própria máquina produz as mercadorias e os serviços para a população global.

O que antes era uma vida em comunidade passou a ser uma vida em sociedade. A rápida velocidade de vida caracteriza uma sociedade que se torna cada vez mais complexa, não respeitando o ritmo do ser humano. A cibernética computacional traz como conseqüência os déficits perceptuais do ser humano, em que as relações interpessoais ficam prejudicadas – o que justificamos como falta de tempo. Fica difícil “achar tempo” para pensar no próximo, reconhecer-se no outro.

Nas primeiras décadas do século XIX, o liberalismo torna-se a regra do capitalismo, deixando de ser exigência ideológica para se tornar mediação obrigatória para o

desenvolvimento do capital e da sociedade. É a era do capital com a total liberdade de comércio e da luta dos trabalhadores pelo direito de voto a todo cidadão (sufrágio universal) e pela redução da jornada de trabalho. Também foi a era do avanço do comércio internacional de mercadorias, quando as empresas podiam dispensar a ajuda direta do Estado (TEIXEIRA, 1998, p. 209-210). Mas, o liberalismo, como regra básica do capitalismo, chega ao fim com a Grande Depressão.

Essa fase áurea chega ao seu fim com a grande crise no final dos anos vinte e início da década de trinta. A Grande Depressão joga nas ruas milhares de trabalhadores no mundo todo. Falências de empresas se seguem em uma cadeia sucessiva, arrastando na sua esteira grandes blocos de capitais. As prateleiras abarrotadas de mercadorias faziam os preços despencarem em uma velocidade aterrorizante para seus proprietários, que viam, da noite para o dia, seu capital virar fumaça. As próprias instituições políticas da sociedade viam-se ameaçadas na sua existência, pondo em risco a própria sobrevivência do sistema. Parecia que o capitalismo estava chegando ao fim e com ele todas as teorias e ideologias liberais (TEIXEIRA, 1998, p. 211-212).

Ao mesmo tempo, do final do século XIX até os dias de hoje, se vive a hegemonia do capital financeiro, em que os países desenvolvidos concentraram o seu capital nos bancos e nas grandes instituições financeiras. Essas instituições assumiram o controle das atividades economicamente produtivas da nação. O próprio modelo econômico criado pelo homem mostra-se perverso com o seu criador à medida que o frustra, que o desfigura, que altera o seu comportamento social, em que o padrão utilidade, o padrão capital, está acima dos valores pessoais. O ter em detrimento do ser.

Para superar essa crise do liberalismo como forma de regulação econômica, o Estado é obrigado a abandonar a sua posição de vigia da economia para se tornar a salvação do sistema, criando políticas de apoio direto ao processo de acumulação do capital. Vemos aí a fase do capitalismo regulado estatalmente, sendo a esfera política a condição de possibilidade para o funcionamento da economia. Estabelece-se aí um modelo social-democrático de desenvolvimento, da Segunda Guerra Mundial até a década de setenta (TEIXEIRA, 1998, p. 211-213).

O Estado intervinha, demonstrando constituir-se na principal força para estruturar todo processo de crescimento, limitando assim algumas ações do mercado. Tinha-se uma visão quantitativa do mundo e esta era o próprio retrato da economia de mercado, não importando a qualidade e utilidade dos bens que eram produzidos, mas a sua quantidade e o quanto de lucros que se obtinha sobre os produtos. Essa intervenção geraria mais tarde uma crise, uma limitação do sistema capitalista de produção, originando, como consequência, uma reação teórico/político ao modelo de desenvolvimento centrado na intervenção do Estado. Os grandes capitalistas diziam que tal limitação era ameaça letal à liberdade econômica e política em seus países (TEIXEIRA, 1998, p.195). Era o início de um novo liberalismo reinante na contemporaneidade – o neoliberalismo.

Para o neoliberalismo, o grande inimigo do progresso, ou do desenvolvimento, era o Estado. O Estado era por definição mau gestor, não deveria operar na área em que as empresas privadas operavam, não deveria, de forma alguma, ocupar-se de tarefas que deveriam ser próprias da área privada (SODRÉ, 1995, p.19).

1.1 Capitalismo Neoliberal

Desde o início do século XX, nos Estados Unidos, e em 1945 em muitos lugares do mundo, a economia social de mercado se depara com uma organização de trabalho diferenciada – era o Fordismo. Esse modelo ou padrão de acumulação tinha como base o processo de produção em massa, em que a divisão do trabalho era realizada em várias etapas para produzir mais, originando assim grandes estoques, e a mais-valia era extraída de forma mais eficaz. Uma produção dirigida a um público passivo, ávido de consumo.

A distribuição da riqueza se fazia mediante acordos coletivos, segundo os quais capital e trabalho acordavam em elevar ao máximo a produtividade e a intensidade do trabalho, em troca de salários e lucros crescentes. As entidades representativas de classes (partidos políticos de massa e sindicatos com grandes estruturas corporativistas) eram a base sobre a qual se desenvolvia a luta pela distribuição da riqueza social (TEIXEIRA, 1998, p. 213-214).

Junto com o fordismo vem o keynesianismo, um pensamento formulado por Keynes, economista inglês, o qual dizia que uma política governamental intervindo em setores de tributação, créditos, taxas de juros e obras públicas poderia garantir o Estado de bem-estar social, o pleno emprego com crescimento econômico (GUIMARÃES, 1988, p. 207). A produção avançou ao mesmo tempo em que se deram as conquistas de direitos pelos trabalhadores. A adoção de medidas que se caracterizavam por uma certa intervenção do Estado na economia, tinha o objetivo de evitar novas crises do sistema capitalista, como a crise de 1929, a qual mostrou a fragilidade do “livre mercado”, quando a Bolsa de Valores de Nova Iorque despencou e milhares de empresas faliram e muitos empresários perderam tudo. A proposta teve resultados positivos, mas não alterou, na essência, o modelo capitalista.

Em 1944, com a aprovação do Acordo de Bretton Woods, que estabeleceu o dólar como moeda de conversibilidade internacional, derrotando Keynes e toda Inglaterra, que defendiam a permanência do padrão-ouro, os Estados Unidos da América emergem como a maior potência mundial, podendo ditar as regras do jogo de mercado entre as nações.

A partir daí o capitalismo desenvolvido já está vivendo a sua fase de glória. Os principais países desenvolvidos (primeiro mundo) transformam suas empresas e bancos em monopólios, à custa de uma competitividade desigual com os países subdesenvolvidos (terceiro mundo), estendendo-se com filiais em quase todo mundo. Essa desigualdade contribuía para tornar os países do terceiro mundo dependentes financeiramente, pois almejando ingressar no desenvolvimento e ter um nível interno de bem estar social, aceitavam os empréstimos vindos do primeiro mundo, principalmente dos Estados Unidos. Como bem sabemos, essa relação de dependência financeira se arrasta até os dias atuais.

O Estado de Bem-estar social é o contraponto do Estado Interventor preconizado por Keynes, ou seja, as políticas estatais visam limitar as desigualdades que o capitalismo, por si só, engendra na sua prática.

Porém, a partir dos anos 1970, veremos o capitalismo entrando em crise, porque sua lógica acumulativa não precisava mais do recurso aos grandes estoques e do Estado interventor. E, enfim, as conquistas dos trabalhadores passaram a ser um entrave à acumulação do capitalismo. Abria-se espaço ao neoliberalismo.

A lógica do modelo neoliberal, dimensão ideológica do capitalismo, como tentativa de superação da crise, primeiro se apresenta como uma crítica ao Estado intervencionista Keynesiano, contra a ampliação de suas funções reguladoras na vida social, depois propõe a redução progressiva do setor produtivo estatal, com abertura comercial e diminuição das funções do Estado na economia e com os gastos sociais (TIENE, 2000, p. 18).

Esta crise estrutural do modelo fordista corta o círculo virtuoso de crescimento e desenvolvimento social. As causas foram: as lutas organizadas dos operários que reivindicavam salários reais acima dos ganhos sobre a produtividade e a crise fiscal do Estado, com inflação e instabilidade financeira. O enfrentamento dessa crise estrutural se deu através de uma reestruturação produtiva: se antes as empresas produziam sem se preocupar com a demanda de mercado, originando os enormes estoques, passaram então a vender suas mercadorias no momento da produção. Para que esse novo sistema funcionasse precisaram reestruturar sua organização produtiva: no lugar das grandes empresas que produziram desde a matéria-prima até o produto final (com estrutura verticalizada, imensas redes burocráticas e enormes custos de administração de pessoal), busca-se uma estrutura enxuta através da terceirização. Todos os funcionários devem ser comprometidos, desempenhando várias funções e tarefas. Cada vez mais novas tecnologias são introduzidas, as quais permitem uma produção flexível, satisfazendo as exigências do mercado. As ofertas de bens e serviços atendem as mudanças rápidas de consumo. (TEIXEIRA, 1998, p. 214-217).

A atual forma histórica do capitalismo é o capitalismo globalizado, legitimado justamente por aquela ideologia neoliberal a que aludimos acima. Ele, o capitalismo, teve que quebrar os entraves ao livre mercado, entraves como a limitação da maior parte do circuito dentro das fronteiras de cada Estado.

A globalização – o mundo sem fronteiras – é uma revanche do capitalismo contra os ganhos do trabalhador ao longo da história. O capitalismo esgotou a sua função civilizadora, destruindo uma por uma as conquistas que os trabalhadores tiveram. Outrora, na medida em que o capitalismo avançava no seu modo de organização, também ia gerando formas mais avançadas de organização dos trabalhadores, uma verdadeira produção de conquistas sociais. Mas esta correlação parece ter se encerrado.

O neoliberalismo aparece justamente como a ideologia legitimadora do capitalismo globalizado e dos seus elementos básicos, a desregulamentação da economia, a flexibilização, a privatização e a mudança na forma da organização do trabalho. Não mais um monte de trabalhadores dentro de uma empresa, mas os trabalhadores rearticulados em círculos de controle de qualidade, não mais a hierarquia vertical e sim a horizontal, a idéia de qualidade total, a terceirização, o zero defeito, a clientelização, em que o cliente sempre tem razão. Resumindo: tudo é colocado ao nível de mercado.

Os próprios direitos dos trabalhadores são colocados ao nível de mercado, porque os contratos passaram na maioria das vezes a ser temporários, para poder justificar o não gasto do capital da produção com o trabalho. Diante disso, o capitalismo globalizado tenta jogar para fora do sistema todos os encargos trabalhistas que antes eram deveres do capital contratador. Por sua vez, o trabalhador precisa de forma permanente estar se qualificando para poder adquirir os atributos necessários para competir por um emprego na sociedade aberta. Entra a noção de competência e empregabilidade, tanto para a formação quanto para a qualificação que o capitalismo precisa hoje para produzir o perfil do trabalhador. A

competitividade se desdobra para todos os cantos da sociedade humana, havendo repercussões diretas na vida dos indivíduos.

Korten (1996), descrevendo os problemas sociais gerados pelo avanço das corporações como consequência do capitalismo global, diz que, com um aumento excessivo da produtividade num mundo com um excedente de mão-de-obra, apenas uma minoria consegue trabalhar (e estes são cada vez mais explorados pelas grandes corporações). Cria-se um mundo de trabalhadores não sindicalizados, onde apenas os interesses dos acionistas contam, indiferentes aos interesses dos operários e à responsabilidade social. Um nivelamento das condições sociais, de trabalho, de salário, direitos trabalhistas, de vida, feito por baixo. A concorrência entre as empresas é tão grande em busca de mais lucro e menos custos, que elas sempre buscam lugares onde a mão-de-obra é mais barata, onde haja menos leis ambientais. Os lugares onde ainda existe proteção ao trabalho e ao meio ambiente acabam sempre abrindo essas barreiras, acabam imitando as condições daquele lugar que tem os menores salários e menos leis trabalhistas, tendo como justificativa a concorrência desigual. Vemos então que uma empresa que tenta ser responsável, acaba sendo pressionada pelo sistema a auferir a mesma rentabilidade daquelas empresas irresponsáveis. O discurso é: para evitar o desemprego é preciso baixar os salários, a idéia do menor denominador comum.

Cria-se uma situação alarmante, em que o executivo que não consegue pensar só no dinheiro, só nos lucros, é demitido. Uma situação em que até “os profissionais mais bem pagos precisam de bônus altíssimos para sentirem-se motivados a fazer o seu trabalho, pois esses profissionais enfrentam conflitos entre seus valores pessoais e aquilo que suas funções na corporação lhes exigem” (KORTEN, 1996, p. 278). Exigências de uma maior “eficiência” às custas da fadiga, consequência de intermináveis horas de trabalho, salários irrisórios, cada vez menos benefícios, demissões constantes, substituição pelo emprego temporário... Se antes a empresa era como uma família para o funcionário e um bom emprego era, além de uma

fonte de renda, uma fonte de identidade e de relacionamentos valiosos e duradouros, hoje o empregado sujeita-se a todo tipo de rebaixamento apenas para manter o seu emprego. (KORTEN, 1996, p. 278-283).

Numa economia que mede o desempenho em termos de criação de dinheiro, as pessoas tornam-se a principal fonte de ineficiência – e a economia está livrando-se delas mais depressa. Quando as instituições monetárias governam o mundo, talvez seja inevitável que os interesses do dinheiro tenham prioridade sobre os interesses das pessoas... O dinheiro colonizando a vida (KORTEN, 1996, p. 285)

O colonialismo, na visão de Korten, refere-se ao fato de que o capitalismo se implanta como uma forma de colonizar as pessoas e colocar em suas cabeças a mentalidade do lucro, fazendo com que isso se torne uma necessidade na vida delas. As pessoas precisam criar dependência em relação à subsistência e empregos que são geridos por corporações modernas. A economia global descarta os que são ineficientes, mostrando que cada vez menos precisa de pessoas e considera as injustiças salariais, mesmo as para a subsistência, como uma das principais causas da ineficiência econômica. Estamos vivendo um mundo formado de sistemas, totalmente artificial, caminhamos para um mundo sem seres humanos.

Diante deste quadro, o autor vislumbra três alternativas para o futuro: a primeira seria deixar as coisas como estão, aceitando tudo o que o sistema capitalista define como certo e prioritário; a segunda alternativa seria formar gangues criminosas e ir morrendo aos poucos, numa luta armada; apenas a terceira seria uma visão de esperança. Esta terceira alternativa, defendida por Korten, propõe recriar a comunidade, reforçar as comunidades. Ao invés de se depender do dinheiro, as comunidades podem fazer o seu próprio dinheiro, que circularia só dentro da própria comunidade. Tudo sendo feito para que a economia volte para a comunidade – a idéia de desglobalização. Esta alternativa enfoca os valores comunitários, da solidariedade e da preservação do meio ambiente, articulados conjuntamente.

Conclui-se, então, que o capitalismo em sua fase neoliberal aumenta o fenômeno da exclusão social, retirando vários direitos sociais que haviam sido conquistados na fase do

Estado de Bem Estar. Uma das soluções apontadas pelos que denunciam isto é o reforço do “comunitário”. Se as mazelas dessa fase assolam o mundo, veremos que no Brasil sempre existiram as desigualdades sociais, e o fenômeno da exclusão, que a égide do capitalismo neoliberal, continua a ser uma constante.

1.2 Capitalismo neoliberal no Brasil

Durante toda a sua história o Brasil viveu fases de organização política, social e econômica, nas quais o domínio das elites sempre se baseou na manutenção de uma grande desigualdade social:

Bem sabemos que, por força de sua formação colonial e de uma estrutura de produção que passou apenas da fase colonial para a fase de dependência, apresentamos uma sociedade historicamente fundada na exclusão, sem o mínimo do que se conhece como justiça social, tudo coroado pela secular tendência à concentração de renda, levada aqui, ao auge (SODRÉ, 1995, p. 23).

O período de 1500 até 1930 foi a fase do modelo agro-exportador, quando o nosso território nacional era uma mega fazenda que cultivava produtos agrícolas apenas para abastecer os mercados das nações européias. Foi um modelo que enriqueceu um pequeno grupo de fazendeiros e manteve a maioria da população debaixo de sua submissão pessoal.

Com a crise do modelo agro-exportador, surge a fase do modelo nacional-desenvolvimentista, cresce a urbanização e investe-se na indústria. Criaria-se as condições necessárias para industrializar o país. Mas se manteve ainda os mais ricos no topo e muita gente na pobreza, além de se menosprezar ainda mais o trabalhador, a maioria vindo do campo. “Para o empresariado, o trabalhador brasileiro, quase sempre oriundo do campo, não era avesso ao trabalho mas precisava ser ‘educado’ pelas novas técnicas científicas testadas em outros países” (CARMO, 1992, p.71). Aqui não dispúnhamos de mão-de-obra qualificada, também não dispúnhamos de máquinas, equipamentos e instalações adequadas,

além da falta de um setor financeiro que financiasse um processo de produção em massa. O Estado entra com uma série de medidas de legislação trabalhista, confisco cambial, de reestruturação na sua rede de bancos, cria setores de produção, incentivando a exportação e a produção de máquinas, equipamentos, instalações e energia. Foi nesse período que diversas empresas estatais (telecomunicações, siderurgia, energia etc.) foram criadas para produzirem os insumos básicos exigidos pela economia.

Além de cumprir com a sua função de zelar pela segurança e ordem pública, a ação do Estado também garantia os pré-requisitos para a produção de mercadorias. Só que este Estado interventor não consegue proporcionar o mínimo de bem-estar material, como aconteceu no primeiro mundo. Aqui a concentração de riquezas estava nas mãos de poucos, visto que em nossa história houve um longo período de escravidão.

Mas, em dado momento, o Estado interventor, tanto aqui no Brasil quanto nos países desenvolvidos, entra em crise porque não consegue dar conta de assegurar o desenvolvimento, satisfazendo as exigências e necessidades de todos os setores da sociedade. Ele passa então a ser visto como a raiz dos males sociais, com uma ingerência abusiva na economia e na sociedade.

Neste novo período da história, os meios de comunicação de massa passam a ter o papel de propagar que, para se obter uma sociedade justa e estável numa era pós-moderna, pós-industrial, esta deveria ser regulada exclusivamente pelo livre-mercado. O mercado e o desenvolvimento tecnológico haveriam de encontrar soluções para todos os problemas. A nova ordem é reduzir o tamanho do Estado e abrir a economia. Vários governos brasileiros contribuíram com a política econômica em prol da soberania do mercado autoregulável, promovendo a abertura da economia ao mercado internacional e, principalmente, promovendo a privatização, para que assim o Brasil deixasse sua fase estatal para entrar na fase que exige menor presença do Estado na sociedade (TEIXEIRA, 1998, p.224-226).

Mas, como já explicitamos acima, a teoria neoliberal se contradiz na sua aplicação, já que os mecanismos “auto-reguladores” do mercado não conseguem promover o alegado bem-estar social. A crise se concretiza, diminuindo o bem-estar social nos países ricos e deixando um rastro de miséria nos países subdesenvolvidos.

A crise do primeiro mundo, de que o desemprego é índice alarmante, é transferida ao terceiro mundo, e a países como o Brasil, em particular. Desemprego em massa e crescente, criminalidade gerando um quadro de incertezas na sociedade, prostituição em aumento acelerado, enfermidades antigas, algumas já em processo de desaparecimento, e outras novas, acompanhadas da derrocada da estrutura de saúde, do dismantelamento da rede hospitalar, são mazelas que o neoliberalismo gera ou fomenta (SODRÉ, 1995, p. 23).

Ao analisar-se a retrospectiva histórica das diversas fases econômicas do Brasil, conclui-se que estas sempre mantiveram o fenômeno da desigualdade social, sendo que, na fase neoliberal, a situação tornou-se ainda mais grave, destacando-se o aumento da exclusão social.

No mundo há dois lados antagônicos: de um lado está o Econômico, formado pelas mega-corporações, a situação econômica das companhias, a aplicação das tecnologias associadas à demissão de funcionários, combinando produtividade/gastos/lucros, o FMI, o Banco Mundial, os oito países mais ricos, os empresários capitalistas; do outro lado está o Social, formado pela pobreza, os oprimidos, os que clamam por paz, justiça social, desenvolvimento sustentável, preservação ambiental, aplicações financeiras ligadas ao processo de produção das empresas etc. Enquanto o lado Econômico ignorar o lado Social, numa exacerbada competitividade do livre mercado, ocorrerá cada vez mais a elevação dos índices de pobreza e de degradação humana e planetária.

Enquanto não há um espaço para as soluções, ficamos com a certeza concreta detectada por esta pesquisa: a desigualdade e a exclusão social perpassam o bairro Jardim Itatinga.

Uma ampla pesquisa sobre a realidade brasileira no que tange à exclusão social, entre 1980 e 2000, foi feita por uma equipe de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, culminando na publicação do “Atlas da Exclusão Social no Brasil” (CAMPOS et al., 2003). Foram analisados 5.507 municípios a partir de sete indicadores que compõem o índice da exclusão social: desigualdade social, pobreza, violência, alfabetização, escolaridade, emprego formal e concentração de jovens. De acordo com o trabalho, o maior indicador de exclusão social concentra-se nas regiões Norte e Nordeste, com uma grande ausência de escolaridade e baixa possibilidade de ocupação de áreas. Já nas regiões Sul e Sudeste há uma maior escolaridade, mas, em contrapartida, esta não está associada à possibilidade de se conseguir um emprego, fomentando a violência e a criminalidade.

O referido livro divide a exclusão em dois grupos: no primeiro está uma antiga exclusão, chamada pelos pesquisadores de “despossuídos”, ou seja, aqueles que mesmo durante períodos de desenvolvimento, jamais tiveram acesso à inserção social; o segundo grupo ou categoria é formado por “deserdados” e “apartados” pela nova dinâmica social. Os deserdados são aqueles que um dia já tiveram residência e frequentaram a escola, têm formação, mas ficaram desempregados e não conseguiram retornar ao mercado de trabalho. Os “apartados” são aqueles sem acesso à informação, informática e tecnologia, principalmente sem o conhecimento sobre a Internet. A questão mostra como o capitalismo subdesenvolvido gera os “despossuídos” e o capitalismo neoliberal gera os “deserdados” e “apartados”, reforçando a exclusão (CAMPOS et al., 2003, p.53-56).

Os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrando que a participação relativa da renda dos empregados no total do Produto Interno Bruto (PIB) caiu de 45,37% em 1990 para 36,14% em 2002, confirma que o Brasil nunca esteve numa situação ao mesmo tempo com tanto desemprego e salários tão baixos (CORREIO POPULAR, 2003, p. B-5).

Como a intervenção pedagógica, foco desta dissertação, aconteceu no município de Campinas, transcreverei os dados pesquisados no Atlas, com os parâmetros gerais da posição de Campinas, a partir da melhor e da pior situação social brasileira. Pretendo mostrar que apesar do elevado desenvolvimento deste município, a vigésima primeira colocação está aquém da posição ideal.

TABELA 1: Posição de Campinas a partir da melhor e da pior situação social brasileira.

Observação: Quanto maior o índice, melhor a situação social

LOCAL		POSIÇÃO	POBREZA	JUVENTUDE	ALFABETIZAÇÃO	ESCOLARIDADE	EMPREGO	VIOLÊNCIA	DESIGUALDADE	EXCLUSÃO
SP	São Caetano do Sul	1º	0,886	0,969	0,949	0,878	0,740	0,908	0,786	0,864
SP	Campinas	21º	0,831	0,815	0,912	0,804	0,296	0,763	0,548	0,681
AC	Jordão	5507º	0,139	0,115	0,276	0,134	0,025	1,000	0,013	0,230

Fonte: CAMPOS et al, 2003, p.102, 142 e 190

Em relação às condições econômicas, Campinas, se aproxima de São Caetano; em relação a educação idem, mas os indicadores de desigualdade, emprego e exclusão se aproximam de Jordão; enfim, na violência, Campinas é pior que ambos.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Fundação João Pinheiro também lançaram um Atlas Brasileiro - Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2003). Neste documento constata-se que triplicou, na última década, a população infantil em famílias com renda per capita abaixo de R\$ 37,75, o que caracteriza crianças vivendo em situação de indigência. Quem mais

sofre são as crianças e os jovens, que não possuem perspectivas de futuro. Já a situação de pobreza é caracterizada pela renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, (equivalente a metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000), que cresceu 50%.

TABELA 2: Pobreza infantil em Campinas.

Observação: Quanto maior o índice, pior a situação

% de crianças indigentes 1991	% de crianças indigentes 2000	% de crianças pobres 1991	% de crianças pobres 2000
2,80	7,83	10,75	17,27

Fonte: CORREIO POPULAR, 2003, p. 9

O empobrecimento infantil apontado pelo levantamento indica o quanto a renda se concentrou na última década em Campinas. Em 1991, por exemplo, 58,11% da renda estava apropriada pelos 20% mais ricos, proporção que saltou para 62,49% em 2000. Os 10% mais ricos de Campinas concentravam 45,13% da renda (CORREIO POPULAR, 2003, p. 9).

Os dados sobre a pobreza infantil, apresentados pela pesquisa, são alarmantes; conclui-se que os filhos das mulheres prostituídas do Jardim Itatinga são duplamente excluídos: são excluídos porque são pobres e são excluídos porque são filhos “delas”. São marcados pela sociedade como seres destinados ao fracasso, à delinquência, a uma triste realidade sem futuro. O segundo fator da exclusão destas crianças, o fato de serem filhos de prostitutas, no entanto, ainda não foi discutido. É o que farei abaixo, inicialmente, com uma retrospectiva histórica sobre a prostituição, seguida de uma análise crítica sobre a situação do jovem pobre e principalmente do jovem pobre, filho de uma prostituta.

2. PROSTITUIÇÃO E EXCLUSÃO

Numa breve abordagem histórica da sexualidade das mulheres nas várias épocas, das prostitutas-sacerdotisas do passado às prostitutas dos tempos modernos, veremos que,

apontada como a mais antiga das profissões, a prostituição tem resistido ao moralismo e à discriminação e mantém-se até os nossos dias, com o seu comércio rentável, às custas de terríveis males sociais e físicos infringidos às profissionais do sexo.

Na pré-história, afirma a antropóloga Evelyn Reed, a mulher era adorada como a Grande Deusa, considerada como o único ser capaz de ter a força criadora da vida humana, capaz de produzir crianças de seu próprio corpo. Neste período pré-histórico, o sexo era sagrado e as sacerdotisas lideravam rituais de sexo grupal, havendo a participação de toda a comunidade (ROBERTS, 1998, p. 20-21).

Em torno de 3000 a .C., homens nômades de tribos guerreiras invadiram os territórios matriarcais e deuses homens foram introduzidos e governantes homens foram estabelecidos. “Foi nesse ponto da história humana, em torno do segundo milênio a.C., que a instituição da prostituição sagrada tornou-se visível e foi registrada pela primeira vez na escrita” (ROBERTS, 1998, p. 22). Ao mesmo tempo em que os homens governavam, eles tentavam derrubar o poder das deusas junto às pessoas que, através dos antigos ritos sexuais dentro dos templos, adoravam-nas. Eram as primeiras prostitutas da história: ao mesmo tempo eram mulheres sagradas e prostitutas, numa combinação de amor de mãe, ternura, conforto, encantamento místico e sexo.

O conceito de moralidade sexual para as mulheres foi desenvolvido e instituído pelos profetas e sacerdotes hebreus após 1300 a.C., em que as mulheres deveriam ser designadas publicamente como propriedade privada de algum homem (pai ou marido), dizendo que a autonomia sexual das mulheres era a raiz de todo mal e passando a se identificar aquelas que viviam de seu corpo como a incorporação deste mal – as prostitutas.

No século VI a .C., na Grécia, todas as esposas, pela ausência de poder econômico e legal, eram confinadas dentro dos seus lares. “Sua vida era atrofiada: uma existência de contínua frustração, obediência e silêncio” (ROBERTS, 1998, p. 34).O conhecimento

intelectual era proibido a uma esposa, mas as prostitutas estavam livres desse confinamento físico e mental, sendo que, para muitas mulheres, a prostituição era um caminho para a liberdade e um meio para controlarem suas próprias vidas.

Neste mesmo século, Sólon, o governador de Atenas, detectando a enorme rentabilidade conseguida pelas prostitutas, instalou bordéis na cidade, atitude considerada democrática e salutar pela população, uma brilhante idéia para legitimar esta diversão pública. A mesma razão apoiou o meretrício no Império Romano. Assim nasceu oficialmente a cafetinagem. O bordéu era um paraíso para os clientes, mas as prostitutas eram tidas como escravas, viviam em moradias insalubres, parecendo celas, e o salário delas era pago a um funcionário homem do estabelecimento que administrava o local. Até mesmo os presentes que elas recebiam eram taxados pelo astuto e ganancioso Sólon. “Os homens estavam fazendo enormes fortunas com a venda forçada de serviços sexuais delas: primeiro os administradores dos bordéis, depois os coletores de impostos, e finalmente, no topo do monte, o Estado” (ROBERTS, 1998, p. 37).

Apesar do governador Sólon tentar regularizar e controlar toda a prostituição, milhares de meretrizes, apesar dos ataques dos legisladores, exerciam o seu comércio próprio. Elas eram consideradas espertas, inteligentes, articuladas e instruídas, construindo muitas delas, fabulosas riquezas.

A sexualidade e a prostituição eram fatos aceitos na antiga Roma. O Estado romano tirava proveito publicamente do comércio sexual, com lucros exorbitante através de um imposto sobre as prostitutas, instituído pelo imperador Calígula. Na Europa Medieval, os senhores feudais controlavam os camponeses através da escravidão, e as viúvas, filhas e esposas dos servos itinerantes, viam na prostituição um meio de sobrevivência.

A Igreja medieval tinha uma excelente – e muito mais pragmática – razão para querer que a indústria do sexo continuasse: porque, muito simplesmente, ela estava conseguindo uma boa renda através da prostituição. Como os reis e os nobres, o clero compreendeu plenamente que se banisse a prostituição iria perder uma fonte

de prazer e de lucro, pois com o crescimento dos centros urbanos, e o conseqüente desenvolvimento de uma base de poder centralizada, os governantes da Igreja e da corte da sociedade medieval tornaram-se os maiores senhores de terras e donos de propriedades das vilas e cidades (ROBERTS, p. 113).

Durante todo o século XV, a situação das prostitutas refletia as lutas que estavam ocorrendo em toda a sociedade francesa. A maioria dos bordéis que eram administrados pela municipalidade passou para as mãos da alta burguesia. Essa semiprivatização do comércio do sexo, representou uma perda significativa da autonomia das prostitutas e um controle mais rígido dos lucros. Os burgueses lutaram para monopolizar a indústria do sexo e tentaram classificar as mulheres que se prostituíam fora dos bordéis como foras-da-lei. Na Itália, segundo o ideal renascentista, as esposas “eram mantidas em estrita reclusão, aprisionadas em seus lares ..., enquanto os maridos encontravam na cortesã de classe alta (mulheres instruídas, influentes e talentosas), a satisfação para as suas necessidades sexuais” (ROBERTS, 1998, p. 129).

Em 1517, com a publicação do primeiro manifesto do protestantismo, foi assinalado o rompimento de Martinho Lutero com a Igreja Católica. O protestantismo original pregava que a prostituição era permissível apenas para os jovens, sendo que os homens casados deveriam atingir a perfeição moral, utilizando-se do sexo de suas esposas apenas para a procriação. “Lutero era de opinião que o próprio sexo era ‘sujo’ ” (ROBERTS, 1998, p. 141).

No século XVIII, uma onda de ideologia que dominou a Europa e a América - o Iluminismo, toma a família como alvo central dos seus pensadores. “Mais uma vez, as mulheres deveriam ser separadas dos homens e não ser tratadas como suas iguais, ficando confinadas ao lar e à vida doméstica e se dedicando à maternidade” (ROBERTS, 1998, p. 199). Enquanto isso, a prostituta continuava sendo essencial à sociedade e a sua profissão permanecia relativamente sem estigma.

No final do século XVIII, com a revolução industrial, a revolução francesa e a ascensão da burguesia, a criação de um setor de manufatura próspero não conseguiu absorver

o número excessivo de trabalhadores que vinham do campo para a zona urbana à procura de trabalho. As poucas mulheres que conseguiam arrumar emprego ganhavam um salário bem inferior ao dos homens, e milhares delas, num gesto de desespero diante da pobreza urbana, principalmente na França, aproveitaram que a revolução derrubou toda legislação prévia e inundaram as ruas da cidade, oferecendo os seus serviços sexuais. “Mais uma vez a polícia recebeu carta branca para lidar com o problema da prostituição; mais uma vez recorreram a sua solução anterior: regulamentação, tolerância – e extorsão” (ROBERTS, 1998, p. 241).

No século XIX, os Estados Unidos também tinham uma indústria do sexo em plena expansão, florescida desde o século XVIII, através do comércio marítimo, responsável por trazer um grande número de prostitutas européias. No final do século XIX, cientistas sociais norte-americanos, fizeram várias pesquisas com as prostitutas para saber os motivos que as levavam a se prostituir, e os mais freqüentes eram: mulheres que saíram de casa ainda crianças e passaram a viver nas ruas, porque fugiam dos abusos ou agressões dos pais ou devido à pobreza extrema; mulheres trabalhadoras da classe média e baixa que ganhavam muito pouco e optavam em completar a sua renda com o comércio sexual.

Com a primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Grande Depressão, a ascensão do fascismo, a Guerra Civil Espanhola e, finalmente, o início de um segundo conflito global ainda mais devastador, o público tinha pouco tempo para se dedicar a refletir sobre os erros e acertos da indústria do sexo. A Depressão não só atingiu milhares de homens que formavam extensas filas à procura de trabalho, mas atingiu principalmente as mulheres, impelindo algumas delas à indústria do sexo, dada a falta de emprego.

A Depressão também produziu um novo pico na migração das prostitutas que fugiam da pobreza e da opressão em seus países natais, muitas eram judias que fugiam das perseguições do Leste Europeu. Em meados do século XX, a vida de uma prostituta era tão difícil e perigosa quanto sempre foi, quer ela vivesse na Alemanha de Hitler, na Rússia de Stalin – ou na ‘Terra dos Livres’. Mas o mundo ocidental estava à beira de outra revolução: a ‘revolução sexual’ da década de 1960 (ROBERTS, 1998, p. 328-331).

Nickie Roberts afirma que, desde meados da década de 1970, com o aumento da pressão policial sobre a indústria do sexo, uma epidemia de assassinatos de prostitutas assolou o Ocidente. São histórias de estupros, ameaças de assassinatos e brigas envolvendo principalmente as mulheres que executam suas atividades pelas ruas dos grandes centros urbanos.

A trajetória das prostitutas na história nos mostra que, apesar das incessantes tentativas, foi impossível erradicar a prostituição. Numa sociedade dominada pelo mercado, as mulheres buscaram motivação para a indústria do sexo através da sobrevivência econômica e independência pessoal. “Pode ser difícil para alguns admitir a realidade da nossa sociedade, em que o sexo – como tudo o mais – tornou-se uma mercadoria” (ROBERTS, 1998, p. 418).

No capitalismo, fica mais claro e forte a transformação do sexo e da prostituta em mercadoria – mercadoria/objeto disponível em abundância a um mercado ávido por consumo. Fabricam-se prostitutas numa estrutura social injusta e excludente. A história da profissão das mulheres prostituídas, principalmente no capitalismo, é um relato de exploração e apropriação.

A prostituta como qualquer outra mercadoria possui um valor de uso – a sua utilização para satisfazer certa necessidade ou neurose sexual e um valor de troca ou valor-quantidade de trabalho social contido dentro dela através das mercadorias que ela tem que consumir, para poder continuar a se relacionar sexualmente com seus diversos parceiros. (CURADO, 1982, p.26).

Segundo a legislação brasileira, o exercício da prostituição não é crime. Somente a sua exploração, ou seja, o lenocínio. Este, realmente, parece ser o mal maior. Atualmente no Brasil existe uma rede de comercialização de seres humanos, principalmente de mulheres, jovens e crianças, para fins de exploração sexual comercial – “o novo mercado da escravidão”. Em abril de 1998, a Pastoral da Mulher Marginalizada realizou uma pesquisa no bairro Jardim Itatinga com 265 mulheres para saber se a profissão delas deveria ser regulamentada. O resultado foi o seguinte: 152 mulheres - 57% - disseram SIM, 92 mulheres -

35% - disseram NÃO e 21 - 8% - não responderam. Ao perguntar se queriam ter carteira assinada: 100 - 38% - disseram SIM, 145 - 54% - disseram NÃO e 20 - 8% - não responderam. Concluímos que as mulheres querem a profissão regulamentada, mas apenas a minoria quer registrar na carteira a sua condição de profissional do sexo, pois seria a confirmação, a documentação dessa atividade estigmatizada pela sociedade.

No terceiro encontro estadual de Mulheres em Libertação – MEL, promovido pela Pastoral da Mulher Marginalizada, em 5 de agosto de 2000, a travesti, agente da pastoral “Denise”, ao posicionar-se sobre o registro em carteira das profissionais do sexo, disse: “A prostituição não é uma escolha de vida: todas pensam em deixar este trabalho. E como fariam para conseguir outro emprego ?” (CORREIO POPULAR, 2000, p. 6).

As pesquisadoras Letícia Massula e Mônica de Melo (2003) dizem que um relatório de pesquisa nacional, realizada entre 2001 e 2002, sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial, elaborado pelo CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes,

... identificou no Brasil 241 rotas de tráfico, sendo 131 internacionais, 78 interestaduais e 32 intermunicipais. As mulheres e adolescentes vítimas do tráfico internacional são levadas para a Espanha, Holanda, Venezuela, Itália, Portugal, Paraguai, Suíça, Estados Unidos, Alemanha e Suriname. A Região Norte apresenta o maior número de origem de rotas, seguidas de perto pela Região Nordeste e, um pouco mais distante, pela Sudeste, pela Centro-Oeste e pela Sul, no tráfico nacional. No tráfico internacional predomina a região Nordeste (MASSULA & MELO, 2003, p. 11).

Relatam as pesquisadoras que muitas mulheres que saem do Brasil, convidadas a trabalharem no exterior, só ao chegarem lá se dão conta que se trata de prostituição. Outras atuam como prostitutas aqui e são atraídas pelas promessas de ganho alto no exterior e, ao desembarcarem, seus documentos são confiscados pelos aliciadores, ficando em cárcere privado. Conclui-se, então, que essas mulheres tornam-se escravas num país estrangeiro e, sem os seus documentos, sequer podem denunciar essa situação.

Foi identificado que, no Brasil, o tráfico para fins sexuais é, predominantemente, de mulheres e garotas negras e morenas, com idade entre 15 e 27 anos... O processo de globalização econômica tem gerado um agravamento da desigualdade econômica e social e um fenômeno específico que tem sido designado internacionalmente de “feminização da pobreza” (MASSULA & MELO, 2003, p. 12).

De acordo com o grupo de pesquisa norte-americano Protection Project, da John Hopkins University School of Advanced International Studies, citado no livro de Massula & Melo (2003, p. 14), dois milhões de mulheres e crianças são “vendidas” a cada ano em todo mundo e dos 155 casos de prostituição involuntária ou forçada levados perante tribunais na Holanda, apenas quatro resultaram na condenação dos traficantes sexuais.

A ONU e a Federação Internacional Helsinque de Direitos Humanos dizem que 75 mil brasileiras estariam sendo obrigadas a se prostituir nos países da União Européia. De acordo com as Nações Unidas, o Brasil é hoje o maior “exportador” de mulheres escravas da América do Sul (MASSULA & MELO, 2003, p. 15).

Fica evidente a degradação humana num nível acelerado neste contexto capitalista neoliberal vigente, principalmente em relação às mulheres que são aliciadas, vindas principalmente das classes sociais mais pobres. Mulheres que pelo fato de enfrentarem dificuldades financeiras acreditam que, na profissão sexual, terão uma oportunidade de melhorar sua condição econômica, mas, ao contrário, tornam-se uma mercadoria lucrativa somente aos exploradores.

As mulheres prostituídas do Jardim Itatinga, foco da nossa pesquisa, também tiveram uma trajetória de permissões e opressões. No Capítulo II dessa dissertação, descreveremos em detalhes como se originou o confinamento das profissionais do sexo dentro dessa “zona”, confinamento que se mantém até hoje.

Mas, neste primeiro capítulo, é preciso mencioná-las dentro do contexto capitalista neoliberal, como se dá a sua relação de trabalho. A relação de trabalho no Jardim Itatinga, entre as prostitutas, é de extrema competitividade. Antes elas eram mais resguardadas, hoje expõem os seus corpos pelas ruas do bairro para atrair os clientes. Os contratos que elas têm são contratos descartáveis, precários, pois não têm mais a segurança que tinham nos anos

1970 (período áureo do bairro). Nas relações comerciais, reguladas pela lógica do mercado, o imperativo é o do capital, fazendo com que as prostitutas sujeitem-se a qualquer tipo de “programa” e até mesmo de práticas sexuais sem proteção, para poder cobrar mais pelo serviço.

Analisando a década de 1970, que foi o tempo áureo no Jardim Itatinga, chegamos à conclusão de que as mulheres prostituídas viam na função a perspectiva de dias melhores, com dinheiro e uma posição melhor dentro da sociedade.

A prostituição na zona de Campinas representa a falta de qualificação profissional da mulher. O mercado de trabalho determina que uma pessoa sem qualificação profissional, receba, quando consegue arranjar emprego, no máximo, o salário mínimo. O salário mínimo em 1973 era de 312,00 (trezentos e doze cruzeiros), na mesma época uma prostituta ganhava, em média Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros) por mês (MAZZARIOL, 1976, p. 107).

Quanto mais capital a mulher adquire, quanto maior a sua independência econômica, quanto maior a ausência de necessidade de exercer sua profissão, maior é a distância que a mulher quer estabelecer entre a profissão exercida e sua vida atual; ela rompe com todos os liames que a ligavam à prostituição, tenta de todas as formas esconder a sua origem, tenta, enfim, ser uma bem sucedida mulher de negócios do “lado de cá” e que tem sua fortuna adquirida de forma absolutamente “lícita” (MAZZARIOL, 1976, p.101).

Hoje, as prostitutas do Jardim Itatinga sequer vislumbram um horizonte estreito, dada a condição de exclusão a que são jogadas pela pobreza, violência e vícios. Em compensação, os seus filhos, através das experiências e oportunidades dentro das atividades arte-educativas, provam que é possível sair deste alto grau de alienação. Podem, assim, conhecer a comunidade em que vivem, valorizar o cotidiano, analisar as pequenas ações que realizam individualmente, articuladas com as demais, sempre atentos aos problemas da comunidade, motivando a reflexão e as tentativas de mudança.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural passa a ser ou a virar quase natural (FREIRE, 1997, p. 21).

2.1 Os jovens pobres e os filhos das mulheres prostituídas no Jardim Itatinga

Para analisarmos a atual e real situação dos jovens num mundo capitalista e principalmente, dos filhos das mulheres prostituídas no Jardim Itatinga, terei como referência a autora Viviane Forrester (1997). A autora relata a realidade dos jovens nos subúrbios da França, mas constatamos que se trata, *mutatis mutandis*, da realidade dos jovens pobres do mundo. Ela mostra o quanto os restritos direitos dessa classe são ridicularizados, o quanto esses jovens têm “tempo livre”, mas no qual não têm nada de útil para fazer. Então, este tempo os oprime, torna suas horas desvairadas, inimigas. Vivem pressionados num sistema todo-poderoso onde não há lugar para eles, “o que têm eles a perder se nada receberam, a não ser modelos de vida que tudo os impede de imitar ?” (FORRESTER, 1997, p.64).

Forrester afirma que na sociedade baseada no “emprego”, que a cada dia torna-se mais escasso, encontramos certos paradoxos exacerbados nos subúrbios

... porque, se ter acesso ao trabalho afigura-se difícil para a maioria e sem grande esperança para muitos outros, e em primeiro lugar aqueles a quem chamamos “os jovens” – subentendido: os do subúrbios considerados “sensíveis”, quase não tem qualquer chance de um dia ter esse direito. É sempre aquele mesmo fenômeno de uma forma única de sobrevivência, excludente... Toda uma rede rigorosamente já tecida, lhes proíbe a aquisição não só de meios legais de viver, mas também de qualquer razão homologada para fazê-lo. Marginais pela sua condição geograficamente definidos antes mesmo de nascer, reprovados de imediato, eles são os “excluídos” por excelência (FORRESTER, 1997, p. 57).

O mesmo sistema que impõe uma vida que depende do salário, do emprego, recusa o emprego ao jovem pobre. A maior justificativa da recusa é a falta de instrução dessa classe, ou seja, que eles não frequentaram a escola e, conseqüentemente, não possuem os pré-requisitos necessários para o ingresso no mundo do trabalho. Parece lógico dizer que a solução é, simplesmente, colocar todos os jovens na escola. Forrester, então, analisa o eterno desencontro que há entre o mundo desses jovens e o mundo da escola. A primeira análise é sobre a existência de dois mundos, em que os professores representam o outro lado, o lado dos que excluem, o lado com valores tentadores, mas inacessíveis.

O ensino, então, condiciona esse aluno pobre a um programa que o exclui: um programa que nem menciona a realidade da exclusão. A escola em momento algum fala dessa geografia dos excluídos, ela fala somente de um mundo maravilhoso que a mídia reforça em seu discurso. Um programa com um objetivo irreal de inserir esse aluno mais cedo no mundo do salário, mesmo sabendo que esse salário não existe mais. Um programa que não tem conteúdos voltados para a cultura, o qual “desse sentido à sua presença no mundo, à simples presença humana, permitindo-lhes adquirir uma visão geral das possibilidades reservadas aos seres humanos, uma abertura sobre os campos de seus conhecimentos” (FORRESTER, 1997, p. 80).

Segundo a autora, a escola não ensina a pensar para além do que é dado, não permite o pensar político. Na realidade, o que é ensinado na escola apenas reforça o sistema neoliberal. A educação técnica nas escolas é reforçada para os jovens pobres, mesmo sabendo que eles não terão a mínima chance de conseguir emprego. O discurso da instituição educacional é que ela abre as suas portas, mas que o pobre se recusa a entrar. Talvez, diz a autora, os excluídos estejam enxergando mais nitidamente o futuro que a classe média e, por isso, eles rejeitam uma sociedade que não existe mais. Neste seqüencial de erros e omissões, as listas dos azarados se tornam as listas dos reprovados – o excluído se torna expulso. Em contrapartida, a sociedade está incomodada com a invasão desses pobres, com suas violências, suas infrações, colocando-os no local planejado para eles: a prisão. Mas essa mesma sociedade se esquece que ela se organizou deixando-os de lado.

O ser humano só é capaz de criar um mundo diferente se ele for capaz de imaginar um mundo diferente e, ao pobre, o fato de já nascer na pobreza, o marca, impõe um limite, uma barreira à vida, ao futuro. A princípio, a ele só restaria uma vida animalesca, instintiva, na luta pelo alimento, pela sobrevivência.

Quanto a mim, também estou convicta sobre o papel da escola, da cultura, da educação como uma forma de conscientização. A construção através do pensamento. Um ensinar a pensar, “porque não há nada mais mobilizador do que o pensamento” (FORRESTER, 1997, p.68). Um enxergar além desse mundo real que está expulsando as pessoas. As pessoas não têm que ir à escola para aprender a se adaptar a esse mundo que está em desaparecimento. Torna-se urgente um pensar sobre um outro mundo e, para isso, a escola precisa ser mais estimulante e menos massacrante. O que constrói é o pensamento.

O pensamento é importante porque percebemos que houve um começo, que houve uma história e este não é o único mundo possível. Concluimos, então, que com a ação, mais o pensamento, se dá a transformação (AÇÃO + PENSAMENTO = TRANSFORMAÇÃO). Consciente desta construção, desta transformação, através da ação e do pensar político é que intervimos pedagogicamente, utilizando o teatro-educação, com os filhos das mulheres prostituídas, atendidas pelo CEPROMM.

O mundo teatral é rico na medida em que afirma o individual, a busca constante do reconhecimento e o direito à diferença. Ao mesmo tempo, este mundo só acontece na consciência da complementaridade. A cada novo encontro firma-se o direito à participação e o dever da solidariedade. Enquanto na conduta neoliberal vemos cada um buscando o seu próprio interesse, num grupo teatral, para que a peça aconteça, é necessário que haja um interesse em comum, que um ajude o outro. É também um espaço onde cada um vive situações diferentes, desempenha papéis e funções variadas, possibilitando acima de tudo a capacitação para a comunicação, para o senso crítico.

Vivemos num país onde os meios de comunicação são privados, usados sem função social, visando apenas o lucro e a dominação política e cultural. Os filhos das mulheres prostituídas do Jardim Itatinga utilizam-se do teatro como meio de comunicação social, não só para a transmissão de conteúdos pedagógicos complementares ao currículo das escolas, pois,

ao término do espetáculo, descrevem como conseguiram chegar até ali, como se organizaram democraticamente, como participam dos processos decisórios, como deliberam, analisam, interpretam as situações e tomam decisões, enfim, como construíram um trabalho digno que está proporcionando uma atuação mais consciente, reflexiva e produtiva.

Enquanto na perspectiva tecnológica neoliberal o indivíduo é coisificado, paulatinamente substituído pela máquina, ou seja, o trabalho passa a se controlar a si mesmo, dispensando a intervenção do homem como seu executor, os filhos das mulheres prostituídas que participam do projeto de teatro-educação aqui exposto, mostram aos espectadores que o teatro é vivo, fruto da inter-relação criativa de pessoas com vontade, com sentimento, com capacidade de pensar, de produzir. É a valorização do ser que entende a dinâmica social que se estabelece entre eles, no particular, e que, paulatinamente, vai se expandindo para além dessa micro-relação, participando assim de um projeto social de cidadania transformadora.

É imoral afirmar que a fome e a miséria a que se acham expostos milhões de brasileiras e de brasileiros são uma fatalidade em face de que só há uma coisa a fazer: esperar pacientemente que a realidade mude. O meu bom senso diz que é imoral e exige de minha rigorosidade científica a afirmação de que é possível mudar com a disciplina da gulodice da minoria insaciável (FREIRE, 1997, p.70).

Encerramos este capítulo afirmando que a luta é uma constante na vida do marginalizado, mas é constante também para todos aqueles que, como nos diz Paulo Freire, optam em não se adaptar ao mundo, mas nele se inserir, não sendo apenas objeto, mas sujeitos também da História.

CAPÍTULO II

O JARDIM ITATINGA E A PROSTITUIÇÃO

“O Itatinga aos poucos volta a ser o ‘bairro do amor’. Quem assume a ‘profissão’ não tem o que temer. Morar aqui é viver num ambiente comum ao estilo de vida que se escolheu – seja por opção ou necessidade”
(CORREIO POPULAR, 1998, p.10)

Este capítulo apresenta uma análise histórica e uma descrição das atuais condições do bairro Jardim Itatinga, mostrando não só a aparência externa do lugar, mas a sua essência, a relação entre os seres humanos e suas ações. Uma história que não constava nos livros. Mas, após um intenso trabalho de pesquisa, levantamento e catalogação, foi possível não só conhecer o real da existência histórica-social dessas mulheres, mas organizar uma biblioteca dentro do próprio bairro, a qual inauguramos no dia trinta de novembro de 2003. Este espaço recebeu o nome de “Biblioteca da Mulher – Irmã Laurinete”, homenagem das mulheres do

bairro a uma pioneira do trabalho da Pastoral da Mulher Marginalizada em Campinas, que faleceu dias antes da inauguração.

Com a colaboração de algumas mulheres do Jardim Itatinga, principalmente aquelas que um dia foram prostitutas e cafetinas, das voluntárias da Pastoral da Mulher Marginalizada - PMM e dos funcionários do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada - CEPROMM, foi possível construir uma historiografia em que eles são os próprios sujeitos históricos, quando tiveram a oportunidade de recuperar a história do passado para compreender a realidade contemporânea, neste caso a realidade das mulheres prostituídas e seus filhos e filhas. Complementando as falas dos moradores, encontramos na dissertação de mestrado de Regina Maria Mazzariol intitulada “Mal necessário” – ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas¹, datada de 1976, informações sobre os dez primeiros anos do bairro Jardim Itatinga. Pesquisamos também trinta e sete reportagens sobre o bairro, no jornal Correio Popular de Campinas.

1. ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E DECADÊNCIA DO BAIRRO JARDIM ITATINGA

Em meados dos anos 1960, a cidade de Campinas tinha aproximadamente 300 mil habitantes. Os padres Salesianos receberam da prefeitura de Campinas a doação de uma área despovoada no bairro Taquaral, zona norte da cidade, para a construção de um colégio e uma escola agrícola. A Câmara Municipal limitou a isenção de impostos municipais apenas às

¹ Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, área de antropologia social, apresentada ao departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Um trabalho histórico-etnográfico sobre a situação da prostituição na cidade de Campinas de 1966 a 1974.

áreas construídas, forçando os detentores a lotear a maior parte dos terrenos, para comercializar. Como a área era desprovida de infra-estrutura básica, as primeiras pessoas que se aventuraram a se fixar no local foram as prostitutas que, na época, atuavam dispersas pela cidade.

O crescimento demográfico da cidade determinou a reorganização do espaço aproveitado para fim residencial. As áreas existentes despovoadas, dentro do perímetro urbano, tiveram grande valorização, surgindo daí a necessidade de retirar as casas de prostituição do bairro do Taquaral, para transformá-lo em zona residencial de padrão elevado (MAZZARIOL, 1976, p. 14).

Num município provinciano e conservador aquelas casas de prostituição começaram a incomodar os plantonistas da moral e dos bons costumes. A grande pergunta que se fazia nos bastidores dos órgãos públicos era: Como os terrenos vizinhos iriam ser ocupados por residências familiares ? A resposta vinha logo a seguir: É preciso extirpar a “zona” da região.

Iniciava-se aí uma batalha social: de um lado, as prostitutas e, do outro, a polícia que, perante a opinião pública, aparecia para promover as vistorias e prisões das mulheres que trabalhavam no local. Essas prisões eram efetuadas sob a alegação da prática do lenocínio, pois a lei penal brasileira não incrimina a prostituição em si, mas o fato de se prestar à libidinagem alheia, ou dela se tirar proveito.

Efetuar “batidas” ou diligências contra o “trottoir”, prendendo mulheres que passeavam pelas ruas atraindo fregueses, foi uma atitude que a polícia tomou para coagir as mulheres prostitutas a se localizarem e exercerem sua atividade em local separado das famílias campineiras. A força da polícia na Operação Limpeza constituiu em ser uma instituição autorizada pelo Estado para executar o serviço de Segurança Pública e pelo fato de ser chamada pela população, para intervir nas situações de desordem. A polícia, conseqüentemente, tem apoio político e cooperação da população na execução de seu papel (MAZZARIOL, 1976, p. 21-22).

A imprensa teve uma participação grande no combate à prostituição da cidade, à medida em que ela agia como porta-voz, publicando facetas da opinião pública. “Foi e é a imprensa local, que apela, apoia e desafia a polícia na execução da Operação Limpeza” (MAZZARIOL, 1976, p. 15).

A cúpula policial e corretores de imóveis localizaram uma área, na periferia mais erma da cidade, uma gleba pertencente à antiga fazenda cafeeira Pedra Branca desativada, nas imediações do Aeroporto de Viracopos. A gleba foi inicialmente dividida em 30 lotes². Usando de coerção, a polícia obrigou as donas das casas de prostituição a adquirirem lotes na área designada pelas autoridades e, assim, o bairro Taquaral, que já começava a transformar-se num bairro adensado, para onde se mudavam famílias de classe média, ficou livre da prostituição (CORREIO POPULAR, 1991, p. 2 e 1997 p. 3).

Em 1966, a cafetina “Lúcia” construiu a primeira casa no local. “Lúcia” era dona de casa de prostituição há vários anos e, na época, além de ter um nome conhecido e projetado socialmente, possuía uma freguesia composta de gente “importante” e relativamente fixa. O raciocínio da polícia era perfeito: a casa de prostituição da Lúcia serviria de “isca” . Seria transferida para o novo local e atrás dela iria toda freguesia. Por outro lado “a não aceitação do ‘convite’ de transferência para a zona em formação, acarretava a instauração de inquérito por exploração do lenocínio contra a dona de casa não conivente” (MAZZARIOL, 1976, p. 27).

Os policiais, os promotores públicos e os juízes criaram um código para denominarem a zona, diziam que era a “Laredo Campineira”, numa referência à cidade sem lei nem fronteiras das lendas do velho oeste americano. Eles definiram “a situação social da prostituição como ‘mal necessário’, legitimando o papel da Polícia na ‘Operação Limpeza’, (...) e que autorizou a polícia a escolher como alternativa de trabalho a reimplantação do sistema ‘regulamentarista’ ” (MAZZARIOL, 1976, p. 65 e 77). A pesquisadora Regina Maria Mazzariol, citando Barruel³ em sua dissertação de mestrado, escreve que o sistema

² De acordo com o Memorial Descritivo do loteamento, protocolo n.888 de 14/01/1954 – Prefeitura Municipal de Campinas: Jardim Itatinga – loteamento situado na zona rural, a 8 km da cidade, dista 5 Km do Aeroporto Viracopos. Tem como limites: de um lado, a estrada estadual (pavimentada) e do outro lado, a estrada municipal (as duas estradas ligam a cidade ao Aeroporto Internacional de Viracopos).

³ LAGENEST, Jean P. Barruel. *Mulheres em Leilão: um estudo da prostituição no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1973.

“regulamentarista”, defendido pela Polícia como necessário, baseia-se principalmente em três argumentações: primeiro, que o confinamento “limpa” a cidade, separando a prostituição do seio da comunidade familiar; segundo, possibilita a fiscalização da saúde das mulheres, sendo uma forma de combate às doenças venéreas, terceiro, o controle das prostitutas pelo zoneamento e fichamento das mulheres, facilita a efetuação do trabalho policial, abrindo a possibilidade de realização eficiente de combate a crimes primários.

Após dois anos, já com 20 casas e as boates se instalando rapidamente, o bairro passaria a ser conhecido pelo nome protocolado na Prefeitura - Jardim Itatinga (nome da imobiliária que loteou a área). Em 1972 existiam 52 casas de prostituição e aproximadamente 590 mulheres confinadas, em 1974 existiam 73 casas e aproximadamente 626 mulheres. Estes dados foram conseguidos pela pesquisadora Mazzariol que teve acesso ao fichário da Polícia de Campinas, que, em duas oportunidades, organizou o fichamento da população radicada na zona. “O primeiro fichário teve início em 1969 e durou até setembro de 1971 e o segundo fichário começou em outubro de 1973 e existiu até dezembro de 1974” (MAZZARIOL, 1976, p. 78).

Conforme relato da referida pesquisadora, apesar do número de casas ter se expandido rapidamente, as benfeitorias no bairro não acompanharam na mesma proporção, apesar da população do bairro pagar os impostos cobrados pela municipalidade.

É interessante lembrar que o Jardim Itatinga apesar de estar situado na zona rural é considerado como zona de expansão, consequentemente, os tributos são urbanos e pagos à municipalidade. Devo ainda salientar que, o bairro em sua infraestrutura não possui melhoramentos indispensáveis à áreas urbanizadas, como por exemplo, rede de água e esgoto que é substituída pelos poços e fossas das casas. O pagamento de taxa tem por fato gerador a execução, pela municipalidade, de serviços urbanos tais como, coleta e remoção de lixo domiciliar, iluminação pública, conservação de calçamentos, limpeza de vias públicas. No entanto, no Jardim Itatinga, praticamente o único serviço prestado é o de iluminação, pois o bairro é quase que totalmente sem calçadas, sem pavimentação e o serviço de limpeza e recolhimento de lixo é precário. (MAZZARIOL, 1976, p.138-139)

Na década de 1970, esta zona de prostituição se tornou a mais famosa do Brasil, por suas casas luxuosas, boates requintadas, frequentadas por homens ricos e com grande influência empresarial e política; clientes do Brasil inteiro despejavam dólares na mesa pelo prazer de passar a noite com mulheres daquela que era considerada “a maior zona da América do Sul” (CORREIO POPULAR , 1997, p. 3 e 2001 p. 2).

Eu cheguei aqui na zona para trabalhar em 1973 e após um ano consegui abrir a minha própria casa de prostituição. Aqui era muito bom para se viver e para ganhar dinheiro. As moças trabalhavam de vestido longo, não fazia porta não. Era tudo dentro de casa, portas fechadas e porteiros em todas as casas. Aqui era fino mesmo. O homem podia beber, que ninguém roubava (Entrevista realizada em 08/2003, com X, ex-cafetina) - Figuras 1 e 2.

Lembro-me dos tempos em que isso aqui tinha classe. Os homens eram chamados de cavalheiros e as meninas de damas. Não havia exibição nas portas das casas que eram quase todas fechadas. Para entrar, o cliente tinha de bater à porta e só frequentava a zona do meretrício vestido devidamente, de terno e gravata. Eram homens da sociedade. De respeito. Ninguém chegava aqui de chinelos de dedo, bermuda ou sujo de graxa como vemos pelas ruas do bairro (Entrevista de uma prostituta ao jornal CORREIO POPULAR, 1998, p.10) - Figura 3.

Figura 1: Prostituta de vestido longo, 1977 Figura 2: Prostitutas com roupas informais, 1986



Fonte: arquivo Cepromm



Fonte: arquivo Cepromm

Figura 3: Prostitutas em trajes íntimos, 1998



Fonte: Jornal Correio Popular, 1998, p.10

Em julho de 1980, a Pastoral da Mulher Marginalizada de Campinas elaborou um relatório sobre a realidade da prostituição na zona de confinamento de Campinas, na ocasião do 4º Encontro Nacional da Pastoral da Mulher Só e Desamparada, realizado no Rio de Janeiro. Na década de oitenta viviam cerca de 2.000 (duas mil) prostitutas, em 153 casas, situadas em 17 ruas do bairro. Abaixo relacionamos dados sintéticos retirados deste relatório, pois nos dão uma visão relacional e estrutural dos anos 1980, com os quais faremos uma comparação com os dados obtidos na dissertação de mestrado de Regina Maria Mazzariol de 1966 a 1974 e com os dados atuais (março de 2004), obtidos através da pesquisa que efetuamos junto às agentes da Pastoral da Mulher Marginalizada que atuam no bairro.

TABELA 3: A Procedência das mulheres

1966 - 1974	Num total de 591 mulheres: 3-região Norte do Brasil, 69-Nordeste, 54-Sudeste, 20-Centro-Oeste e 445-Sudeste, sendo 326 do próprio Estado de São Paulo e apenas 19 mulheres são naturais de Campinas.
Anos 1980	A grande maioria das “meninas” do Jardim Itatinga era de São Paulo e região (Americana, Piracicaba, Mogi-Mirim) e muitas do sul do Paraná e Minas Gerais, mas, também, tinham meninas de lugares distantes do Brasil

2004	A maioria vem de outros Estados brasileiros, sendo oitenta por cento são oriundas dos Estados da região nordeste.
------	---

Apesar de sempre haver uma mobilidade muito grande na prostituição, se antes a maioria se deslocava dentro do próprio Estado de São Paulo, hoje, aproveitando-se principalmente da rota de caminhoneiros São Paulo - Nordeste, o maior número de prostitutas é do nordeste.

TABELA 4: A faixa-etária

1966 - 1974	76,12% das mulheres tem menos de 30 anos
Anos 1980	A maioria das mulheres tem entre 18 a 23 anos e uma minoria com mais idade
2004	A maioria é jovem (18 a 30 anos), mas também 30% tem acima dos 35 anos de idade

As mulheres prostitutas são, necessariamente, jovens, uma vez que o corpo é o seu instrumental de trabalho, o que é de fundamental importância na obtenção e manutenção dos fregueses.

TABELA 5: Aliciamento

1966 - 1974	Mulheres em busca de uma vida melhor, desarticulação familiar.
Anos 1980	Meninas em situação difícil, à procura de um teto, de um emprego, mães solteiras expulsas de suas famílias, meninas de famílias pobres vindas do interior à procura de uma vida melhor; meninas atraídas por promessas de vida boa e que são levadas para a zona.

2004	Maioria vem por motivos econômicos, objetivando uma ascensão social.
------	--

A ilusão de encontrar na prostituição a solução para os problemas financeiros persiste ao longo dos tempos. Uma das agentes da Pastoral da Mulher Marginalizada que atua no bairro Jardim Itatinga, informou que, apesar de toda crise econômica, os clientes continuam presentes nas zonas e isto continua atraindo muitas mulheres que sonham em ter uma ascensão social. Ao perguntarmos se a casa da “Lúcia” ainda funcionava no bairro, recebemos como resposta que atualmente ela mora num bairro classe média alta de Campinas e não exerce mais a função de cafetina, mas que recebe aluguel de alguns imóveis que tem no Itatinga. A atual maneira da “Lúcia” viver é o sonho de quase toda prostituta entrevistada: viver com conforto, longe da zona, sendo respeitada pela “sociedade”.

Entrevistamos uma ex-prostituta e ex-cafetina, que continua morando no bairro, mas que atualmente, com 52 anos de idade, vive com a renda dos imóveis que ela conseguiu adquirir enquanto trabalhava.

Saí de casa cedo, saí lá do interior de Minas e fui pra São Paulo, capital. Uma menina ainda eu era, eu servia cafezinho numa firma e tinha que comer pão com mortadela todo dia para ter dinheiro e pagar uma vaga num quarto de pensão. Depois eu conheci um travesti que era do Jardim Itatinga e estava em São Paulo a procura de meninas para trabalharem na zona de Campinas. Como ele falou que eu era uma menina nova, bonita e teria chance de ganhar muito dinheiro eu achei o negócio uma maravilha, saí do serviço e vim pra cá. Trabalhei um ano numa casa de prostituição e consegui montar uma casa pra mim. Guardei dinheiro, encontrei um companheiro e montamos uma lanchonete muito grande e saí da prostituição. Hoje continuo vivendo com esse homem, moro no bairro e ajudo nos trabalhos da Pastoral da Mulher Marginalizada - PMM (entrevista com “Y”).

TABELA 6: Situação dos filhos das prostitutas que trabalham na zona de prostituição

1966 - 1974	Os filhos ficam fora da zona e as mulheres pagam uma babá para tomar conta deles.
	Geralmente elas não fazem a doação de seus filhos. Elas confiam os seus filhos à uma família simples nos arredores da zona e pagam para que cuidem

Anos 1980	deles. Regularmente elas os visitam. Os menores não podem estar na zona e o juizado de menores exerce uma grande fiscalização a respeito dos menores na zona. Para não perder seus filhos, as mulheres cumprem com rigor o distanciamento das crianças do local de prostituição.
2004	80% dos filhos das mulheres não moram no bairro e 100% dos filhos não ficam nas casas de prostituição. Grande parte do dinheiro ganho na profissão é destinado aos gastos com a manutenção dos seus filhos.

Observamos que, apesar da péssima referência profissional das mulheres prostituídas que são mães, quando elas optam em concluir uma gestação, elas assumem o sustento das crianças e, para muitas, o filho representa a única fonte de um amor sincero e desinteressado.

TABELA 7: Relacionamento entre as próprias mulheres prostituídas

1966 – 1974	Apesar de existir uma rede de informações entre elas sobre em que local fatura-se mais, o que demonstra uma certa solidariedade, existe também uma disputa pelos melhores fregueses.
Anos 1980	Durante o trabalho de prostituição não existe muito o relacionamento, pois há medo de que uma roube o freguês da outra. Elas se sentem sozinhas (sem família, sem lar, sem apoio). Predomina o individualismo e a passividade diante da exploração exercida pelas donas das casas, pelos fregueses, pela polícia. No entanto, quando são organizadas algumas atividades de grupo, fora da casa da zona onde trabalham, elas se abrem, se confiam, se organizam, reivindicam. Na ocasião de excursões, retiros, romarias, novenas, elas manifestam uma grande abertura umas com as outras. Existe diálogo muito rico entre elas. Quando uma necessita de ajuda (remédio por exemplo) elas são capazes de gestos muito bonito de entre-ajuda (JOBARD E SANTANA, 1980, p. 2).
2004	As brigas pela disputa dos fregueses são cada vez mais raras; o que impera é a lei da oferta e da procura: “imagine uma feira de bananas. As frutas ficam expostas e o freguês pega, examina e leva a que mais lhe agrada” (entrevista com uma agente da PMM – ex-prostituta). A solidariedade está presente quando uma delas está em qualquer tipo de situação ruim, principalmente quando se trata de problemas com os filhos ou com doença. Nestas situações elas se unem como irmãs.

Se, nos tempos áureos havia uma disputa acirrada entre as mulheres pela obtenção do melhor freguês, visto que o objetivo das administradoras das casas era ter uma clientela fixa e permanente, hoje, ao contrário, com um menor poder aquisitivo dos homens que frequentam a zona do Itatinga, o cliente não encontra mais as mulheres trancadas dentro de uma casa, com porteiros elegantes selecionando os freqüentadores; ele encontra a mercadoria exposta nas calçadas e, numa análise sinestésica, ele escolhe quem lhe fornecerá o serviço.

TABELA 8: Relacionamento com os exploradores

1966 - 1974	Há uma relação de subordinação da “menina” com a dona da casa, que deve obedecer as regras impostas pela patroa. O lucro que se dá à casa é o fator que se leva em consideração na relação “menina” – dona da casa de prostituição.
Anos 1980	Quando a prostituta dá lucro, ela é bem vista pela dona da casa, que ajuda de acordo com a “bondade” da funcionária. É uma relação do sistema capitalista: “patrão-empregado”.
2004	As agentes da PMM detectaram que, atualmente, duas casas de prostituição cuidam muito bem das jovens que lá trabalham: pagam tratamento médico e estético para elas, contribuindo assim para a saúde das profissionais, mas as agentes afirmam que as mulheres que não conseguem emprego em casas como essas, são muito exploradas, nas casas mais simples onde seus direitos são ignorados.

TABELA 9: Relacionamento com a família

1966 – 1974	A maioria das mulheres não conta para os familiares que é prostituta; as visitas aos familiares são raras, mas normalmente sempre mandam dinheiro para a família.
Anos 1980	Quando a família não sabe que a menina está na zona, ela viaja mais vezes para a casa dos pais, levando dinheiro ganho para ajudar os próprios pais, que muitas vezes estão vivendo na miséria. Quando a família sabe que a menina está na zona, as visitas são menos frequentes. Algumas manifestam

	muita revolta contra a família (castigos dos pais durante a infância, o pai alcoólatra, as brigas na família).
2004	Poucas mulheres ainda mantêm contato com os familiares. Antigamente, elas iam visitar a família e levavam dinheiro, mas hoje o que as mulheres ganham mal dá para o próprio sustento.

Fica claro que a maioria das mulheres prostituídas procurou manter relativo contato com a família e hoje perdeu-se quase totalmente esse contato. Essas mulheres desempenham duas formas de atuação social: uma delas corresponde ao mundo profissional e a outra fora do mundo da prostituição. “Nestas idas e vindas para ver os familiares elas dizem ir para o “mundo de lá/mundo de cá”, como se fosse para preservar o mundo de lá sempre como o comportamento ‘normal’ e desejável” (MAZZARIOL, 1976, p. 54).

TABELA 10: Relacionamento com as autoridades

1966 – 1974	Um relacionamento em que impera o autoritarismo e a imposição por parte daqueles que dizem estar a serviço da Segurança Pública.
Anos 1980	O relacionamento é inexistente, elas não procuram este tipo de relação, porque não acreditam. A autoridade para elas representa a repressão, a violência, o julgamento, a polícia, a delegacia. “A autoridade não se apresenta a serviço delas, mas as ignora, atrapalhando mais do que ajudando” (Relatório PMM, 1980, p.2).
2004	Ainda predomina o medo das antigas repressões. A PMM informou que há indícios de que é necessário o pagamento a alguns policiais para que eles não interfiram no bairro.

TABELA 11: Relacionamento com a sociedade em geral

1966 – 1974	As prostitutas são excluídas pela sociedade, pois sua presença na cidade ofende a “família”.
-------------	--

Anos 1980	Não existe integração das meninas com a sociedade, pois a sociedade as marginaliza. As máscaras (maquiagem, peruca, nome de guerra) manifestam que elas se escondem para defender-se. As prostitutas não se julgam piores do que certas mulheres da dita sociedade. Algumas dizem que “existe mais podridão numa cidade do que numa zona” (Relatório PMM, 1980, p. 3).
2004	A sociedade continua a olhar com total preconceito. Mesmo os moradores do bairro, que nada têm com a prostituição, são discriminados só por residirem no local.

Depois de 15 anos de glamour, no entanto, a zona entrou num processo lento, mas irreversível, de decadência. Primeiro vieram os travestis, que usavam métodos agressivos de comercializar o corpo: praticavam furtos e sempre se metiam em confusões com clientes. (CORREIO POPULAR, 1997, p.3). Em 1983, a Aids também contribuiu para a decadência do bairro Jardim Itatinga, associada aos grupos de comportamento sexual promíscuo. Com os clientes cada vez mais escassos, as casas de prostituição foram fechando, permanecendo apenas algumas boates e umas três dezenas de casas.

No início da década de 1990, imóveis antigos passaram a ser comprados por trabalhadores de baixa renda, que colocavam uma placa na porta, uma plaqueta sinalizando que ali, viviam famílias. (CORREIO POPULAR, 1997, p.3). Muitas prostitutas voltaram a se prostituir em outros pontos da cidade de Campinas, como faziam na década de 1960. Faziam pontos no centro da cidade, em bairros empobrecidos da periferia, às margens de rodovias e estradas secundárias.

Em julho de 1990, o Juizado de Menores com o apoio da Polícia Militar fiscalizou 34 casas de prostituição; três foram autuadas por empregar menores de 18 anos e 5 moças foram encaminhadas à Central de Atendimento ao Migrante, Itinerante e Mendicante, ou levadas aos familiares nas cidades de origem (CORREIO POPULAR, 1990, p. B-5).

O pavor que afligia os clientes sobre a Aids foi diminuindo e, no início de 1994, havia cerca de 300 casas de prostituição e 2 mil pessoas trabalhando no bairro, entre prostitutas, cafetinas e garçons. Diante do seu novo crescimento, a prostituição no bairro logo seria ameaçada novamente, agora pelas autoridades. Em agosto de 1994 os jornais da cidade estampavam notícias de que os donos de casas de prostituição do Itatinga estavam sofrendo pressões para abandonar o local no prazo máximo de seis meses. “O bairro do pecado tem os dias contados” (CORREIO POPULAR, 1994, p. B-3). A população do bairro denominou a investida das autoridades de “Varredura da Viração”. Tratava-se de uma suposta parceria entre a Prefeitura, a Polícia Civil e o Serviço Social da Indústria - o Sesi, que há cinco meses havia instalado uma unidade educacional às margens da Rodovia Santos Dumont, em frente à zona de prostituição.

A prostituta Rute Quirino do Nascimento dá uma entrevista ao jornal Correio Popular declarando que “duas mulheres, uma loira e outra morena, vieram três vezes, cada dia num carro, mas sempre chapas brancas, e em nome da prefeitura mandaram a gente arrumar as malas.” GR, 47 anos, dona de uma casa na zona, afirmou que até proposta de compra da propriedade já recebera de supostos representantes do Sesi. “Disseram que aqui é área industrial pela legislação da cidade e por isso não adiantaria resistir”. Na época “O Galo de Ouro” era a casa mais tradicional do bairro e procurou logo adequar o imóvel colocando revestimento acústico para abafar o som da boate e em torno dele foram erguidos muros altos, para permitir o funcionamento de motel (CORREIO POPULAR, 1994, p. B-3).

Atualmente, a grande área de lazer do Sesi está em pleno funcionamento e não só disponibiliza o clube aos trabalhadores da indústria, mas em parceria com o Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada – CEPROMM, permite que as 120 crianças e adolescentes atendidos diariamente por esta instituição filantrópica usufruam, uma tarde na semana, das piscinas e quadras de esportes.

Outro assunto que sempre esteve nas manchetes de jornais de Campinas é a questão de existir ou não menores sendo aliciadas para a prostituição na cidade, principalmente dentro da zona de confinamento. Em setembro de 1997, a polícia deteve um agenciador de menores de 66 anos e sua namorada de 29 anos numa casa de oito quartos, com colchões e roupas misturadas a muito lixo e fezes. Ainda havia cachimbos usados para fumar crack, isqueiros e sacos plásticos usados para embalar a droga. Os presos alegaram que “existem menores se prostituindo em quase todas as casas do bairro” (CORREIO POPULAR, 1997, p. 3).

A Pastoral da Mulher Marginalizada exerce um papel fundamental dentro do bairro, lutando para que uma consciência mais humanizada e crítica poupe as crianças e adolescentes da ganância dos aliciadores. Nas frequentes visitas da assistente social do CEPROMM e das agentes da PMM às casas de prostituição, elas procuram também investigar se existe alguma menor se prostituindo.

Em janeiro de 1998, o Jornal Correio Popular de Campinas escreveu uma página sobre as famílias que também vivem dentro do bairro. A repórter entrevista um garoto chamado Pietro de 9 anos que confessa o seu sonho: “ficar rico para comprar as casas do bairro onde mora e transformá-lo em um local onde crianças possam andar de patins nas ruas e adultos circular tranquilamente sem a preocupação do que vão encontrar pela frente”. Este garoto, apesar da pouca idade, criou o Clube da Paz do qual podem participar crianças e adultos, desde que tenham um único objetivo: fazer do Itatinga um lugar totalmente familiar. Tentamos encontrar o Pietro que hoje está com 15 anos. Infelizmente o seu sonho não se tinha realizado, o Clube da Paz não existe mais e em 2002 ele deixou o bairro e mudou-se para outra cidade.

Na reportagem veiculada pelo Correio Popular de Campinas, vários entrevistados, entre crianças, idosos, mães e pais de família, que nada têm a ver com a exploração do sexo, declararam que o bairro “é um lugar bom para se viver. O terreno é barato e a convivência

com os demais moradores torna-se algo indiferente quando não se pensa no que eles fazem. Só não há como sair de casa à noite porque aqui é o ambiente de trabalho das prostitutas e dos travestis. Não podemos interferir nisso” (CORREIO POPULAR, 1998, p.10). Os funcionários do Posto de Saúde existente no bairro Jardim Itatinga, informaram que, em seis meses, cadastraram 700 novas prostitutas que chegaram, o que é um indicativo de que a população de profissionais do sexo vem aumentando.

No último levantamento feito pela PMM Campinas, consta que aproximadamente 1.500 mulheres se prostituíam no bairro em 1998, em que uma média de quinhentas só usavam o local para trabalhar e mil delas moravam nas próprias casas do bairro.

As estatísticas policiais revelam que o Jardim Itatinga tornou-se uma zona de violência, com assassinatos, roubos e até casos de sequestros viraram rotina no bairro. No ano de 2001, de janeiro a agosto, nove pessoas foram assassinadas, 11 ficaram feridas a tiros, 78 carros foram roubados, dos quais cinco com sequestro relâmpago, 37 ônibus foram assaltados e 10 pessoas foram presas por porte ilegal de arma – os números são das polícias civil e militar . A violência está impulsionada pelo tráfico de drogas, segundo levantamento da Polícia. (CORREIO POPULAR, 2001, p. B-2).

O major do 47º batalhão da polícia militar de Campinas, ao ser entrevistado em dezembro de 2003, para explicar porque a polícia estava sendo acusada de maus-tratos em ações no Jardim Itatinga, afirmou que “houve um aumento no número de viaturas na região do Itatinga por conta dos índices de criminalidade e se houve excesso em alguma ação, não chegou a meu conhecimento.” Disse, também, que em apenas 3 dias foram presas 10 pessoas no Itatinga, apreendidas 3 armas e 40 porções de cocaína, além de registros de um assassinato, um roubo de carro, duas brigas, uma lesão corporal e localizações de veículos roubados. De acordo com algumas garotas de programa, os policiais em ronda estariam entrando nas casas e

bares, chegando a quebrar portas e também agredindo-as, além dos clientes delas (CORREIO POPULAR, 2003, p. 2).

No primeiro semestre de 2004, duas mães de alguns dos alunos atendidos pelo CEPROMM foram assassinadas. Uma delas tinha 32 anos de idade e possuía quatro filhos que freqüentavam a instituição diariamente, sendo que o mais velho era integrante do grupo de teatro relatado nesse trabalho dissertativo. O crime ocorreu a alguns metros do portão da residência da vítima. Na hora em que essa mãe foi baleada e morta, ela estava com sua filha de 4 anos. A criança levou um tiro de raspão e após ter saído do hospital, foi levada, com os outros irmãos, para residir em outro Estado, na casa da avó materna.

O assassinato de Jane ocorreu por volta das 21h45 de domingo. Com a noite quente, ela estava na calçada da Rua Corumbataí, a poucos metros do portão de sua casa, quando foi baleada na cabeça, pescoço, peito e antebraço direito. Os disparos foram à queima-roupa. A filha de 4 anos que ela segurava pelas mãos também levou um tiro, de raspão, nas costas, e caiu junto do corpo da mãe... As testemunhas não souberam definir quantas pessoas integravam o bando. Com a chegada de policiais militares, foram observadas munições deflagradas de calibres 380 e 45 ao lado do corpo de Jane. Ainda em vistoria pelo local do crime, os policiais foram informados sobre a existência de uma pistola semi-automática calibre 380 na casa da vítima. A arma estava sobre um guarda-roupa e carregada com sete munições. A pistola foi apreendida e pode ter sido o motivo do crime: os matadores estariam à procura da arma e como não a acharam, mataram Jane. “Foi um tiroteio danado. Tive que me esconder embaixo da cama”, afirmou um morador. (CORREIO POPULAR, 02 mar 2004).

O Jardim Itatinga não tem mais o glamour dos anos 1970 e, à medida que as casas vão ficando cada vez mais decadentes, a prostituição se alastra pelo centro da cidade de Campinas e em bairros próximos às estradas com grande fluxo de caminhoneiros. Hoje, ao adentrarmos pelas ruas do bairro, presenciamos cenas que demonstram uma decadência social e moral bem mais exacerbada e é neste meio que o CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada está localizado e atuando - um oásis em meio ao deserto. Uma atuação que visa principalmente a proteção das crianças e adolescentes que convivem nesse submundo.

2. UM PANORAMA GERAL SOBRE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES ATENDIDOS PELO CEPROMM.

As 120 crianças e adolescentes atendidos diariamente pelo CEPROMM, na faixa etária dos 4 aos 14 anos, são indivíduos excluídos pela própria condição inerente a eles. Filhos de prostitutas, muitos sem a figura paterna determinada ou presente, vivem uma realidade diferente das outras crianças e adolescentes, e quando despertam para isso, surge o conflito, a insegurança e a baixa auto-estima. Não podemos deixar de citar as famílias que estão instaladas no bairro e adjacências que não vivem da prostituição, mas são desempregados ou com subempregos, sofrendo carência de recursos, muitas vezes vítimas da violência e pobreza extrema, tornando-se excluídos também. “Os grupos sociais que sofrem sistematicamente discriminação, marginalização, desprezo e abusos, tendem a ver o mundo de uma maneira muito mais caótica” (MADURO, 1994, p.34).

Essas crianças e adolescentes demonstram nitidamente a revolta por já terem nascido ou morarem dentro de um bairro onde predomina a prostituição e o tráfico de drogas. São muitos casos de violência doméstica, às vezes do descaso de algumas mães, quando as mesmas estão em situação de consumo e tráfico de drogas. A falta de referência paterna e o aliciamento para o narcotráfico também são constantes, além de muitas apresentarem distúrbios psicológicos, a falta de auto-estima e já houve casos de algumas crianças serem portadoras do vírus HIV, transmitido pelas mães.

O bairro não possui espaços sócio-educativos e de lazer, sendo as dependências do CEPROMM insuficientes para uma demanda tão grande, mas mesmo num espaço pequeno, essa entidade é uma das poucas iniciativas positivas dentro do bairro. Neste “oásis”, que é o CEPROMM, está inserido o grupo de teatro “Trupe Pedagógica”, confirmando a existência de coisas positivas dentro desse bairro: não só uma zona de confinamento da prostituição, não só o tráfico de drogas, mas o estudo, a cultura, a persistência, a luta de muitas pessoas e

principalmente das crianças e adolescentes atendidas pelo CEPROMM, que objetivam um futuro diferente daquele exposto no bairro.

Ao saber que eu estava entrevistando moradores do Jardim Itatinga para a elaboração dessa dissertação de mestrado, uma manicure, que reside no local, pediu para que eu não me esquecesse de escrever que nas casas de prostituição também trabalham empregadas domésticas, faxineiras, lavadeiras e passadeiras. No bairro também trabalham cabeleireiras, manicures, vendedores (as) comercializando variados tipos de mercadorias. Disse também que entre as mulheres prostituídas também existe solidariedade, cumplicidade, união e muita “garra” na luta pela vida, principalmente as mulheres que têm filhos.

Apesar da vida difícil dentro de uma zona de confinamento, as prostitutas depositam em seus filhos a esperança de um futuro bem longe da prostituição. Nas reuniões realizadas com os pais das crianças e adolescentes que compõem a Trupe Pedagógica, fica claro o forte desejo pelo sucesso de seus filhos; o orgulho desses responsáveis em vê-los levando conhecimento, alegria e o resultado positivo de um trabalho grupal.

No terceiro capítulo dessa dissertação, abrem-se as portas do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada – CEPROMM, quando sua origem e trabalhos são relatados. Após a apresentação dessa instituição, o início e a trajetória das atividades de teatro-educação com os filhos das mulheres prostituídas será explanado.

CAPÍTULO III

O TEATRO-EDUCAÇÃO COM OS FILHOS “DELAS”

“Um teatro sensível e bem orientado pode mudar em poucos anos a sensibilidade de um povo”

Garcia Lorca.

A epígrafe de Garcia Lorca⁴ que dá início a este capítulo expressa muito bem o potencial do teatro como agente transformador. Fui inspirada desde adolescente por esse pensamento, pois sempre utilizei os recursos da dramatização em minha jornada dentro das instituições empresarial, religiosa e principalmente na educacional. Atingimos o auge da realização e comprovação da eficiência do teatro como estratégia de ensino, agente de mudança, quando conheci o Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada – CEPROMM.

Como vimos no capítulo anterior, o bairro Jardim Itatinga foi criado no fim dos anos 1960 com o único objetivo de transferir a zona de meretrício do centro da cidade de Campinas para um local isolado. Durante muito tempo o bairro ficou totalmente marginalizado e estigmatizado, até que os trabalhos da Pastoral da Mulher Marginalizada – PMM se iniciaram na cidade de Campinas, havendo pela primeira vez um olhar em prol dessa população. As mulheres do bairro viveriam a experiência de uma atuação em que o amor ao próximo é o lema das atividades. Algo totalmente novo, repelido no início, mas que ao longo dos anos foi sendo incorporado à vida delas.

⁴ Frederico Garcia Lorca nasceu em 5/6/1898, em Granada, Espanha. Poeta e dramaturgo . Montou uma companhia de teatro ambulante para o governo espanhol em 1931, que se dedicava à divulgação de textos clássicos junto a platéias de operários e camponeses. Foi um revolucionário em sua obra e na vida dedicada a

1. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS DA PMM - CEPROMM

O CEPROMM é uma instituição não governamental situado no centro de uma zona de meretrício no bairro Jardim Itatinga, em Campinas, no Estado de São Paulo. Esta instituição é fruto dos trabalhos da Pastoral da Mulher Marginalizada - PMM que se iniciaram no bairro em 1976.

Algumas mulheres do bairro acolheram bem o trabalho da PMM, mas outras, especialmente algumas cafetinas, nos rejeitaram porque temiam que nós estávamos lá para retirar as mulheres de suas casas, pois no início do trabalho, o objetivo era que as mulheres deixassem a prostituição. Hoje a caminhada é outra. Nossa proposta é um trabalho comunitário, na linha da igualdade, da solidariedade, do compromisso de lutar juntas por mais vida e dignidade como mulheres (entrevista com Irmã Maria Lourdes).

Eu, quando era cafetina e tinha uma casa de prostituição aqui no Itatinga, ficava brava com as minhas meninas porque elas ficavam conversando com as Irmãs na porta. Eu dizia: - Vamos, vamos, já pra dentro. Eu não quero saber de reza na porta da minha casa. As Irmãs batiam papo com as moças e eu, assim como todas as outras donas de casa aqui, achava que tava tomando tempo das meninas. (entrevista com Y, ex-cafetina).

As atividades da PMM nasceram na Igreja Católica, que hoje é ecumênica, e se posicionam ao lado da mulher e da menina prostituídas em sua luta pela auto-determinação enquanto cidadãs e filhas de Deus. A Pastoral faz parte da linha Sócio-Transformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, que se propõe a ter uma dimensão de mudança social. A PMM quer ser presença solidária junto a essas mulheres e meninas nos hotéis, nas favelas, nas zonas, nas boates, nas ruas, ouvindo-as, ajudando-as, acolhendo-as e prestando apoio em suas necessidades, além de atuar junto a autoridades governamentais e policiais que, muitas vezes, desrespeitam os direitos da mulher prostituída.

A PMM também se propõe a ser presença profética, denunciando as causas da prostituição: o machismo, a dupla moral, a miséria, o analfabetismo, enfim, as condições culturais, econômicas e sociais perversas que determinam essa situação de opressão. Uma presença profética da libertação pessoal, eclesial e social. Uma presença atuante na luta contra as causas da prostituição (BIGATTO, et al., 1997).

combater a ditadura franquista e, assim, terminar morrendo nesta batalha. Foi assassinado em 1936, pela polícia

A Pastoral mantém diversas atividades em prol desses objetivos, como visitas a locais onde ocorre a prostituição, reuniões com as mulheres, quando então são abordados assuntos relativos ao seu cotidiano (saúde, violência, direitos de cidadania, questões relacionadas a seus filhos e famílias). Algumas equipes da PMM mantêm creches para o atendimento dos filhos das prostituídas e de crianças carentes. Em vários lugares também existem Centros de Convivência, um local onde a prostituta é acolhida, recebendo ajuda nas necessidades e carências, com apoio psicológico. Nesses Centros há sempre alimentação disponível para ela e seu filho, pessoas ligadas à saúde para orientá-la nos problemas mais urgentes, encaminhamento para obter documentação, oficina de trabalhos alternativos como artesanato, corte e costura e cabeleireiro. São atividades que ajudam na auto-valorização da mulher prostituída.

A PMM-CEPROMM organiza festas para comemorar o Dia das Mães, a Páscoa, as festas juninas, a chegada da primavera, o dia da criança e o Natal, sendo estas as únicas diversões e encontros sociais para a população do bairro. O bazar semanal é chamado de shopping pelos frequentadores, pois no bairro não existe boutiques e lojas.

O CEPROMM, dentro das suas possibilidades, envida todos os esforços para municiar as pessoas com instrumentos que esclareçam e fortaleçam seus direitos de cidadania. Além disso, tem procurado chamar a atenção dos agentes políticos e sociais para os seus deveres em relação às parcerias que devem ser implementadas entre poderes público e empresas privadas.

Ao analisarmos a atuação da Pastoral da Mulher Marginalizada em âmbito nacional e o desempenho do CEPROMM na cidade de Campinas, que está localizado dentro da própria zona de prostituição, podemos afirmar que o Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada é um exemplo da operacionalização da filosofia da PMM.

2. TEATRO-EDUCAÇÃO NO CEPROMM: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA (1999 –2004)

Integrei-me a esta comunidade em fevereiro de 1999, quando fui convidada por um voluntário e amigo para dar uma palestra aos jovens do CEPROMM sobre “motivação pessoal”. Foi um impacto grande, pois eu nunca havia entrado numa zona de prostituição. Num ritmo alegre e descontraído, utilizando dinâmicas grupais, iniciei o meu contato com eles. Em troca recebi olhares desconfiados, semblantes agressivos e, nos primeiros minutos, uma visível rejeição às atividades propostas. Interiormente eu queria terminar logo e voltar para o “**meu**” mundo, pois me senti apenas como alguém que atende ao pedido de um amigo. Achei que todos os jovens haviam detestado passar aquelas duas horas comigo. “Nossa maneira de perceber a realidade nos leva a ver e a executar certos comportamentos e atos como ‘normais’ e, ao contrário, a rechaçar outros como ‘anormais’ ” (MADURO, 1994, p.21).

Quando terminou o tempo previsto do encontro, antes de partirem, cada um, à sua maneira falou alguma coisa: “Quando você voltará?”, “Hoje ninguém teve tempo de brigar”, “Tchau e não se esqueça da gente”. Percebi que aqueles jovens tinham características diferentes dos jovens com quem eu já havia me deparado. Naquele momento entendi que o cotidiano daquele bairro estigmatizado e o histórico de uma vida triste estavam refletidos em cada ação e reação daquelas pessoas. Entendi que a maneira de demonstrar atenção e afetividade era diferente. Senti uma grande alegria por ter, de algum modo, contribuído na relação grupal entre eles e prometi voltar. Voltei já na próxima reunião que acontecia quinzenalmente aos sábados e até hoje continuo nessa entidade assistencial.

Aos poucos fui conhecendo os objetivos da instituição e a luta diária das diretoras, Irmãs Ana Maria Bastos e Maria Lourdes Vicari, que contavam na época com apenas 4 funcionárias (1 merendeira, 1 assistente social e duas professoras) para atender as crianças,

adolescentes e as famílias dessas crianças, além de ouvir e ajudar as prostitutas do bairro. Vê-se nitidamente que os direitos da criança e do adolescente ainda estão longe das belas palavras do Artigo 227, da Constituição Federal de 1988:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

No ano de 2000 concluí um curso de especialização em arte-terapia e, após ouvir os profissionais da instituição explanarem a grande dificuldade de relacionamento entre os alunos de lá e o alto índice de agressividade de alguns adolescentes, decidi estender o meu voluntariado também aos adolescentes e crianças que freqüentavam o CEPROMM diariamente e passei a realizar sessões arte-terapêuticas semanalmente, às segundas-feiras.

A utilização de recursos artísticos em diferentes contextos terapêuticos, proporciona um desvendar e um revelar mais claro e objetivo de questões muitas vezes inacessíveis a um olhar comum. Provocando, desta forma, um profundo conhecimento de si e de suas relações, “dentro de um contexto terapêutico, estaremos sempre criando, co-criando e desvelando significados” (BELLO, 1996, p. 58). A arte-terapia, sendo uma terapia ativa, possibilita a pessoa assumir-se como agente de sua história, estabelecendo o contato com o seu mundo interno e ampliando as habilidades de observar, sentir, entusiasmar-se, pensar e agir em busca da sua contínua estruturação.

Organizei inicialmente um grupo composto por 5 crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 14 anos, com uma sessão terapêutica semanal e duração de duas horas. Os componentes desse grupo foram indicados pela própria instituição, já que cada um tinha um histórico de vida difícil: abandono, vítima de agressão física, suspeita de abuso sexual, tendências homossexuais, não aceitação da vida que a mãe levava e agressividade.

Depois que a sessão terapêutica acabava, os 5 atendidos se juntavam com as outras 20

crianças e adolescentes que estavam com uma professora, funcionária da instituição, dentro da sala de aula, em atividades de reforço escolar. Organizávamos então, com as 25 crianças e adolescentes, atividades na área externa, com jogos e brincadeiras para desenvolver a escrita, a leitura e o raciocínio lógico, intervindo no sentido de trabalhar na contramão do processo de evasão e do fracasso escolar.

Nesta época eu estava cursando a disciplina de “Fundamentos Teóricos e Clínicos da Arte-Terapia”, como aluna especial de mestrado na Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, e a professora sugeriu-me que utilizasse a confecção de máscaras com esse grupo do CEPROMM. Logo nas primeiras sessões arte-terapêuticas percebi que a máscara propicia que o indivíduo extravase os seus complexos, recalques, revoltas, baixa-estima, tristeza, e ao mesmo tempo, projeta os seus mais profundos desejos.

Psicologicamente ela constitui um lugar de síntese de dois mecanismos que estão na base do psiquismo: a projeção e a identificação. A circunstância de ser como um outro e de conservar-se em si mesmo é tornada possível graças ao intérprete da aparência (PAIÏN & JARREAU, 1996, p. 209-210).

Ao se ocultar, o mesmo desempenha um papel, conseguindo manter a integridade e exteriorizando os seus sentimentos. BUCHBINDER, (1996, p.78) diz que “a própria máscara que o sujeito leva em seu próprio corpo é a cristalização corporal da estrutura do sujeito. Como o mais externo, o que se mostra para fora, reflete o mais interno.”

Quando alguém usa uma máscara, produz-se imediatamente um efeito de desmascaramento, de desestruturação, estabelecendo assim uma conexão com as aparências, personagens e papéis. Há um espaço para o jogo com este outro, gera-se um espaço para que os aspectos reprimidos ou rechaçados possam ter lugar na sessão terapêutica.

A máscara na Antiguidade tinha como uma das principais funções no teatro, facilitar a imediata identificação do personagem (o rei, o deus, o vilão) pela platéia. “Todos os executantes, coro e atores, atuavam mascarados” (MARCHAND, 1995, p.3), ocultando a real

essência do ator que a usava. Na arte-terapia a máscara é utilizada para o efeito contrário, ou seja, a pessoa, ao criar ou escolher a “sua máscara”, revela o seu mundo interno.

Pude comprovar todos os conhecimentos teóricos sobre a máscara na terapia, durante as sessões com os adolescentes. Eles sentiram-se livres e começaram a representar, demonstrando grande satisfação na realização desta atividade. Este foi o primeiro sinal de que a representação teatral poderia fazer parte também das atividades pedagógicas desenvolvidas naquela instituição. Certo dia, como dinâmica de leitura propus que eles fossem até os tonéis de sucata para escolherem reportagens de jornais para ler, resumir e contar para os colegas da sala de aula. No primeiro dia limitaram-se a esta ação, mas ao encontrarem assuntos que realmente lhes interessavam, como: futebol, beleza e notícias de fatos violentos da região, os 5 integrantes da arte-terapia deram a idéia de fazer um telejornal. Construíram então uma televisão de isopor (figura 4) e aos poucos foram se unindo por interesses de leitura e começaram a dramatizar os fatos lidos. Eu os filmava e depois cada um fazia uma avaliação de todo processo.

FIGURA 4: Telejornal



Fonte: foto da autora

Com o passar do tempo, o gosto pela dramatização já tinha contagiado a maioria das 25 crianças e adolescentes e, nas sessões terapêuticas, os 5 participantes relatavam o bem que

lhes fazia criar e dar vida a qualquer personagem, desde uma caneta falante até representar o próprio jogador de futebol Ronaldinho, ídolo dos meninos. Com a resposta positiva sobre a postura dos integrantes do grupo arte-terapêutico nos demais segmentos do CEPROMM e na família deles, comecei a pensar numa ação mais concreta e objetiva que pudesse motivar aqueles adolescentes sedentos de oportunidade para realizar algo inovador.

Além disso, procuramos buscar respostas e entendimentos para todas as mudanças inerentes à adolescência – fase da vida em que se encontravam a maioria dos envolvidos no processo - considerando que é um período de transição, sendo muito mais do que outra fase a partir da segunda infância. É um período conflituoso, mas necessário para o desenvolvimento do ego. É uma despedida gradativa das dependências da infância e um avanço precoce para a idade adulta.

Tentando também entender a urgente necessidade desses adolescentes ganharem dinheiro para suprir suas necessidades básicas, convidei-os então a formar grupos de teatro e, com as apresentações, conseguiríamos melhorar a vida dessas pessoas. Nascia assim a Trupe⁵ Pedagógica. Paulatinamente fomos ampliando o universo das técnicas expressivas dentro da arte-terapia, inicialmente proposta e então a arte-educação entrava em cena, visto que os encontros arte-terapêuticos, dentro da nova proposta de um trabalho teatral diretivo e diante da escassez de horas que eu dispunha para uma outra atividade voluntária, tonava-se inviável. O grupo arte-terapêutico, com 5 integrantes se transformou num grupo operativo de ensino-aprendizagem, com 10 componentes.

Aqui, faz-se necessário uma pequena abordagem sobre o grupo operativo. De acordo com Enrique Pichon-Rivière⁶ (1998), o grupo operativo é um conjunto de pessoas que operam com um objetivo comum, tendo também uma função terapêutica. Todo grupo que

⁵ Trupe: palavra derivada do francês troupe – 1. grupo de artistas ou comediantes; 2. companhia teatral.

⁶ Psicanalista Suíço, nascido em 1907, tendo vivido na Argentina e lá produzido sua obra, tornando-se especialmente conhecido pelos seus trabalhos com Grupos Operativos, mundialmente aceitos e praticados.

tiver uma tarefa a realizar, de interesse direto de todos, e que puder, através desse trabalho operativo, esclarecer suas dificuldades individuais, romper com os estereótipos e possibilitar a identificação dos obstáculos que impedem o desenvolvimento do indivíduo e que, além disso, o auxilie a encontrar suas próprias condições de resolver ou se enfrentar seus problemas é terapêutico. Para Pichon o conhecimento é terapêutico. Se alguém ensina, outro aprende; tampouco é possível ensinar sem aprender com os próprios ensinamentos e com a vivência do outro. Ensinar-aprender é dialético, e é terapêutico.

Diante de tais teorias, eu estava segura de que não haveria prejuízos aos 5 adolescentes que estavam anteriormente no tratamento arte-terapêutico e que agora estariam vivenciando um outro tipo de dinâmica grupal. O teatro tem sido, desde as sociedades mais antigas, uma fonte de cultura e educação, aprimorando, através da atuação teatral ou como espectador, a própria natureza humana à medida em que se amplia cada vez mais o universo das representações simbólicas da vida, possibilitando uma visão consciente sobre si e sobre a realidade. Se o indivíduo utiliza o instrumental principal do teatro que é a sua própria pessoa: sua voz, seu olhar, sua gestualização, ele tem a oportunidade de melhor compreender sua própria pessoa.

TURNER (1987) descreve pesquisas feitas pelo filósofo e antropólogo Milton Singer sobre a performance cultural que era central e ocorria na vida social dos indianos. Ele mostra

... modelos de comunicação as quais não incluía somente a linguagem, mas o meio não lingüístico como canto, dança, artes gráficas e plásticas, representação externa, combinadas em muitos meios para expressar e comunicar o conteúdo da cultura indiana (TURNER, 1987, p. 23).

Inspirada nesta amplidão de possibilidades do teatro, busquei experimentar maneiras diversificadas na condução das atividades, priorizando a sinestesia e fomentando aptidões não verbais. Este trabalho teatral contribuía também para expressarem seu potencial individual e grupal, possibilitando um resgate da auto-estima, ampliando horizontes e transformando

beneficamente a realidade.

Em um primeiro momento, construímos uma peça teatral, de cunho pedagógico, visto que o nosso público seria as escolas particulares e públicas de Campinas. Após uma pesquisa sobre as peças que eram encenadas para o público escolar, observei que a maioria privilegiava os clássicos infantis ou temas sobre a ecologia. Pensei então em estarmos trabalhando um tema de incentivo à leitura, mostrando de forma simples as partes que compõem um livro (página de rosto, índice, prefácio, bibliografia etc.). Para tanto, mescliei a teoria sobre o universo do objeto livro e dados psicológicos colhidos sobre os componentes do grupo, nos encontros artísticos anteriormente realizados .

Realizamos inúmeros encontros em que cada um imaginava e dava as contribuições necessárias para que o enredo e as personagens começassem a criar movimentos dentro de nossas mentes. Toda a história, as características e os nomes das personagens foram sendo definidas através do consenso grupal. Eu os ouvia e trazia as várias sugestões em forma de diálogos e ações condizentes com a pesquisa teórica. Isso era fator importantíssimo dentro da peça teatral proposta para o universo escolar. O resultado foi impressionante. O texto teatral foi escrito por mim, mas a criação foi do grupo. Ao lermos a sinopse da primeira peça podemos ter a dimensão do resultado alcançado:

Uma biblioteca povoada por livros que falam ... Livrolino e Livrica, dois livros infantis muito sapecas e desleixados, adoram ouvir as histórias do vovô Dicionário, mas não querem saber de estudar.

A mãe, um belo livro de Romance, preocupada com o rendimento escolar de seus filhos, pois ainda não conhecem as partes do corpo (livro), telefona para o professor Enciclopédia Sapiência e solicita aulas de reforço para as crianças.

Merenilda, um Livro de Receitas e sugestões de merendas, que é a empregada da família, entra em cena, despertando a paixão do professor, pois ela o ajuda a explicar o que é índice, prefácio, página de rosto, fôlio, bibliografia, autor, editor etc., de forma simples e criativa. Ao final do espetáculo a platéia é incentivada a ler, conservar os livros e a freqüentar sempre a biblioteca (Figura 5).

FIGURA 5: Elenco da peça O Mundo do Livro



Fonte: foto de Dorival Ástor

Ao analisar o texto e a atuação dos atores, fica claro que houve uma transferência dos conflitos e angústias para os personagens criados, pois os adolescentes puderam expressar-se livremente. Muitos fatores psicológicos estão explícitos na história, por exemplo :

- 1) A mãe tem uma forma autoritária e agressiva de lidar com os filhos. A adolescente G, que inicialmente interpretava este papel, relatou como sempre foi tratada pela própria mãe e o quanto ela e os cinco irmãos mais novos sofrem com esta atitude. Através de sessões terapêuticas individuais trabalhamos este fato relevante e prejudicial em sua vida. Com o passar do tempo ela entende que está “representando” um papel e que, conseguindo ver essa característica tão negativa de sua própria mãe, talvez ela poderá encontrar maneiras para lidar positivamente com o fato em sua vida futura. A própria escolha pelo livro de Romance, sugere que no fundo ela sonha com um lar feliz e sereno.

- 2) Na história não apareceu a figura paterna, visto que a maioria não convive ou sequer conheceu o pai. Muitos sofrem agressões físicas e verbais dos companheiros das mães, que convivem na mesma casa. Eu perguntei se na peça teatral houvesse um pai, que estilo de livro seria e um deles respondeu-me que seria um livro de terror. A adolescente que deu a sugestão, na época era obrigada a conviver com um companheiro da mãe, que brigava muito com a menina.
- 3) Colocamos uma pessoa idosa na peça, por sugestão do adolescente R, que foi criado por uma tia idosa, enquanto a mãe trabalhava como prostituta. Sua mãe faleceu por overdose. Como ele é do sexo masculino, surgiu o Avô Dicionário.
- 4) O livro de Receitas, sugerido pela F e aceito imediatamente por todos os componentes do grupo, foi motivo de muitas conversas sobre o ato de “comer”, tanto com o significado de alimentar-se com comida, quanto com a conotação de relação sexual. Retrata também a própria proposta do grupo: o indivíduo de classe social mais baixa levando cultura ao de classe social alta. Na história, a empregada doméstica da família ajudaria o Professor Enciclopédia a dar aulas para os filhos da patroa.

Na pesquisa busquei aportes teóricos que direcionaram a base dos procedimentos metodológicos no desenvolvimento do trabalho, permitindo uma aproximação com a realidade das crianças e adolescentes dentro de uma zona de prostituição para melhor conhecê-la, atuar sobre ela e transformá-la. A pesquisa possibilitou também compreender o interior da dinâmica das experiências vivenciadas pelas crianças e adolescentes na arte-terapia e arte-educação, percorrendo suas diferentes etapas, extraindo conhecimentos que puderam contribuir para o enriquecimento, tanto da prática como da teoria. (HOLLIDAY, 1996, p. 67).

Um dos principais elementos norteadores desse trabalho foi a participação de todos os envolvidos, a qual contribuiu para um processo contínuo, que gerou conhecimentos e se enriqueceu à medida em que se desenvolveram as etapas da proposta. Pude conhecer a realidade de cada adolescente envolvido no grupo, nos contextos familiar, escolar e no Centro Comunitário, bem como a origem do bairro Jardim Itatinga, dentro da cidade de Campinas, relatada no capítulo II dessa dissertação.

Nos meus encontros semanais com as crianças e os adolescentes houve uma condução sistemática, levando ao conhecimento delas: as técnicas teatrais, seus limites, suas possibilidades, seu manejo e a relação com as situações problematizadas, intervindo na realidade em que estão inseridos.

2.1 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO

“Nosso teatro precisa estimular a avidez da inteligência e instruir o povo no prazer de mudar a realidade”

Bertold Brecht⁷

Faz-se necessário relatar as diversas dificuldades encontradas, tanto de ordem material, quanto de ordem física/psicológica, bem como as posteriores atitudes criativas que foram utilizadas para transpor os obstáculos.

No início dos trabalhos, a agressividade entre os componentes do grupo era expressada em cada nova atividade proposta, aliada à desconfiança e falta de responsabilidade. Iniciei então a reflexão e posterior interpretação de pequenos textos que ressaltavam a importância da

⁷ Eugen Bertold Friedrich Brecht (1898-1956) – dramaturgo alemão. Autor da teoria do distanciamento – o espectador deve tirar da peça uma lição permanente (o objetivo deveria ser pedagógico) e não se identificar sentimentalmente com ela, enquanto o ator deve ser capaz de sair de sua personagem e comentar sua interpretação (Os grandes mestres e seus métodos, Guia do Ator, Rio de Janeiro, Ediouro, nº 1, set.1997).

união do grupo, as diferenças individuais sendo utilizadas em benefício do próprio trabalho e sempre finalizávamos com a opinião e os sentimentos de cada um em cada etapa vivida.

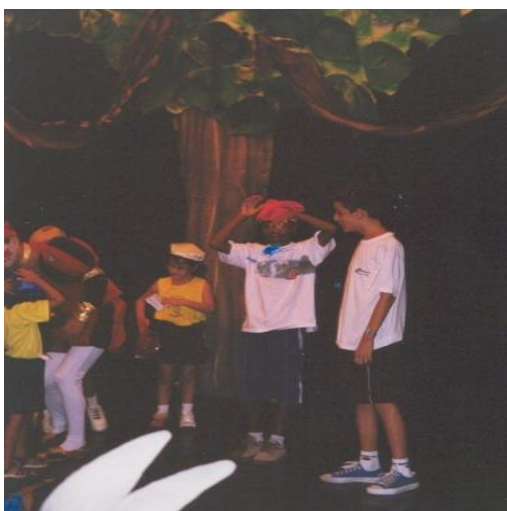
Outro problema que permeava todo trabalho com o grupo era o fato dos componentes viverem numa zona de prostituição. A maioria dos adolescentes mora no Jardim Itatinga e demonstra a revolta por serem obrigados a conviver com um ambiente promíscuo e violento. Alguns não conheciam o centro da cidade de Campinas e todos foram unânimes em dizer que não conheciam um teatro. Propus então nos deslocarmos até o Bosque dos Jequitibás, localizado na área central da cidade, para assistirmos a peça “Branca de Neve e os 7 anões”, que estava em cartaz no teatro Carlos Maia, dentro do bosque. Na visita eles puderam conhecer a parte física do teatro e o elenco. Alguns adolescentes foram escolhidos para atuarem como figurantes, como anões ou animais da floresta (Figuras 6 e 7). Os demais ficaram concentrados a cada detalhe da peça (Figura 8). Complementamos o passeio admirando a magnífica natureza existente no bosque (Figura 9). Posteriormente, vários itens do espetáculo foram analisados, tais como: a atuação dos atores, o figurino, o cenário, os adereços e a reação das crianças na platéia.

FIGURA 6: Peça teatral “Branca de Neve e os 7 anões”



Fonte: foto da autora

FIGURA 7: Adolescentes do Cepromm participando da peça “Branca de Neve”



Fonte: foto da autora

FIGURA 8: Adolescentes concentrados na peça



Fonte: foto da autora

FIGURA 9: Passeio no Bosque dos Jequitibás



Fonte: foto da autora

O desejo do grupo em querer criar um trabalho de qualidade ficou totalmente explícito, e o grupo decidiu procurar soluções para viabilizar o projeto, dentro da realidade do CEPROMM. Este simples passeio resultou num compromisso, num objetivo concreto de “colocar a mão na massa” (palavras do adolescente E). O grupo ajudou a organizar bazares

para arrecadarmos dinheiro para a montagem e se esforçou muito para vencer as dificuldades que apareceram durante todo o processo.

A priori, uma questão deveria ser respondida: como convencer um espectador da importância da leitura, se eu mesmo não tenho o hábito de ler? Nos primeiros encontros procurei fazer com que todos visualizassem a idéia já concretizada: eles no palco, dramatizando um texto que mostrava a importância do estudante ler e conservar os livros. Eles ficaram muito ansiosos e animados para começar, mas percebi que não tinham o hábito da leitura. A maioria, mesmo estando em séries avançadas do ensino fundamental, tinha muita dificuldade para ler e muitos apresentavam problemas de dicção e trocas de consoantes.

O CEPROMM contava com a colaboração de uma fonoaudióloga voluntária que há 6 anos atendia as crianças do CEPROMM em seu consultório. Em maio de 2001, convidei-a então a fazer parte do projeto de Iniciação Teatral, no qual ela estaria fazendo sessões grupais com a Trupe Pedagógica uma vez por semana. Ao longo dos meses via-se o desenvolvimento verbal de cada um. Esta profissional se animou tanto que se integrou ao grupo e nos ajudou a transpor todos os obstáculos para a concretização do espetáculo, parceira atuante até hoje.

Em fevereiro de 2000, início das atividades teatrais, o CEPROMM funcionava em sua antiga e única sede: um prédio muito pequeno e precário. Não havia um local apropriado e disponível para a iniciação teatral. Dispúnhamos de uma pequena sala, sem ventilação e com pouca iluminação, o que dificultava qualquer tentativa de propor exercícios que exigem exploração do ambiente, espaço para exercícios corporais (Figura 10), além de também termos que dividir este mesmo espaço com as voluntárias que arrumavam as roupas que seriam vendidas no bazar semanal da Instituição.

FIGURA 10: Atividade na sala do Cepromm



Fonte: foto da autora

A solução encontrada foi realizarmos as atividades na área externa (Figuras 11 e 12). Se por um lado podíamos nos movimentar livremente, aumentando assim a noção espacial, por outro tínhamos o problema com o barulho das outras crianças que estavam nas duas salas de aula.

FIGURA 11: Atividade na área externa



Fonte: foto da autora

FIGURA 12: Atividade na área externa



Fonte: foto da autora

Outro constante inconveniente era com o sol forte e o calor da área externa e também com a falta de abrigo nos dias de chuva. Atualmente o CEPROMM já conta com a unidade II, onde o grupo tem um espaço adequado para os ensaios: uma ampla sala, arejada e isolada , (Figuras 13 e 14), além de uma sala para guardarmos os figurinos e cenários (Figura 15) e um amplo pátio coberto (Figuras 16 e 17).

FIGURA 13: Atividade na Unidade II



Fonte: foto da autora

FIGURA 14: Atividade na Unidade II



Fonte: foto da autora

FIGURA 15: Sala para guardar os figurinos e os cenários



Fonte: foto da autora

FIGURA 16: Atividade no pátio coberto



Fonte: foto da autora

FIGURA 17: Atividade no pátio coberto



Fonte: foto da autora

Após um ano e meio de trabalho corporal, quando já estávamos com toda marcação cênica⁸ definida e ensaiada, a assistente social da instituição, atendendo ao nosso pedido, solicitou a permissão dos dirigentes do Clube Sesi, para realizarmos dois ensaios no teatro do clube (Figura 18), localizado perto do CEPROMM. Os adolescentes participaram com mais entusiasmo, pois sentiram-se atuando verdadeiramente. Aproveitei para apresentar-lhes algumas terminologias do teatro, tais como: boca de cena, camarim, coxias, gambiarra, rotunda. Considero fundamental todo executante da estratégia teatral conhecer um pouco do universo do teatro, sua história, seu espaço, suas terminologias, para atuar com conhecimento teórico-prático.

⁸ Todo deslocamento da posição cênica do ator. Posição Cênica é o espaço que o ator ocupa no local onde vive seu personagem (PEREIRA, 1980, p. 62).

FIGURA 18: Ensaio no teatro do Clube Sesi



Fonte: foto da autora

Além do desenvolvimento individual dos componentes eu sempre deixei claro que deveríamos e poderíamos reverter nosso trabalho em lucro financeiro, provando que existem outros meios para se ganhar dinheiro, sem precisar se prostituir ou vender drogas. Propus criarmos um texto pedagógico para apresentarmos nas escolas de Campinas. A idéia foi aceita e conforme já exposto acima, iniciamos a fase da construção do texto e dos personagens.

Com o arcabouço da história pronto, iniciamos a compreensão e assimilação dos conteúdos da peça teatral. A princípio a proposta pareceu-me ousada, pois os adolescentes não conseguiam entender o conteúdo do texto, pois a existência de muitas palavras polissílabas, com encontros consonantais, dificultava a pronúncia. O próprio entendimento sobre a função de cada parte do livro era muito difícil, levando-se em consideração que eles não possuem o hábito de ler. Era preciso então, primeiramente incentivá-los a lerem mais e animá-los a pesquisar sobre o assunto.

Como o entendimento concreto daquilo que iriam falar na peça teatral era de extrema importância, criei jogos (Anexo 1) , em que cada jogo tinha objetivos bem definidos, tais como: treino de leitura, concentração, assimilação, desinibição, união grupal e principalmente respeito e paciência ao ritmo diferenciado de cada um (Figuras 19, 20, 21, 22 e 23). Walter

Benjamin (1984), em sua reflexão sobre a criança em relação ao brinquedo e a educação, diz que no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a criança aprende brincando, em que o escrever nasce do desenhar. Platão considerava o jogo fundamental. Dizia que explorando os recursos e a linguagem do teatro, da música, da dança e da literatura com as crianças, eles seriam parte indissociável de sua formação quando adultos (GORAYEB, 1995, p.121). De forma lúdica, paulatinamente o conteúdo foi sendo entendido e apreendido.

FIGURA 19: Jogo



Fonte: foto da autora

FIGURA 21: Jogo



Fonte: foto da autora

FIGURA 20: Jogo



Fonte: foto da autora

FIGURA 22: Jogo



Fonte: foto da autora

FIGURA 23: Jogo



Fonte: foto da autora

Durante a montagem do espetáculo, as crianças e adolescentes puderam experimentar técnicas expressivas variadas, tais como: pintura, recorte e colagem na espuma para a confecção do figurino (Figuras 24 e 25), audição de músicas com ritmos variados e posterior construção da trilha sonora, expressão corporal, definindo as melhores performances das personagens em situações específicas exigidas nas cenas, criação do folder etc.

FIGURA 24: Confecção dos livros de espuma FIGURA 25: Confecção dos livros de espuma



Fonte: foto da autora



Fonte: foto da autora

A atividade expressiva permite não só uma vivência nova, como também um olhar sobre o cotidiano, possibilitando construir, reconstruir e reconfigurar criativamente nossas percepções. A cada nova experiência vivida, os limites individuais e grupais foram se ampliando, já que os limites da própria arte são infinitos, pois é o homem mesmo que a criou, ao mesmo tempo que por ela é criado e recriado, num movimento constante de liberdade criativa.

Décio Pignatari (1971) afirma que o Brasil é um país de baixo repertório, isto é, o brasileiro tem baixa capacidade de manipulação do código central que é a palavra escrita. A realidade no CEPROMM, no início de minha pesquisa, comprovava esta afirmação, levando-me a considerar a concretização da montagem uma utopia. Com o passar do tempo, não só houve um grande avanço na escrita, mas na capacidade de entender, interpretar, associar e analisar. Concluí então que uma das causas daquela baixa capacidade era a falta de incentivo, de oportunidade.

Trabalhando numa corrente contextualista, a preocupação fundamental sempre foi com o processo e não com o produto final - o espetáculo.

A corrente contextualista pode ser entendida como a que prioriza as necessidades do grupo e seu contexto, buscando a partir desse conceito o desenvolvimento de cada indivíduo. Ela procura promover a identificação sócio-cultural, não só no âmbito econômico e político, mas também no âmbito das relações que o indivíduo estabelece com o mundo e o ambiente que o cercam (GORAYEB, 1994, p. 120).

O resultado das atividades no Centro Comunitário do Jardim Itatinga mostra o esforço constante do indivíduo em compreender o sentido das experiências artísticas vividas, ordenando e reconstruindo o processo vivido e a necessidade de expor-se como alguém que é capaz de realizar, representar, de participar.

Analisando num primeiro momento, o espetáculo pode parecer apenas a representação (mime) enquanto desvendamento da realidade, pois a atuação dos atores é totalmente

previsível, rotineira, tem um sentido certo e nítida continuidade. Mas a arte, neste caso, reinventou a realidade, muitas estereótipias e clichês foram destruídos ao longo de todo processo. A atuação externa pode dar a conotação de mesmice, mas a atuação interna individual deu um salto qualitativo. “O mais importante não são as palavras e sim aquilo que procuramos comunicar com elas. ... o que mais importa é o desejo que se acha por trás das palavras” (MADURO, 1994, p. 23).

Em 30 de outubro de 2002, o jornal Correio Popular de Campinas veiculou uma reportagem sobre este projeto teatral no CEPROMM (Anexo 2), sendo a primeira vez, desde 1976, que as atividades da PMM/CEPROMM não foram associadas exclusivamente à prostituição. A sociedade constatou que falta aos moradores do Jardim Itatinga e, principalmente, aos filhos e filhas das mulheres prostituídas, oportunidades para que eles desenvolvam suas potencialidades, por opção, satisfação e desejo de transformação. Recebemos, em novembro e dezembro do mesmo ano, dois diplomas de honra ao mérito pelo projeto de inclusão social, um oferecido pelo projeto Cidadão 2002⁹ e o outro pela Câmara Municipal de Campinas (Anexos 3 e 4).

É nítido como os participantes da Trupe Pedagógica se socializaram. Estão mais concentrados e mais felizes, trabalhando com seriedade, responsabilidade e prazer. Hoje, eu já não preciso mais acompanhá-los às apresentações nos colégios particulares e públicos de Campinas (Figuras 26, 27 e 28). Eles chegam aos locais, acompanhados por um monitor do CEPROMM, organizam o espaço, apresentam o espetáculo, respondem as perguntas que a platéia faz sobre o projeto, agradecem o apoio e incentivo e retornam à entidade. Como algumas escolas têm solicitado para que o grupo faça, de improviso, algum exercício corporal com os alunos da escola contratante, já estamos pensando em adaptar os jogos pedagógicos

⁹ Iniciativa da RAC: Rede Anhanguera de Comunicação em parceria com a empresa CPFL: Companhia Paulista de Força e Luz. São publicações de reportagens que destacam ações sociais voluntárias. Este projeto se iniciou em 1999 e abrange a cidade de Campinas e adjacências.

que utilizei durante a montagem, os quais a Trupe irá oferecer também como opção, com um acréscimo no preço por este novo serviço. Quando eles chegam das escolas onde se apresentaram, organizam todos os materiais que foram utilizados, guardando-os numa sala própria do grupo de teatro, dentro do CEPROMM. A divisão do cachê que ganham é feita, de acordo com os percentuais que já foram definimos anteriormente no grupo.

FIGURA 26: Apresentação da peça



Fonte: foto da autora

FIGURA 27: Apresentação da peça



Fonte: foto da autora

FIGURA 28: Apresentação da peça



Fonte: foto da autora

No início de 2004, uma conceituada empresa de Campinas analisou o projeto e os resultados positivos, liberando uma verba para as apresentações da Trupe Pedagógica durante

o ano de 2004. A partir dessa iniciativa, fizemos uso de documentos (ficha de inscrição, ficha de acompanhamento, declarações – Anexos 5, 6 e 7), para facilitar e organizar os encaminhamentos da Trupe Pedagógica. Com o patrocínio, eu e a fonoaudióloga não precisamos mais ir às escolas tentar vender os espetáculos; agora, os componentes da Trupe recebem uma bolsa educativa mensal, além de transporte e alimentação. A este grupo que recebe esta bolsa educativa (com 10 componentes) chamamos de “grupo formado” e iniciamos um novo grupo (com 15 componentes – faixa etária 9 aos 14 anos), o qual chamamos de “grupo em formação”.

Se queremos transformar nossa realidade, talvez fosse então conveniente exercitar e desenvolver nossa capacidade de criticar e modificar nossos modos de perceber a realidade assim como nossa capacidade de escuta e aprendizagem diante de outras maneiras de ver e viver (MADURO, 1994, p.21).

A transformação vai ocorrendo a cada novo passo dado, mesmo em passos pequenos, com trabalho de “formiguinha”. Com a avaliação dos envolvidos diretamente no projeto e os envolvidos indiretamente, entre os quais os funcionários do CEPROMM, familiares e espectadores, compreendo que, através deste agente chamado teatro, muitas transformações estão ocorrendo, principalmente a que se refere à realidade dessas crianças e adolescentes, modificando a maneira de verem, enfrentarem e melhorarem a vida .

É preciso ver o jovem como parte da solução e não do problema, que ele pode ser um protagonista e tomar nas mãos o seu destino, contando com o apoio de adultos e educadores com propostas sobre o jovem que queremos e não apenas sobre o jovem que não queremos (BULGARELLI, 2003, p.27) .

Hoje, após 4 anos neste projeto, sete adolescentes da Trupe Pedagógica não podem frequentar o CEPROMM diariamente porque, ao completarem 14 anos, são obrigados a saírem. Mas eles continuam firmes nas apresentações dos espetáculos que montaram, enquanto essas vagas são substituídas, dando oportunidade para as muitas crianças que estão na lista de espera. Alguns participantes da Trupe Pedagógica, que ainda não atingiram 14 anos de idade, frequentam a instituição diariamente, passando a transmitir tudo o que aprenderam

aos novos colegas, sendo multiplicadores e facilitadores das atividades, ajudando-me a preparar e conduzir os encontros. Eles já organizam pequenas apresentações internas com as crianças de 4 a 6 anos (Figuras 29, 30, 31 e 32), além de dinamizarem as várias atividades festivas, promovidas pela instituição.

Quanto mais conscientemente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que tem a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação. Fazer a história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado (FREIRE, 1981, p. 41).

FIGURA 29: Adolescentes com as crianças de 4 a 6 anos



Fonte: foto da autora

FIGURA 30: Adolescentes com as crianças de 4 a 6 anos



Fonte: foto da autora

FIGURA 31: Adolescentes com as crianças de 4 a 6 anos



FIGURA 32: Adolescentes com as crianças de 4 a 6 anos



Fonte: foto da autora

Fonte: foto da autora

Remeto agora o leitor para as páginas do próximo capítulo, em que haverá explicações mais detalhadas sobre a ajuda que os adolescentes mais experientes dão aos novatos.

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO POPULAR COMUNITÁRIA E O TEATRO-EDUCAÇÃO NO CEPROMM

Neste capítulo dissertarei sobre a teoria e a prática em educação popular proposta pelo educador mundialmente conhecido desde os anos sessenta, Paulo Freire, e farei um constante paralelo com a intervenção pedagógica (teatro-educação), proposta por esta investigação.

Inicialmente relato algumas das muitas definições de educação popular encontradas no trabalho de pesquisa sobre o teatro-educação na formação de educadores (as) populares, realizado pela educadora Maria Ceci Rêgo Martins (2002), no curso de mestrado em educação popular, na Universidade Federal da Paraíba:

Carlos Hurtado: processo de formação e capacitação definido em “termos políticos” e vinculados aos movimentos sociais; Carlos Brandão: construção do saber popular em que a vivência do saber compartilhado cria a experiência do poder compartilhado; Alder Calado: educação popular se me apresenta como uma perspectiva, uma metodologia, uma ferramenta de apreensão/compreensão, interpretação e intervenção propositiva, de produção e reinvenção de novas relações sociais e humanas, (...) os protagonistas da ação educativa, comprometidos/engajados numa caminhada coletiva, numa perspectiva transformadora da ordem dominante; Roberto Richardson: aquela gerada pelas classes subalternas através de suas experiências e lutas, e aquela produzida no âmbito das instituições, sempre que atenda aos interesses dessas classes e ambas visem a transformação social (MARTINS, 2002, p.22 e 23).

Enquanto que para alguns pesquisadores a educação popular consiste em ações educativas criadas pelos grupos populares, para outros representa as ações direcionadas para esses grupos. Em concordância, enfatizam as experiências dos próprios participantes, uma

real prática educativa popular, geradora de reivindicação, amadurecimento e descoberta de novas relações humanas, as quais promovem transformação social.

Nos anos sessenta, surge com Paulo Freire o conceito de conscientização e de uma educação das classes oprimidas, visando uma ação coletiva para transformar estruturas opressoras. Ele propõe uma educação com conteúdos social, ativo, político e não individual, passivo; mostrando o oprimido como sujeito de sua própria libertação.

Segundo os educadores Moacir Gadotti e Francisco Gutiérrez, a educação popular comunitária é “uma educação para a cidadania, educação para a participação política ativa e consciente. Ela significa sobretudo que o processo de aprendizagem se realiza através da práxis, que combina trabalho manual com trabalho intelectual” (GADOTTI & GUTIÉRREZ, 1993). Estes dois educadores organizaram o livro “Educação Popular e Economia Popular”, que além da abordagem ampla sobre esses tópicos, também reúne textos discutidos pela ICEA¹⁰: (International Community Education Association) Associação Internacional de Educação Comunitária em diversos encontros e reuniões ocorridos em diversos países da América Latina com o objetivo principal de incentivar e promover iniciativas que associam educação comunitária e economia popular.

Na América Latina, A ICEA promove o conceito e a prática da educação popular comunitária, que parte do princípio de que o trabalhador e, em particular, os setores excluídos da sociedade, para atingir uma melhor qualidade de vida, educam-se ao mesmo tempo que trabalham, isto é, produzem (GADOTTI & GUTIÉRREZ, 1993, p. 8).

Lendo e analisando os dados contidos no referido livro, concluímos que, no seio das classes populares, a economia e a educação sempre estiveram juntas, em constante interação, isto porque ao longo da História dessas classes sempre ocorreram lutas incessantes pela subsistência, através do saber e da criatividade popular. O objetivo principal da ICEA é

¹⁰ ICEA (International Community Education Association) é uma organização não governamental, da qual participam pessoas que trabalham em comunidades locais e movimentos populares. Fundada em 1974, nos Estados Unidos, atualmente implantada em 80 países. Seu objetivo é desenvolver a prática da educação comunitária. (GADOTT & GUTIÉRREZ (Orgs.), 1993, p. 7-8).

desenvolver a prática da educação comunitária, visando desenvolver nas associações e movimentos a capacidade de enfrentamento de problemas comuns. Para que isso ocorra é necessário que essa educação se baseie no reconhecimento da diversidade cultural, no crescimento da autonomia do ser humano, dos grupos e instituições na promoção da cidadania, de respeito mútuo e solidariedade.

1. OS PENSAMENTOS DE PAULO FREIRE E AS AÇÕES DA TRUPE PEDAGÓGICA

Haverá momentos em que fulano ou siclano, moradores da periferia ou membros da favela, eles “acordam” dizendo-se: “pra que meu sonho seja não apenas Utopia, eu preciso agir” Isto é, se o sonho se aproxima dos sonhadores é porque eles se organizaram, eles agiram com o sonho na MÃO. Eu estou propondo que o trabalho e a organização diminuem a distância entre o sonho e a concretez do sonho. O sonhador se junta a outro sonhador e eles encurtam a distância entre sonho e a vida sonhada. Pra isso mesmo é que nós inventamos a Educação Popular a cada dia (FREIRE & NOGUEIRA 1989, p. 43-44).

Paulo Freire, é óbvio, na elaboração e exposição de sua filosofia da educação, não está se referindo a uma realidade peculiar, ao Jardim Itatinga, por exemplo. Entretanto, e aí está a profundidade e abrangência de sua pedagogia, suas idéias podem e devem perpassar toda práxis que se debruça sobre a educação-libertação dos excluídos.

É nesse sentido que agora retomo com mais precisão algumas idéias de sua filosofia da educação, com o intuito de ir ao mesmo tempo explicando e fundamentando o teor pedagógico do Teatro-educação no Jardim Itatinga. Intercalo palavras de Paulo Freire com as minhas palavras e com as “palavras” proferidas teatralmente no Teatro-educação do Jardim Itatinga.

Começo com a Trupe Pedagógica. Como explanamos no capítulo III, este grupo é subdividido em duas turmas. A primeira turma é denominada de “grupo de teatro formado” -

composto de 10 crianças/adolescentes de 10 a 17 anos, que estão juntos desde fevereiro de 2000, sendo que apenas 3 ainda frequentam o CEPROMM diariamente, porque ainda não completaram 14 anos (idade limite para o atendimento diário na instituição). Esta equipe, unida há quatro anos, vai às escolas apresentar as peças teatrais pedagógicas. A segunda turma denominamos de “grupo de teatro em formação” - composta por 15 crianças e adolescentes de 9 a 14 anos, que frequentam a instituição diariamente.

As crianças e adolescentes que convivem diariamente com a realidade cruel de uma zona de prostituição, tiveram a oportunidade de se organizar para transformar, mesmo que ainda em passos lentos, um cotidiano caótico de suas vidas, onde os olhares só estavam voltados para suas origens como filhos de prostitutas ou pelo fato de serem pobres.

Se em fevereiro de 2000, início da intervenção pedagógica, as conversas das crianças e adolescentes, giravam apenas em lamentações, brigas, revoltas e fatos acontecidos no bairro, hoje, abril de 2004, eles conversam sobre as futuras montagens teatrais pedagógicas que pretendem realizar, qual o tema, quais os livros que deverão ser pesquisados etc; comentam sobre cada nova escola ou alunos que conheceram (são duas instituições educacionais mensalmente); avaliam a performance individual e grupal em vários quesitos normativos, definidos previamente por eles. Idealizam um futuro promissor, envolto em estudo, relações e realizações; falam das conquistas materiais que estão conseguindo graças à transmissão de conhecimento utilizando como estratégia o teatro. “Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos” (FREIRE, 1997, p. 78).

Uma grande empresa de Campinas, reconhecendo o esforço e o potencial educativo da Trupe Pedagógica, está patrocinando o grupo. A cada mês um dos componentes da Trupe é responsável em repassar um pequeno valor como doação ao CEPROMM. Esta quantia é utilizada para a compra de alimentos e o grupo exerce a sua opção em praticar a solidariedade,

em reconhecer as dificuldades enfrentadas pelas muitas crianças e adolescentes atendidos diariamente pela instituição. Com esta ação queremos reforçar o compromisso com as mudanças locais, um olhar voltado a outros que convivem em situações precárias.

Não basta apenas o afeto pelas crianças populares (...) é preciso ter competência (...) a competência vem acompanhada desse ‘estar molhado pela prática’(...) essa competência alimenta a valentia (ou é coragem ?) de seguir teimando. (...) Eu me lembro de pessoas assim ‘opcionadas’ que propõem mudanças e propõem a satisfação do trabalho crítico; são pessoas que semeiam novas direções e semeiam um certo contentamento com esse trabalho de mais qualidade no trato pedagógico com as crianças, com os temas e programas (FREIRE, 1989, p.50).

Apesar das reclamações e revoltas das crianças e adolescentes no início do trabalho, eles não precisavam de um educador que sentisse dó deles, eles precisavam de alguém que os tirasse da apatia, da estagnação na qual se encontravam, de um ser humano que os visse como pessoas capazes de realizar. A proposta de desenvolver um trabalho teatral pedagógico foi aceita por eles, mesmo sabendo os grandes obstáculos a percorrer. Poderíamos ter escolhido uma historinha corriqueira, como a maioria das escolhas dos inúmeros grupos de teatro infantil existentes na cidade de Campinas. Optamos por conteúdos inéditos, de interesse tanto escolar quanto de interesse do grupo, fomentando a reflexão e o discurso crítico. Foram meses de estudo, pesquisa, criação de estratégias diversificadas e diferenciadas para que o conteúdo fosse assimilado. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.(...) Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo” (FREIRE, 1997, p.32).

O hábito da leitura foi sendo incorporado paulatinamente, assim como a busca incansável pelo aprendizado de algumas técnicas teatrais. Hoje eles têm o fator financeiro e a vaidade pessoal como motivadores de aprimoramento, mas no início, ganhar dinheiro com as apresentações, ou representar como um verdadeiro ator/atriz, era um sonho a realizar. Atualmente, quando uma apresentação teatral está acontecendo em alguma escola de Campinas, dois adolescentes permanecem no CEPROMM, atuando como monitores com as

crianças de quatro a seis anos, ensinando o que aprenderam sobre teatro de fantoche. Assim, estão sendo multiplicadores dentro da própria comunidade. A satisfação permeia todos os envolvidos no processo. Hoje o CEPROMM é referência também no âmbito arte-educativo e não apenas com os trabalhos direcionados às mulheres prostituídas e/ou marginalizadas.

Trabalhar com a pobreza não é santificar o pobre; trabalhar opcionado pelos marginalizados não é baratear aos métodos de trabalho, nem é menosprezar a inteligência humana porque está molhada de pobreza e carências (FREIRE, 1989, p.52).

Em geral uma instituição está ligada a um objetivo (uma intenção) que foi idealizado por uma pessoa ou um grupo de pessoas. Com o decorrer do tempo, com o desdobrar da atuação institucional, ela desenvolve regras administrativas que buscam assegurar a permanência da intenção, do objetivo. As normas pautam atitudes e condicionam os relacionamentos humanos (FREIRE, 1989, p.56).

Um dos fatores, que contribuiu muito para ocorrer resultados positivos nesta intervenção pedagógica, foi o fato dela ter acontecido dentro da instituição CEPROMM – Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada. O próprio nome reflete o seu objetivo principal e, conseqüentemente, “cuidar” dos filhos dessas mulheres marginalizadas está nela intrínseco. Quando as dirigentes da instituição, Irmãs Maria Lourdes Vicari e Ana Maria Rocha Bastos, foram comunicadas sobre a intenção do grupo em iniciar o trabalho de teatro, contaram que este era um sonho antigo e, subindo num banquinho, abriram o maleiro de um velho armário e entregaram algumas fantasias amareladas pelo tempo (palhaço, bailarina, fada, bruxa). Vimos naquelas vestimentas o próprio clima do CEPROMM: a alegria, a inocência, os sonhos misturados ao terror de uma bruxa “malvada” (a prostituição, a pobreza, a doença) contidos no bairro Jardim Itatinga. As dirigentes não ofereceram verba porque a instituição funcionava em um pequeno espaço e mal dispunham de dinheiro para comprar alimentos; bastou naquele momento a alegria estampada em seus rostos. Com aquelas fantasias criamos a peça “A Vida é uma Festa”, um texto que fala de solidariedade e alegria (Figura 33).

FIGURA 33: Elenco da peça “A vida é uma festa”



Fonte: foto de Dorival Ástor

O CEPROMM, em suas variadas linhas de atuação (programa para as crianças, adolescentes, jovens, mulheres e família), sempre buscou a coerência, a competência e o espírito de equipe. Seus usuários encontram um ambiente acolhedor, onde o respeito, o afeto e a dedicação estão presentes em cada ação, em cada funcionário, em cada dirigente, em cada voluntário. Essas duas Irmãs estão há 24 anos comandando todas as atividades da entidade e o sucesso se dá pelo clima de fraternidade e amor ao próximo. Nos três últimos anos percebemos um desenvolvimento significativo em todas as atividades da entidade, principalmente na área educativa. Mensalmente há uma reunião com todos os profissionais do CEPROMM e semanalmente há uma reunião pedagógica, quando são dispensados apenas os funcionários da área administrativa.

No CEPROMM, as regras existem, mas a hierarquia é diluída com a liberdade individual; liberdade para criar, para opinar e juntos transformar. O diálogo é o fator

preponderante, cultivado por todos. Os usuários dos serviços da instituição são integrantes indispensáveis nas avaliações contínuas; o erro faz parte do processo e ninguém é excluído. Todos “são convidados a somar esforços e resolver dificuldades” (FREIRE, 1989, p. 65). Observamos um crescimento das relações humanas entre os profissionais, fruto de muitos momentos de reflexão, discussão e consenso.

O fato da instituição ter essa visão de homem e de mundo contribuiu muito para a introdução das atividades teatrais. A arte, nesse caso, possibilitou um “extravasamento” mais amplo e mais diretivo das dificuldades dos envolvidos. Conhecendo e aceitando as regras da instituição como benéficas para o processo, elas tornam-se necessárias e não empecilhos na condução dos trabalhos.

Paulo Freire, ao falar sobre a Pedagogia do Oprimido, diz:

Buscava-se criar formas de educação que não fossem domesticadoras da Cultura Popular. Tentava-se reinventar a escola: não haveria alunos silenciados, nem haveria gestos sufocados, nem haveria pessoas excluídas. (...) Educação não seria bancária. Quer dizer, não haveria depósito de conhecimentos dentro da inteligência silenciada de educando. Ninguém seria considerado apenas carente, mas haveria um tipo de estudo que pedisse aos professores e alunos a participação e a criatividade. Educação não seria acúmulo de conhecimentos. Essa tentativa queria inovar o poder da escola burguesa, queria inovar os caminhos de acesso ao conhecimento da ciência e da técnica (FREIRE, 1989, p.60-61).

Os educandos (7 aos 14 anos), que frequentam a entidade, estudam em escolas municipais ou estaduais no período da manhã e vão para o CEPROMM no período da tarde. São 120 crianças, sendo 90 da educação infantil (4 aos 6 anos) e 30 numa sala multiseriada chamada de núcleo (7 aos 14 anos). No núcleo (faixa etária onde inicio as atividades de teatro-educação, uma vez por semana), dois profissionais auxiliam em atividades diárias, que visam reforçar os conteúdos que estão sendo transmitidos pelas diversas instituições educacionais e todo trabalho pedagógico direcionado às 120 crianças da instituição é coordenado por uma psicopedagoga. Essa profissional procura não só dinamizar o processo, mas articular toda teoria/prática ao cotidiano dos alunos. É um acompanhamento individualizado, atendendo as necessidades de cada um em seus diferentes momentos de

aprendizagem, suprimindo condições para uma educação integral, um desenvolvimento afetivo, psicológico e motor.

A assistente social do CEPROMM visita as escolas e traz informações sobre o desenvolvimento e as dificuldades de cada aluno. Ela visita também as famílias dessas crianças e, nas reuniões pedagógicas semanais, todos os profissionais envolvidos com essas crianças na entidade (incluindo os voluntários), estabelecem diretrizes. É importante frisar que quando iniciei as atividades no CEPROMM (1999), esta excelente estrutura de profissionais ainda não existia, o que dificultava muito no encaminhamento das atividades. Havia apenas um amontoado de crianças em salas escuras e pequenas, mas já naquela época os alunos sempre sentiram que havia um olhar, um afeto especial por elas. A quantidade de educadores em relação à quantidade de educandos é muito importante. O que vemos em muitas escolas formais é um número grande de alunos para um número pequeno de funcionários e estes, sem o devido preparo para atender uma clientela diversificada, como é a atendida pelo CEPROMM. Se os professores que trabalham com alunos de baixa renda, principalmente nas proximidades das favelas, tivessem um treinamento constante sobre a educação popular comunitária e principalmente sobre as idéias de Paulo Freire, com certeza teríamos uma caminhada mais produtiva e mais humanizada, uma educação de conscientização e libertação.

A linha de ação nos trabalhos da Trupe Pedagógica procura oportunizar o diálogo, a participação e a criatividade. Nós não escolhemos quem irá participar, nós perguntamos na sala de aula quem quer participar do projeto de Iniciação ao Teatro, trazendo a possibilidade de que todos possam aprender, construindo juntos o conhecimento. O processo se dá na troca, através de muito diálogo, numa relação horizontal. Em cinco anos de atuação junto ao CEPROMM e indo além, nos quinze anos como arte-educadora, jamais excluí um aluno por falta de aptidão. Acredito que este é o diferencial na arte-educação: não devemos olhar a arte como produto final, mas como um importante movimento dialético da relação homem-mundo,

não só a produção, mas o sentimento, a energia que impulsiona essa produção. Os alunos são ouvidos e daí se molda a caminhada.

Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 1996, p. 26).

Na intervenção, os “fragmentos de teoria”, como dizia Paulo Freire, no caso os conteúdos teóricos do teatro, são encontrados nos relatos espontâneos de cada participante . A partir daí a arte-educadora expõe novos conceitos teóricos que depois incorporamos à prática, num movimento que se repete constantemente. Como nos grupos sempre há pessoas que já estão há mais tempo no processo, eles propõem alternativas nas práticas, contribuindo para que os encontros se tornem cada vez mais participativos. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.25).

Em síntese, apenas com um olhar individualizado para aquele ser humano que quer aprender, faz com que o educador encontre meios para ajudá-lo a transpor as dificuldades. Aí nos deparamos mais uma vez com o fator quantidade: se há um número excessivo de alunos, um número excessivo de conteúdos, um número excessivo de objetivos a serem atingidos, esse olhar ficará generalizado e rotulado, classificando os que conseguiram e os que não conseguiram dominar a matéria.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1996, p. 28).

Durante os encontros da Trupe Pedagógica nós fomentamos a participação crítica das crianças e dos adolescentes, não apenas nos conteúdos teóricos, mas em todas as ações propostas. Durante o processo vamos reforçando a idéia de que somos capazes de criar, instigar novos posicionamentos com humildade e persistência. Aliás esta palavra em desuso parece responder ao atual estado de fracasso escolar. Numa situação imediatista, o aluno não é

incentivado a persistir, pelo contrário, é rejeitado em sua curiosidade natural, é reforçado em sua condição de submissão hierárquica. Plagiando a fala de muitos professores que entendem o processo ensino-aprendizagem como um movimento unilateral, “quem sai perdendo é sempre o aluno”. “Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p.29).

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (FREIRE, 1996, p. 34).

Assim como Paulo Freire, defendo a curiosidade como inquietação indagadora. É esse interesse, esse desejo de ver, saber, de informar-se, de desvendar que supera o saber do senso comum e nos impulsiona para a criticidade. O equilíbrio se faz necessário, quando falamos em educação. É preciso respeitar os saberes dos educandos, “estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos” (FREIRE, 1996, p. 34).

No caso do Jardim Itatinga, se tivéssemos iniciado o trabalho arte-educativo com uma gama enorme de conteúdos teóricos, não teríamos chegado a resultados positivos. Foi preciso um ano inteiro só para refletirmos sobre o tipo de relação grupal a que estavam acostumados; eles entendiam um grupo apenas como a soma de indivíduos. As agressões verbais e físicas eram as únicas vias para resolverem as diferenças. As relações de tipo afetivo só foram possíveis após incessantes tentativas de valorização subjetiva e posterior ação intersubjetiva. Nesses momentos, utilizamos muitos recursos lúdicos, dinâmicas de grupo e jogos dramáticos.

Um profissional só pode interagir num determinado meio quando ele tem oportunidade de conhecer a realidade que permeia os envolvidos. Não basta ser apenas um “intelectual memorizador”, é preciso conectar o conteúdo com a realidade, com o jeito de ser do grupo e paulatinamente vai havendo uma superação, um salto qualitativo no processo de ensino-aprendizagem. “Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se ‘dispõe’ a ser ultrapassado por outro amanhã ” (FREIRE, 1996, p. 31).

O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. E que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo (FREIRE, 1996, p.71).

Mesmo desconhecendo este pensamento de Paulo Freire, na época em que eu era garota e estava sentada numa carteira escolar, a questão da avaliação no sistema educacional sempre causou-me indignação pela maneira fria e calculista que se dava. Quando, no desempenho da função como arte-educadora dentro do sistema formal de ensino, iniciei aplicando o que tinha aprendido durante toda a minha vida escolar: a temida prova, valendo nota (antigamente de zero a cem, atualmente de zero a dez). Eu percebia que, se durante o transcorrer do bimestre, o professor e os alunos tinham uma relação de produção, por que então, deveria existir o dia em que o professor elaborava, testava, corrigia e media isoladamente o aluno ? Se o conhecimento era uma construção grupal, por que teria que existir a avaliação individual ?

Na minha atuação como arte-educadora, após diversas tentativas e muito diálogo com os alunos, criamos uma avaliação diferente daquela aplicada pela maioria dos professores de artes. Se por um lado era preciso atender às exigências do sistema escolar vigente no aspecto quantitativo, tentaríamos então torná-las num resultado menos cartesiano.

Considerar apenas o quesito técnica, como era considerado tradicionalmente, era totalmente contraditório à minha concepção de arte-educação, por isso, na disciplina de

educação artística que eu ministrava, as avaliações foram redirecionadas. Criou-se então a avaliação “Múltiplos Olhares”, sendo a atividade desempenhada individualmente ou grupalmente, avaliada primeiramente pelo próprio artista ou artistas (caso o trabalho fosse grupal), depois avaliada pelos membros dos outros grupos e, por último, vinha o olhar da educadora. Os artistas não só registravam num papel cada etapa do trabalho proposto, como se expressavam verbalmente, considerando os quesitos previamente definidos com toda a turma, os quais variavam de acordo com a expressão artística ou conteúdos que estavam sendo ministrados. Alguns eram fixos: criatividade, organização, cooperação e limpeza. Outros quesitos variavam. Com este tipo de avaliação, os olhares passaram a ser cada vez mais críticos, sinceros e dotados de uma percepção cada vez mais aguçada. Todo processo, desde a idéia inicial até a sua concretização era exposto, propiciando que um aluno conhecesse um pouco mais o outro e assim gradativamente se instalava o respeito ao diferente, ao divergente.

Podemos confirmar então, o que Paulo Freire diz: “ensinar exige apreensão da realidade. Como professor preciso mover com clareza na minha prática. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade para nela intervir, recriando-a” (FREIRE, 1996, p.76), Aí ele está falando não só da realidade sócio-cultural do educando, mas também da realidade que o educador encontra em cada escola, em cada comunidade. Não podemos apenas aceitar, sem questionar, sem propor mudanças. Errar faz parte do processo e dialogar com os alunos, coordenador, diretor, pais etc, só traz novos olhares para uma conduta individual. Quando, como arte-educadora, eu propus uma mudança na avaliação da disciplina, eu encontrei nos alunos não só o mesmo desejo de mudança, mas a disposição para juntos encontrarmos uma forma melhor. A verdade é que é difícil para um profissional admitir que está pedindo a opinião de alguém, pois isso pode ser interpretado como falta de domínio do conhecimento. “Ensinar exige humildade”. Uma grande maioria

ainda está arraigada aos pensamentos dicotomizados ensinar – aprender, quando é “a nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido” (FREIRE, 1996, p. 77).

Atualmente, o CEPROMM funciona como a escola desejada por todo aluno – uma escola viva; um espaço onde a avaliação acontece de forma natural, individual e coletiva, diária e contínua, não tem nota; um lugar onde aprende-se sem ficar meramente repetindo a lição dada, mas sim como uma série de envolvimento; um espaço de alegria e esperança.

Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. (...) A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 1996, p. 87-88).

O que permeia todo o trabalho do educador popular comunitário é a convicção de que a mudança é possível, que a sua eficácia em determinada comunidade se dá pela convivência. No momento em que o profissional está presente, ele deverá estar “mergulhado”, nunca numa posição neutra ou ingênua da situação. Nos encontros arte-educativos o que era inicialmente apenas “lamúrias” passaram a ser opiniões críticas acerca da violência, da prostituição, das drogas e principalmente sobre a pobreza que os afeta. As próprias mazelas deflagram a revolta, mas é necessário conscientizar que não basta mostrar o óbvio, é preciso encontrar formas de superar as injustiças.

Há dois anos os integrantes da Trupe Pedagógica participam ativamente do “Grito dos Excluídos”¹¹, ajudando o CEPROMM a difundir as idéias de uma cidadania ativa, com a soma dos esforços, da imaginação e da criatividade, para que o povo marginalizado do Jardim Itatinga possa manifestar-se, assim como ocorre em todo o território nacional. No desfile do dia 7 de Setembro, após desfilarem os militares, representações dos serviços públicos e

¹¹ Movimento promovido pela Igreja Católica - Setor Pastoral Social, celebrado anualmente, em nível nacional, no dia 07 de setembro (CNBB, Vozes, 1996, p.106)

escolas, desfilam os excluídos, com suas expressões culturais populares, fazendo ressoar seus anseios por uma sociedade mais justa e igualitária. Em Campinas, promovemos no CEPROMM reflexões críticas sobre os temas propostos pelos organizadores do Grito em nível nacional. Após as reflexões e debates organizamos concursos de pintura, produção de textos, painéis, palestras e, no dia do desfile, frases criadas pelas crianças e pelos adolescentes se fazem ouvir, acompanhadas por coreografias. Como falava Paulo Freire: “A realidade é essa agora, mas pode ser outra. O amanhã não é algo pré-dado, mas um desafio, um problema” (FREIRE, 1996, p. 83 e 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo e comentário crítico sobre o capitalismo na fase neoliberal, com seu acúmulo econômico desordenado, explanados no início dessa dissertação, explicou-se o aumento do fenômeno da exclusão social. Dentro desse contexto de exclusão, enfocamos o agravamento do fenômeno no Brasil, em virtude das diversas fases econômicas brasileiras que sempre mantiveram o capital nas mãos de poucos e uma grande maioria em situação de extrema pobreza.

No seio dessa miséria extremada encontram-se as mulheres do bairro Jardim Itatinga, confinadas na promiscuidade, no desprazer de proporcionar prazer, na convivência diária com a violência, com o tráfico de drogas e com a ausência de perspectivas de melhores dias. O capitalismo neoliberal não foi abordado nesse trabalho de pesquisa para justificar a prostituição, pois a mesma já existia muito antes do capital entrar em cena, mas teve como objetivo mostrar as desigualdades sociais, as mazelas, que a essência do capitalismo não dá conta de superar.

As mulheres prostituídas do Jardim Itatinga que têm filhos, depositam nessas crianças e adolescentes, a esperança de que eles não precisem repetir o mesmo caminho percorrido por elas. A realidade sócio-econômica dessas mulheres resume-se na prática da prostituição dentro desse confinamento, na luta diária pelo próprio sustento e pelo sustento dos seus filhos.

Se o contexto capitalista vigente deflagra a degradação humana, os filhos das mulheres prostituídas enfrentam não só a condição de jovens pobres e excluídos, mas principalmente, a condição de serem os filhos “delas”: um estigma que a sociedade impõe às suas mães e que é extensivo a eles também.

Nos quarenta e quatro anos de existência do bairro Jardim Itatinga, as mulheres desse bairro contaram, nos últimos vinte e oito anos, com as atividades da Pastoral da Mulher

Marginalizada, que construiu o Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada – CEPROMM, para uma ajuda humanitária, resgatando a dignidade das mulheres prostituídas e dos seus filhos. Quando uma comunidade carente encontra um local com pessoas que acolhem, escutam e se mostram dispostas a estarem ao seu lado, ações surpreendentes podem ocorrer. A PMM-CEPROMM possui muitas histórias vitoriosas de mulheres, crianças, adolescentes e jovens que comprovam essa afirmativa.

Ao adentrar no bairro e principalmente no CEPROMM para elaborar essa pesquisa, procurei, após conhecer a dinâmica do local, colaborar nos trabalhos educacionais ali ministrados, defendendo o papel da educação e da cultura como forma de conscientização. O teatro-educação foi utilizado como ferramenta para uma clientela de crianças e adolescentes, que jamais havia imaginado estar dentro das escolas particulares e públicas da cidade, apresentando peças teatrais pedagógicas. Ao mesmo tempo em que refletiam e aprendiam a pensar além do que viam e sabiam, a construção e a transformação foram acontecendo - um pensamento político e uma ação voltados para uma transformação consciente e desejável.

Analisando o processo, podemos afirmar que, primeiro, ocorreu uma instrumentalização pedagógica para que houvesse um aumento da auto-estima, para só depois haver uma análise reflexiva sobre o contexto de vida como filhos de mulheres marginalizadas. Foi preciso que eles tivessem condições de sair da única realidade que se lhes apresentava, passando a outros múltiplos olhares.

Se no início do trabalho tivéssemos apenas promovido uma visita a uma escola particular da cidade, provavelmente isto só os teria revoltado, porque seriam vistos como crianças e adolescentes pobres, pedindo esmola. Se a classe média soubesse que muitos são filhos de prostitutas, provavelmente a presença não seria desejada. Eles chegaram, munidos de um potencial artístico-pedagógico de interesse das escolas contratantes. Estava ali um grupo teatral, formado por alunos que tinham um conteúdo intelectual a ser transmitido e de posse

desse conteúdo pedagógico, desse conhecimento, as portas abriram-se. Percebe-se então o quanto o conhecimento é importante para diminuir as desigualdades, comprovando aqui a teoria de Paulo Freire frente aos oprimidos. Vale ressaltar que, quando vendemos o espetáculo a uma escola, procuramos não enfatizar a condição deles como filhos das mulheres prostituídas, mas os apresentamos como um grupo de alunos da periferia.

Buscou-se numa relação dialética entre a teoria e a prática, num aprofundamento da relação entre o indivíduo e o coletivo, passar da dependência dos componentes envolvidos na intervenção arte-educativa no Cepromm para a independência, quesitos tão pesquisados e discutidos nas obras do educador Paulo Freire, as quais foram lidas e relidas durante todo processo desta pesquisa.

Constata-se então que os elementos principais desta investigação foram: a participação, a ação coletiva e a transformação, utilizando-se o teatro como instrumento metodológico no processo de superação dos conflitos e questões sociais envolvendo essas crianças e adolescentes, num alívio das tensões e problemas de seu cotidiano.

A investigação e análise do papel do teatro-educação, tendo como cenário principal o CEPROMM, teve no decorrer do processo uma avaliação participativa, na qual foi detectado o valor que toda comunidade pesquisada dá ao teatro. Também, a importância do teatro para os espectadores das escolas onde os espetáculos teatrais pedagógicos foram apresentados, auxiliando no processo ensino-aprendizagem.

As principais constatações dessa investigação, além das destacadas acima, são o forte veículo de comunicação, diversão e principalmente de educação, proporcionado pelo teatro. Um teatro-educação que veio complementar os incessantes esforços do CEPROMM na política de ação comunitária. A construção de uma força viva da comunidade do Jardim Itatinga, para refletir e encontrar soluções para superar os problemas locais. Também, mostrar

a perfeita adaptação da exploração, da prostituição na lógica da acumulação, do lucro e do mercado.

A prática descrita no desenvolvimento desse trabalho de teatro-educação não se apresenta como “modelo geral”, mas como uma experiência positiva local na reafirmação da auto-estima, gerando um autoconhecimento, um pensamento crítico aliado à corporeidade da pessoa que torna-se um sujeito ativo da realização do ato artístico. Uma experiência apoiada na educação sócio-comunitária, vislumbrando uma participação política ativa e consciente das crianças e adolescentes envolvidos. Uma educação voltada para os valores concernentes a uma cidadania, indo na contramão do individualismo que o sistema neoliberal prega, incentivando a competitividade. Uma educação que se fundamenta na dignidade da pessoa humana, fomentando: a responsabilidade pelas ações que concretiza, a participação, a organização, de tal modo que é gerado o bem estar social.

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, Adagoberto. *Bando executa mulher e fere criança de 4 anos*. O Correio Popular, Campinas, 02 mar.2004.
- BELLO, Susan. *Pintando sua alma*, Brasília: UnB-Universidade de Brasília, 1997.
- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BIGATTO, Deize et al. *Pastoral da Mulher Marginalizada*. Monografia (apresentada ao final do curso de Ciências Religiosas) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Organização de Alexandre de Moraes. 16. Ed. São Paulo: Atlas, 2000
- BUCHBINDER, Mario. *A poética do desmascaramento*. Tradução de Maria Lucia Cavinato. São Paulo: Ágora, 1996.
- BULGARELLI, Reinaldo. *Direitos da criança e do adolescente: convites de um aprendiz para uma viagem por estradas percorridas e por paisagens novas (e urgentes !)*. In: _____. Muitos Lugares para Aprender. São Paulo: Cenpec, 2003.
- CAMPOS, André et al. *Atlas da Exclusão Social no Brasil: dinâmica e manifestação territorial*. São Paulo: Cortez, 2003. v. 2.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *A ideologia do trabalho*. São Paulo: Moderna, 1992.
- CAVALIERI, Ana Lúcia. *Teatro vivo na escola*. São Paulo: FDT, 1998.
- COSTA, Maria Teresa. *A origem do bairro Itatinga* O Correio Popular, Campinas, 11 out. 1991, p. 4.
- CORREIO POPULAR. *Cresce o número de crianças indigentes*. Campinas, 04 out. 2003, p. B-9.
- CURADO, José Alberto da S. *A mulher de “vida fácil” numa conjuntura difícil*. In: _____. *A prostituição em debate: depoimentos, análises, procura de soluções*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 19-27.
- CORREIO POPULAR. *Debate inclui pobreza e globalização*. Campinas, 26 jan. 2004, p. B-8.
- CORREIO POPULAR. *Desemprego nunca foi tão alto*. Campinas, 11 dez. 2003, p. B-5.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Itinerário de uma crise: a modernidade*. Curitiba: Editora UFPR, 1997.

- FERNANDES, Waldemar José. *Origem, potencial e realização dos grupos de reflexão hoje*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIA DE GRUPO, 7, 2003, Campinas. Tópico temático... Unicamp, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FILHO, Bargas. *Jardim Itatinga, da prostituição ao crime*. Correio Popular, Campinas, 10 set. 2001, p. 3.
- FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 1987.
- FONSECA, Katia. *Revolução nos Palcos*. Correio Popular, Campinas, 25 jan. 1998, p. C-1.
- FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Edusp, 1997, p.23-82.
- FREIRE, Nita (Org.). *Paulo Freire: pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 1997.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. *Conscientização – teoria e prática da libertação*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____ & Iván Illich. *Diálogo*. Buenos Aires: Busqueda-Celadec, 1975.
- _____ & NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer – teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- GADOTTI, Moacir & GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação Comunitária e Economia Popular*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GORAYEB, Raquel Vaserstein. *Uma reflexão sobre o processo do jogo teatral*. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O PAPEL DA ARTE NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA E DO JOVEM, 1, 1994, São Paulo. Anais... Universidade Cruzeiro do Sul, 1994. p. 118-131.
- GUIMARÃES, Antônio (Org.). *Dicionário do pensamento marxista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- HOLLIDAY, Oscar. *Para sistematizar experiências*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1996.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 21. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986, cap.18.

JOBARD, João Francisco; SANTANA, Nivalda Bellode. *Relatório sobre a realidade da prostituição na zona de confinamento de Campinas*. Campinas, 1980.

KORTEN, David C. *Quando as corporações regem o mundo*. Tradução de Anna Terzi Giova. São Paulo: Futura, 1996, cap. 18-20.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. São Paulo: Perspectiva / Edusp, 1991.

MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARCHAND, Pierre. *O teatro no mundo: A história dos atores, dos figurinos, do público e dos cenários*. Tradução de Célia Regina de Lima. São Paulo: Melhoramentos, 1995

MARTINS, Maria Ceci Rêgo. *Teatro-educação na formação de educadores (as) populares: uma experiência no movimento de educação de base em Branquinha – AL 2002.109 f.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Paraíba, em convênio com o Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas, Maceió.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Tradução de Maria Lucia Como. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura), p.7-28.

MASSULA, Letícia; MELO, Mônica de. *Tráfico de mulheres: prevenção, punição e proteção*. São Paulo: Crápica editora, 2003.

MAZZARIOL, Regina Maria Mazzariol, “*Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas*” – SP 1976. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, área de antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Zuleide Faria de. *A falácia do discurso neoliberal*. Revista de Educação-Revista da Associação de Educação Católica do Brasil, Brasília, ano 25, nº 100, jul/set. 1996. ISSN 0104-0537.

MORAIS, Régis de. *Violência e educação*. Campinas: Papyrus, 1995.

Os grandes mestres e seus métodos, Guia do Ator, Rio de Janeiro, Ediouro, nº 1, set.1997

PAÏN, Sara & JARREAU, Gladys. *Teoria e técnica da arte-terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PEREIRA, Armando da Costa. *Manual do artista de televisão, teatro e cinema*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980.

PIGNATARI, Décio. *Contracomunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

PM é acusada de maus-tratos em ações no Jardim Itatinga. *Correio Popular*, Campinas, 04 dez. 2003, p. B-2.

POR QUE escrevo ? Frederico Garcia Lorca. Disponível em:
<<http://www.capivara.com/misterios/porque/porque4.htm>. Acesso em 09 jul. 2003.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O processo Grupal*. Tradução de Marco Aurélio Fernandes Velloso. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.

ROSSIT, Mário. *Tráfico domina zona de prostituição*. *Correio Popular*, Campinas, 09 out. 2001, p. 2.

ROVERI, Andréa. *Jardim Itatinga: bairro onde o amor é profissão*. *Correio Popular*, Campinas, 25 jan. 1998, p. 10.

SETOR PASTORAL SOCIAL-CNBB. *O grito dos excluídos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Ronalda Barreto. *Educação comunitária além do Estado e do mercado ? A experiência da campanha nacional de escolas da comunidade-CNEC (1985-1998)*. 2001. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A farsa do neoliberalismo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1995.

TEIXEIRA, Francisco J. S. “O neoliberalismo em debate”, In: _____ & Manfredo Araújo de Oliveira (orgs.). *Neoliberalismo e reestruturação produtiva. As novas determinações do mundo do trabalho*, São Paulo: Cortez, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1998, p.195-252.

TIENE, Izalene. *Mulher moradora na rua: espaços e vivências - um estudo exploratório sobre as moradoras na rua de Campinas – SP*. 2000. 172 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

TOMANIK, Eduardo Augusto. *O olhar no espelho: “conversas” sobre a pesquisa em ciências sociais*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1994.

TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico & civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, p. 97-143.

ANEXOS

Anexo 1 – Descrição dos Jogos que foram criados para amenizar os problemas de memorização do texto teatral, concentração, etc.

JOGOS

ETAPAS:

- 1ª) Divisão do grupo com 10 componentes em dois grupos (Grupos A e B), com 5 componentes cada.
- 2ª) Antes de iniciar cada jogo, as regras foram explicadas em detalhes, esclarecendo-se as dúvidas.
- 3ª) Enquanto o Grupo “A” jogava, o Grupo “B” ficava observando e depois trocava-se as posições. A duração de cada jogo era de 5 minutos.
- 4ª) Contagem dos pontos.
- 5ª) Avaliação de todo processo.

JOGO 1 – “LÁPIS”

Material:

Uma embalagem vazia de pizza, colocada sobre uma mesinha (Só a tampa da embalagem)
10 lápis com 1 frase do texto teatral diferente, afixada com fita adesiva transparente, em cada lápis
Palitos de churrasco (2 palitos por participante)
Uma linha limite, feita com fita adesiva, ou riscado com giz, no chão.
Um apito.

Ao som do apito, os adolescentes ficaram ao redor da mesinha, pegaram 2 palitos de churrasco cada um e todos ao mesmo tempo tentavam tirar um lápis de dentro da embalagem, utilizando os 2 palitos.

A medida que tirasse um lápis, lia sua frase em voz alta e ficava esperando até que todos conseguissem tirar 1 lápis.

Depois que cada adolescentes já tinha lido a sua frase, poderiam retirar os outros lápis.

Um ponto a cada lápis retirado.

Um dos participantes pegava os 10 lápis e jogava novamente dentro da forma de pizza, até o som do apito.

Ao som do apito, parava-se de jogar, havendo rodízio com o Grupo “B”.

A educadora anotava o total de pontos numa folha.

JOGO 2 – BOLA AO CESTO

Material:

1 cesto pequeno de lixo
10 bolas de jornal, enroladas com fita adesiva larga
1 frase do texto teatral diferente colada em cada bola.
Uma linha limite, a uma boa distância do cesto.

Os participantes fizeram uma fila (um atrás do outro) atrás da linha limite.

A educadora entregou uma bola ao primeiro da fila.

O primeiro pegou a bola, leu a frase para o grupo e depois tentou encestar a bola.

Quando **não** conseguia encestar, pegava a bola que caiu no chão e entregava na mão da educadora, indo para o final da fila.

Se conseguia encestar, a educadora entregava outra bola, retirando a bola já lida do cesto.
Um ponto a cada bola encestada.
Ao som do apito parava-se de jogar, havendo rodízio com o Grupo “B”.
A educadora anotava o total de pontos numa folha.

JOGO 3 – MÍMICA

Material:
20 frases escritas em tiras de papel.
linha limite.

O grupo ficou na linha limite, em fila horizontal.
O educador estava a uns 3 passos a frente e chamava um da fila.
Mostrava uma frase, sem que os outros vissem.
O participante lia silenciosamente e, através de mímica, fazia com que o grupo acertasse.
Um ponto a cada frase acertada.
Só podia participar novamente, quando todos tivessem feito a sua mímica.
Ao som do apito parava-se de jogar, havendo rodízio com o Grupo “B”.
A educadora anotava o total de pontos numa folha.

JOGO 4 – FORMAR FRASES

Material:
10 frases do texto teatral, recortadas por palavras e colocadas em papelão .Cada frase foi escrita com uma cor diferente.
As frases foram misturadas dentro de uma caixa.

Ao som do apito, os participantes pegaram as palavras misturadas e formaram as frases.
1 ponto a cada frase formada corretamente.
Cada vez que acertarem o grupo lerá a frase simultaneamente.
Quando conseguiam formar as 10 frases corretamente, a educadora embaralhava as palavras dentro da caixa novamente e reiniciava o jogo.
Ao som do apito parava-se de jogar, havendo rodízio com o Grupo “B”.
A educadora anotava o total de pontos numa folha.

JOGO 5 – CÍRCULO

Material:
Uma bola “dente de leite”
Palavras trissílabas e polissílabas retiradas do texto teatral, escritas com giz no chão, formando um círculo.

Ao som do apito, cada participante escolheu uma palavra do círculo e ficaram na frente dela.
A educadora jogou a bola para o alto dando início ao jogo. Cada adolescente que tocava na bola tinha que gritar a palavra escolhida por ele.
A educadora contava quantas vezes a bola foi tocada na mão de alguém, sem cair no chão.
Contava-se 1 ponto a cada 10 vezes que a bola era tocada, sem cair no chão.
Se a bola caísse no chão, começava-se a contar do número 1 novamente.
Ao som do apito parava-se de jogar, havendo rodízio com o Grupo “B”.

A educadora anotava o total de pontos numa folha.



JOGO 6 - TRIÂNGULO

Material:

Um triângulo feito com giz ou fita adesiva no chão

O triângulo foi dividido em 5 partes, contendo um número (de 1 a 5) em cada uma.

10 tampinhas de copo de requeijão, com 1 frase diferente escrita em cada uma.

Uma linha limite, a uma boa distância do triângulo.

Formou-se uma fila (um atrás do outro) atrás da linha.

A educadora entregou uma tampinha para o primeiro da fila.

O primeiro leu a frase da tampinha para o grupo e jogou no triângulo .

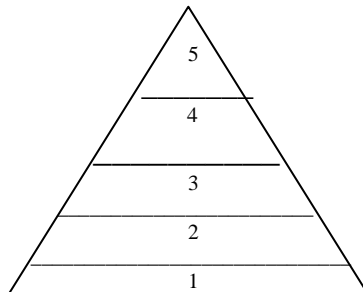
Se conseguisse colocar dentro de alguma pontuação do triângulo, recebia outra tampinha.

Se não conseguisse colocar dentro de alguma pontuação do triângulo, sem pisar nas linhas do triângulo, retirava a tampinha e entregava para a educadora, indo para o último lugar da fila.

Reiniciava o jogo até o tempo acabar.

Ao som do apito parava-se de jogar, havendo rodízio com o Grupo “B”.

A educadora anotava o total de pontos numa folha.



TAREFA 7 - MURAL

Material:

O texto da peça teatral afixado na parede com fita adesiva, formando um mural

20 frases retiradas do texto e escritas em tiras de papel.

Uma linha limite

Ao som do apito, a educadora entregou uma frase a cada participante, que deveriam simultaneamente, procurá-las no mural.

Um ponto a cada frase encontrada.

Quando um adolescente encontrava a frase, ele mostrava para a educadora e depois ele lia em voz alta.

Este participante que já encontrou a sua frase ajudava os colegas.

A educadora ia segurando as frases e quando todos já estivessem lido cada um a sua frase, ela dava mais uma frase para cada adolescente e o jogo recomeçava, até o término do tempo.

Ao som do apito parava-se de jogar, havendo rodízio com o Grupo “B”.

A educadora anotava o total de pontos numa folha.

Depois que terminava os rodízios de todos os jogos, somávamos os pontos dos grupos “A” e “B” e comemorávamos os resultados. Formávamos então um círculo, para a avaliação de cada jogo: o que sentimos, as dificuldades, as facilidades, etc.

Nesta etapa da avaliação todos queriam falar ao mesmo tempo. Peguei então um objeto (um vasinho de flor) e coloquei no centro do círculo. Só poderia falar quem estivesse segurando o vaso na mão. Posteriormente o vasinho foi substituído por um pacote de biscoitos e além de treinarmos a vez de cada um falar, nós tínhamos um momento de avaliação muito prazeroso, degustando também os biscoitos.

Anexo 2: Reportagem da Trupe Pedagógica no Jornal Correio Popular de Campinas

Projeto Cidadão 2002

RAC CPFL

Cidadão 2002 é uma iniciativa da Rede Anhanguera de Comunicação em parceria com a CPFL. Até novembro, o Correio Popular, às quartas-feiras, reportagens que destacam ações sociais voluntárias de pessoas. Todas concorrem ao prêmio no final do ano.

CAMPINAS, QUARTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 2002

CORREIO POPULAR

PROJETO CIDADÃO 2002

Voluntárias colocam em cena trupe do Itatinga

ARTE-TERAPEUTA E FONOAUDIÓLOGA DESENVOLVEM PEÇAS TEATRAIS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES FILHOS DE MÃES MARGINALIZADAS

Jary Mércio
Especial para o Correio

Vila Industrial, Campinas. No auditório do Colégio Renovatus, uma das mais conceituadas escolas particulares de Campinas, frequentada, em sua maioria, por filhos da classe média alta da cidade, meninos e meninas pré-adolescentes, entre 9 e 15 anos, movimentam-se irrequietos nas poltronas. Alguns, como é de costume, pulam e emitem gritos; outros, mais recatados, permanecem num silêncio reverencioso. O clima, porém, que predomina na plateia, tanto entre os alunos disciplinados como entre os chamados "bagunceiros" é o de ansiedade: afinal, todos vão ver, daqui a pouco, um espetáculo teatral... "diferente".

Elenco da peça *A Vida é uma Festa*: artistas atuam tanto no palco como nos bastidores das montagens teatrais

Iniciativa do Cepromm revela jovens talentos

Cláudio, 13 anos, Jackson, 13, David, 12, Cleyton, 15, e Shirley, 11. O que todos eles têm em comum, fora o fato de serem adolescentes, é, exceto por Cláudio, terem nomes – se é que ainda podemos chamar assim – "estrangeiros": Eles têm muito em comum além da idade e dos nomes "de artistas": eles são, de fato, artistas. Cláudio, Jackson, David, Cleyton e Shirley integram, com outros meninos e meninas atendidos pelo Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada (Cepromm), a Trupe Pedagógica, que está com dois espetáculos prontos para serem apresentados nas escolas da cidade.

talento na pele dos personagens que interpretam no espetáculo *O Mundo do Livro*. Coordenado pela arte-terapeuta Maria Cecília Marchi Pellegrini e pela fonoaudióloga Vera Aparecida Camilli Pastrelo, o grupo de teatro infanto-juvenil Trupe Pedagógica, do Cepromm, em dois anos de atividade, já tem dois espetáculos montados: *O Mundo do Livro*, dirigido a crianças acima de 8 anos, e *A Vida é Uma Festa*, para crianças de 2 a 8 anos. Ambos os textos foram escritos por Maria Cecília, que é graduada em Artes pela PUC-Campinas.

Naturalmente, para o bom transcorrer da sessão, os alunos do Renovatus não foram previamente informados quanto a esse "detalhe" da vida dos pequenos artistas que verão daqui a pouco no palco. Mas sim, de que se trata de um grupo formado por crianças carentes da periferia de Campinas, que frequentam o Centro Comunitário Nossa Senhora Aparecida do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada (Cepromm), do Jardim Itatinga. Isto basta para que a maioria da plateia se mantenha num misto de curiosidade e apreensão que explica toda a ansiedade que paira sobre o ambiente antes que se abram as cortinas do palco. Pronto, as cortinas se abrem. E o que é que as crianças do Renovatus vêm no palco? Crianças iguais a elas, bonitas como elas, falando igual a elas e, o que é mais importante no caso, revelando verdadeiro

compreem os espetáculos. Quanto mais apresentações fizermos, mais nossos objetivos serão cumpridos", reforça a arte-terapeuta Cecília. Cecília e Vera trabalham como voluntárias para o Cepromm, entidade fundada há mais de 20 anos em Campinas (inicialmente apenas com o nome de Centro Comunitário Nossa Senhora Aparecida) pelas religiosas da Congregação do Bom Pastor e a Pastoral da Mulher Marginalizada da Arquidiocese de Campinas. Dirigido desde sua fundação pela irmã Maria Lourdes de Jesus, o Cepromm, que tem sua sede na Rua Caiatã, no Jardim Itatinga, tem como foco principal de suas atividades a mulher marginalizada e seus filhos. Contando com uma rede de voluntários e o apoio da Prefeitura Municipal, da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (Fecas), de organizações não-governamentais e outros organismos, o Cepromm atua mais especificamente na promoção da mulher prostituída e seus filhos, oferecendo às mães desde orientação sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST/AIDS) até cursos profissionalizantes, e às crianças e adolescentes, apoio pedagógico e atividades sócio-educativas, como teatro, dança, esportes, artes plásticas, brincadeiras. A clientela infanto-juvenil do Cepromm também faz as referên-

Cecília e Vera: desenvolvendo e revelando talentos

ções no período em que frequenta a entidade. Mas, de todas as atividades sócio-educativas do Cepromm, aquelas relacionadas ao teatro são as que mais motivam a garotada do Cepromm, desde que, há dois anos, Vera e Maria Cecília tiveram a ideia de despertar o ator – ou o ator gráfico ou o somplástico – que existe dentro de cada criança da entidade. Ah, faltou dizer que o espetáculo *O Mundo do Livro*, com a Trupe Pedagógica dos meninos e meninas do Itatinga foi um sucesso entre os meninos e meninas do Colégio Renovatus.

Pois é, foi a garotada vibrou com a peça, captou a mensagem de que o livro é um dos melhores amigos do homem e, ao final, aplaudiu de pé.

Serviço
Como enviar sugestões: Para sugerir ações voluntárias em Campinas e nos 19 municípios da Região Metropolitana basta enviar à Redação material contendo resumo do trabalho desenvolvido, breve currículo, endereço e telefone. O material, que passará por uma seleção, pode ser enviado via e-mail (cidadao@rac.com.br) ou por carta, no endereço Rua Sete de Setembro, 195, Vila Industrial, Campinas (SP), aos cuidados do jornalista Jary Mércio. O CEP é 13035-350.

Iniciativa visa aprendizado, estimular a auto-estima e ainda rende cachê

zada em arte-terapia e diretora teatral. A direção foi dividida entre Cecília e Vera, que é graduada em fonoaudiologia pela PUC-Campinas e especializada em motricidade oral e fonoaudiologia clínica. "A ideia é usar o teatro em várias frentes com as crianças: como alavanca educacional, para passar conteúdos; como estímulo para a busca da auto-estima; e até como complemento da renda familiar, uma vez que os espetáculos são vendidos a escolas ou patrocinadores, e as crianças recebem um cachê", sintetiza a fonoaudióloga Vera.

"Claro que, para isso, é preciso que as escolas, que são o público alvo de nossas peças,

Correio Escola está na origem do projeto teatral

A ideia de usar o teatro como uma "ferramenta" no apoio pedagógico oferecido às crianças do Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada (Cepromm) – todas elas, frequentadoras da rede pública de educação – foi dada, sem saber, pelas próprias meninas e meninas. É a inspiração para a ideia surgiu por intermédio do projeto *Correio Escola*, do Departamento de Educação da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC) – publicada nos jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo*, e controladora da Agência Anhanguera de Notícias (AAN) – e do portal *Cosmo On Line* – como conta a arte-terapeuta Maria Cecília Marchi Pellegrini. "Isso foi no início de 2001. As crianças tiveram a ideia de montar um aparelho de televisão, com o uso de material de sucata e o que mais tivessem à mão, para entrar dentro e fazer uma espécie de telejornal. Mas, ao invés de eles colocarem na TV apenas um apresentador e uma apresentadora para ler as notícias, eles fizeram isso tudo e ainda encenaram os fatos noticiados no jornal", lembra Cecília. "Foi

quando vimos que estávamos diante de um enorme potencial a ser trabalhado", lembra. Voluntária do Cepromm há três anos, Cecília foi levada à entidade pela amiga e companheira catequista da Paróquia do Cristo Rei, no Jardim Chapadão, Vera Aparecida Camilli Pastrelo, voluntária da entidade do Itatinga há seis anos. Embora só Cecília tenha uma formação e experiência, pois atuou e dirigiu em teatro amador em Maceió, onde morou) mais diretamente ligada ao palco, Vera, como fonoaudióloga, também tinha muito a contribuir na matéria, nas áreas de diction, empastação e projeção de voz. Tanto que as duas já vinham trabalhando em conjunto nas encenações de Crianças do Cristo Rei. Juntas, Vera e Cecília fundaram então, no início do ano passado, a Trupe Pedagógica, em dois grupos com faixas etárias distintas, as crianças, pré-adolescentes e adolescentes que demonstravam interesse em fazer teatro. "Só mesmo quem conheceu esses meninos e meninas é que sabe como o teatro mudou seus

jeitos de ser; de falar; de se comportar. Isso, sem tirar a espontaneidade de ninguém, pelo contrário, valorizando o que cada um tem de melhor, de mais criativo e original", conta a arte-terapeuta, dramaturga e diretora Cecília. "Outro lado que é bom destacar é a fluência na linguagem que eles passaram a ter, a consciência da própria voz, a postura. Tudo isso eles foram incorporando de maneira natural, dentro dos trabalhos de preparação de corpo e voz, e na composição de seus personagens", observa a fonoaudióloga e co-diretora Vera.

Atualmente, a Trupe Pedagógica está com dois espetáculos: *O Mundo do Livro*, que se passa em uma biblioteca povoada por livros que falam e busca incentivar nos pré-adolescentes e adolescentes o amor pela leitura, e *A Vida é Uma Festa*, que leva às crianças de 2 a 8 anos a noção da solidariedade. Os textos foram escritos por Maria Cecília Marchi Pellegrini e dirigidos por Cecília Pellegrini e Vera Pastrelo. Mais informações sobre como contratar os espetáculos podem ser obtidas pelo (19) 3297-3303. (JM)

PERFIL

Nome: Vera Aparecida Camilli Pastrelo
Idade: 50 anos
Bairro: de Leme - SP
Bairro: de Leme - SP
Formação: graduada em Fonoaudiologia pela PUC-Campinas, especializada em motricidade oral
Família: casada, três filhos
Residência: Maceió

Nome: Maria Cecília Marchi Pellegrini
Idade: 42 anos
Bairro: de Leme - SP
Formação: graduada em Artes pela PUC-Campinas, especializada em arte-terapia
Família: casada, quatro filhos

Serviço
Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada (Cepromm)
Rua Caiatã, 277, Jardim Itatinga, Campinas, SP
CEP 13054-040
Telefone: (19) 3225-7831

Confecção do figurino para *O Mundo do Livro*

Anexo 3 – Diploma de Honra ao Mérito



Anexo 4: Certificado Projeto Cidadão 2002



Anexo 7: Declarações para os pais.

DECLARAÇÃO

Eu,, portadora do documento de identidade nº, declaro estar ciente de que meu filho (a) participa do projeto de Iniciação Teatral do Cepromm, como integrante do grupo de teatro Trupe Pedagógica.

Estou ciente de que o referido projeto tem como regra que meu filho (a) precisa estar estudando numa escola da rede de ensino e que **não** pode ser no período vespertino.

Portanto, autorizo a sua participação nas apresentações teatrais em escolas particulares, públicas e instituições filantrópicas dentro do município de Campinas/SP durante o ano letivo de 2004, as quais ocorrerão sempre às segundas-feiras, das 13 às 17 horas.

Campinas, 18 de fevereiro de 2004

DECLARAÇÃO

Eu,, portadora do documento de identidade nº, declaro estar ciente de que meu filho (a) está participando do projeto de Iniciação Teatral Trupe Pedagógica e que durante todo o ano letivo de 2004, às segundas-feiras, das 13 às 17 horas estará em atividades do referido projeto e que não estará tendo reforço escolar nas dependências do Cepromm.

Campinas, 18 de fevereiro de 2004
